

NORA D'AQUINO

– NO BICO DO CORVO –

NOVE NARRATIVAS DE VELHOS: CORPO E VOZ

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Rasia

CURITIBA

AGOSTO 2004

CATAR FEIJÃO

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora com o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e o oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.
MELO NETO, João Cabral de (1975)

Aos do entorno nessa lida minha alegria.

Pelo realizado — Zezé Celso Enrique Mananga Baby Conceição Argentina
Nêne Erwin.

Pela inspiração — os velhos e o corpo técnico da Gaia residência para
idosos.

Pela interlocução — Eliana Tânia Cristina Eliane.

Pela discussão — Dalva Nasser Bento.

Pela presença — Uwe Távila Neusa Nuncio.

Pela qualificação — Márcia Kersten Dimas Floriani que abriram as janelas
para o público exigindo do íntimo que comunique.

Pela orientação — Rasia grão mais vivo que sabe acompanhar o risco.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	iv
RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO	1
2 VELHICE: UM CENÁRIO	7
2.1 UM APORTE SÓCIO-HISTÓRICO	10
2.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS ETARIEDADES: UM DISCURSO NATURALIZADO SOBRE O CORPO	13
2.3 O CORPO, A PALAVRA E A VOZ	18
2.4 OS TEMPOS	23
2.5 CIVILIDADE, REPUGNÂNCIA E VERGONHA	27
3 O FOCO - NITIDEZ E OBJETO	31
3.1 CORPO-IMAGEM	32
3.2 CORPO-VOZ	38
3.3 ORALIDADE	39
3.4 A VOZ E A POLÍTICA	43
4 OS SUJEITOS - AS VOZES - OS CORPOS	50
4.1 ZEZÉ	50
4.2 CELSO	63
4.3 ENRIQUE	69
4.4 MANANGA	90
4.5 BABY	97
4.6 CONCEIÇÃO	104
4.7 ARGENTINA	121
4.8 NÊNE	129
4.9 ERWIN	142
5 A VOZ - CONSTRUÇÃO DE CORPO E ALMA	154
6 CONCLUSÃO	174
REFERÊNCIAS	183

APRESENTAÇÃO

“No Bico do Corvo” é uma expressão de senso comum, utilizada de maneira jocosa quando um velho é interpelado sobre “como está passando?”

Estamos falando de velhos com mais de 80 anos, que frequentam grupos nos bairros da cidade, tem uma certa autonomia, preservam um trânsito próprio e principalmente, tem humor. Eles sabem que são vistos pela maioria, nos tais grupos de terceira idade, como muito velhos. Eles próprios controlam “a fila” dos contemporâneos que já morreram, fazem uma estatística espontânea do quanto são privilegiados pela condição de fruição da vida e soltam a voz com galhardia e precisão em direção ao alvo — a morte no horizonte.

“No Bico do Corvo” é um equivalente ao “Tô com o pé na cova”, sugere a iminência do morrer despido de anteparos simbólicos sofisticados, brinca com o imprevisto, com o tempo e atesta a condição mortal do homem. Nesse tempo — o da velhice, a energia não pode ser desperdiçada em grandes gestos, aliás, o próprio corpo não acompanha uma coreografia que exija das articulações, musculatura e equilíbrio, o que já não flui nervosamente pelos poros. Nesse tempo é a voz que ainda comunica — arauto das humanidades.

Esse testemunho na linguagem, através das nove narrativas coletadas, inscrevem um tempo social e reivindicam um lugar público, portanto político. Eles dizem o que dizem à partir de um “topus” que não é qualquer — a ante sala da morte, num tempo que ilumina o presente. Se estivessemos na ilha de Huxley (1967) eles seriam os pássaros a nos acordar com suas vozes, para o ato — a ação no tempo.

Esse velho que, surpreendentemente está humano, numa condição humana, deseja o trânsito, o reconhecimento de suas possibilidades num encontro espontâneo, entre pares, como já viveu alhures; percebe o quanto sua presença desconcerta. Então, generosamente expõe sua condição de mortalidade, num convite à interlocução entre homens, dispensando a tutela romântica que lhes oferecem as almas missionadas. Esse velho quer laços e sua voz ecoa nessa direção. Só há o que dizer se houver à quem dizer.

A velhice, como qualquer outro objeto de pesquisa, tem tantos ângulos de abordagem quanto tantos olhares inquiridores. A nossa escolha pretende capturar do

velho, a alma. É de senso comum a comparação do idoso com a criança, talvez pelo caráter de amparo que ambas as etariedades, em algum momento, solicitam.

Mas a cara multifacetada da velhice apresenta também a loucura, o abandono, a ignorância das instituições, o despreparo das famílias, o pânico do próprio velho, o sofrimento, a dor, a morte e uma faixa promissora no mercado de consumo.

A nossa preocupação reside no que o velho tem a dizer, quando não está refém dessas esferas, ou, apesar delas.

E o que pode significar para uma comunidade, um povo, uma cultura, o que ressoa dessa voz que atravessa o existir com a autoridade de quem vive ainda.

Mesmo que, no bico do corvo.

RESUMO

“No bico do corvo — nove narrativas de velhos: corpo e voz”, situa a velhice enquanto etariedade, vivida por velhos com mais de oitenta anos, exposta de viva voz — testemunhos.

O texto desenvolve um cenário sócio-histórico com o intento de situar o objeto lentamente, gradualmente; dada sua obviedade intrínseca: ao longo do tempo, é velho quem está vivo. Essa aparente “naturalidade” pode simplificar um processo sociológico sofisticado de construção e manutenção em habitar um corpo biológico decadente, num viés de novidade; na contramão de uma cultura que privilegia o utilitário, o fazer, o jovem; que confunde as esferas público/privado e cala o homem.

No Brasil, país em dívidas sociais contundentes, a velhice — uma minoria que se avoluma exponencialmente — margeia o assistencialismo sob o risco do isolamento.

As narrativas contextualizam: quem está vivo quer estar entre homens. Exibem um impacto com o existir, desenham fronteiras míticas que não nos isentam. Num átimo estamos refêns, reconhecemos personagens, situações — um encontro com a história, com a ética do viver no privado e no público, responsabilidade à qual não é possível exonerar-se. As narrativas assim como as experiências artísticas, as performances, ecoando o íntimo na presença de outros, imprimem uma espécie de realidade ao mundo e aos homens.

Os autores são mencionados à medida que contribuem com as questões que a voz escancara: a linguagem enquanto instituição social que constrói o tempo, o corpo e o lugar; um dizer que não é só literal, que potencializa o sentido numa medida de ressonância, como na poesia; a exigência que a vida e a morte fazem ao homem da presença no tempo, no corpo e a construção da história — o trapézio como um convite à voz.

Palavras chaves: velhice, voz, corpo, público/privado.

1 INTRODUÇÃO

**Desde toda vida
descompreendi inteligentemente
o xadrez, o baralho,
os bordados nas toalhas de mesa.
O que é isso? Eu dizia
como quem se ajeita para melhor fruir.
Fruir o quê? Eu sei. A mensagem secreta,
o inefável sentido de existir.
Adélia Prado¹**

A idéia aqui é de protagonista. Já, um caminho na contramão, porque o princípio do qual se parte é o de que o velho ainda está fora de cena. Aparentemente um contra-senso pois a velhice no Brasil já tem data no calendário oficial e força de lei.

Então, trata-se de um ângulo. Usamos Adélia na descompreensão inteligente a caminho da mensagem secreta. É um passo em direção ao próprio velho e em consequência, sua voz, porque quando tratamos do próprio precisamos de legitimidade.

Outra questão que nos colocamos diz respeito aos velhos em si. Escolhemos uma faixa etária definitiva: 80 anos ou mais. Inquestionavelmente, um velho! No esforço de estreitarmos ainda o objeto visando uma fruição pontual, o rigor exigia pessoas lúcidas em oposição ao estado demencial senil, para acolhermos a velhice dissociada do conceito de doença. A visada é a ação do tempo, suas consequências, o desgaste e pessoas que pudessem falar disso num relato espontâneo sobre suas vidas — esse parêntese de tempo em que foram protagonistas e expectadores do efeito ampulheta. Falar disso simplesmente porque falar implica isso — onde estão em imersão.

As indicações foram espontâneas, produto do próprio trabalho.

¹ PRADO, Adélia. **O coração disparado** _____. A fala das coisas, 1987. p.69.

Como já trabalhamos com velhos, precisávamos de contatos fora de nosso círculo de atividades, para evitar algum tipo de intenção ou direção outro que não a coleta de narrativas sobre qualquer coisa que eles pudessem ou quizessem dizer.

Quando fizemos o primeiro contato, todos eles já haviam sido consultados pelas pessoas que os conheciam, se desejavam falar, em geral familiares ou amigos muito próximos. Essa foi uma entrada interessante pois um clima de confiança importante já estava estabelecido. O obstáculo a ser transposto era na verdade um aquecimento esperado no encontro entre duas pessoas e enfim a medida que fizesse transbordar a voz, a partir de então, revisitando na ânsia de encontrar o inefável sentido de existir.

Falar é mesmo revisitar. E nessas alturas da vida, uma aventura que impõe desafios. Depois das formalidades, um silêncio como se um branco — um convite à inscrição. Essa abordagem é já um cálculo metodológico. O nosso interesse consistia em acolher a voz, independentemente do que fosse dito.

Essa voz, que não é qualquer uma, incita, investiga, exige. Não importa mesmo se xadrez, baralho ou bordados, ela atravessa a polidez, a burocracia, o recato, a reticência; e comunica. Comunica no sentido de testemunha e no contexto do ato. Basta querer ouvir. Basta querer saber. E isso não é pouco. É o laço entre homens, por excelência, que define humanidades, data, situa e dirige os vetores da história.

Explicamos que anotaríamos o que dissessem. Todos, com exceção de Conceição, falaram com mais vagar; acompanhavam o movimento da caneta enquanto esquadriavam as palavras, as cenas, as lembranças. Conceição advertia vez ou outra “Vê lá o que você está escrevendo aí!” O Celso quer um roteiro, ao que respondemos que não desejávamos dar uma direção à sua voz. Queríamos que ele se deixasse guiar por suas palavras, que fluísse. Mas Celso insistia “não sei por onde começar”. Então rompemos o desassossego com autoridade: “nome completo, idade, ano e lugar em que nasceu!” Celso sorri e magistralmente situa a transgressão que nos caracteriza — aos humanos: “Nasci em Rio Negro, mas sou de Curitiba”. Ele quer dizer, e diz, no mais além do registro oficial, que aqui (Curitiba) é o seu lugar. E em seguida situa a força

que caracteriza o seu percurso: “o destino me jogou aqui!” Belo presente. Trocamos um olhar de cumplicidade. Celso abria uma fresta para sua alma. O vínculo entre o ouvido e a voz é o primeiro trabalho. Isso posto, é o amor por esse trabalho — pela lembrança, que dá a direção. Não tanto no sentido freudiano da associação livre; mais no sentido sociológico de estar entre homens, de pertencer a esse campo específico de interlocução, onde a questão não se esgota no dito que o discurso vislumbra — reverbera.

O registro dos relatos foi manual, escrito em tempo real. A redação final, fiel à letra na medida do equívoco que a linguagem comporta, contemplou nesse limite o clima, o estilo, a expressão. Não corrigimos a fala. Mantivemos, na medida do possível de ser apreendido na escuta e na escrita, os tempos dos verbos — “até hoje, quando eu me lavo doía a orelha” (Ana Luísa, p.124) — que denunciam um tropeço para situar a dor que vem de longe. Nenhum artifício de gramática teria efeito mais legítimo. Consideramos a fluência como pontuação do texto, fiéis à tradição freudiana de ato falho — o que revela. Já aqui a voz tomada como ação, presença. O Erwin chegou a ditar parágrafos inteiros, com pontuação e correções soletradas. O Celso editou o texto final, *tira isso, aquilo também*. Falou mais do que queria ou mais do que devia. A Baby ficou muito assustada com a confissão do não-sentido. Conceição completamente a vontade, com pose de celebridade concedendo entrevistas. Argentina estava pressionada num limite que o corpo lhe impunha a perspectiva da impotência. Enrique ávido — ele quer muito — tem todas as palavras, o frescor da atualidade nas reminiscências — um presente escancarado. Mananga, infantil, cheia de ditos aparece pouco. Ela se põe exibida e reservada. Ana Luísa viaja, e saboreia. Gosta de falar e ouve o que diz, na fala. Ana Luísa se divertiu. Com Zezé foi uma hemorragia! O tempo esvaneceu-se. Foi um encontro com começo, meio e fim — intenso.

Todos ficaram surpresos, muito surpresos pelo interesse com o que tem a dizer um velho: “qualquer coisa, o que quiser”.

A linguagem é a institucionalização da necessidade humana de intercâmbio alteritário. Ela permite que a comunicação intersubjetiva transcorra ao nível do simbólico, isto é, a partir de um termo terceiro, consensual, social, cuja estrutura garante a inteligibilidade dos discursos. O código lingüístico, patrimônio comum, é esse termo terceiro a partir do qual os sujeitos se fundam. Há no código lingüístico, uma estrutura profunda, a *langue*, a partir de cuja lógica se torna possível a construção do discurso de cada um. A *parole*, invenção de cada um, uso livre que cada um faz do código, só é possível a partir da *langue*. A *langue* é contrainte, é limite, regra, prescrição, interdição. Ao assumi-la, o sujeito humano se torna capaz de *parole* – isto é – da invenção de si mesmo. (PELLEGRINO, 1988).

A linguagem é o esteio social aonde emergem as vozes, os corpos, os sujeitos. Em qualquer tempo, inclusive os velhos. A não ser que, condenados ao silêncio pela ignorância, pelo amor ou pelo ódio — paixões humanas — tenham decretada a morte social, que impõe a vida ao limbo e impede a morte verdadeiramente humana.

Os relatos estão no corpo do trabalho para serem lidos. Eles contextualizam vozes. Vozes que escapam dessa configuração, para ecoarem com outros autores na trama de construção de sentidos da dissertação. Mas encerram outros sentidos e se oferecem literais com a ambição de dar corpo, testemunho e texto. Singulares, projetam o universal, como o coro nas tragédias gregas. Cada uma dessas vozes atua como prisma que projeta a luz em infinitos fachos, direções e cores. A idéia, com BACHELARD (1974), é do leitor-autor. E é essa premissa de sujeitos que imprime densidade social no desenho de categorias. A voz “significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal”. (ZUMTHOR, 2000)

O capítulo sobre velhice tem a pretensão de revisitar o exposto: bibliografias, leis, propostas. Inúmeras elaborações de velhice sob os mais diversos ângulos, na tentativa de cernir conceitos e aproximar experiências de outras épocas, outros países, outras culturas, à multiplicidade de conjuntos que a nossa própria diversidade brasileira atesta. É mister a reunião de subsídios para que lentamente se dimensione a delicadeza, as nuances desse objeto **velhice** no tocante à sua especificidade, as transformações que opera em signos de indetidade edificados durante toda uma vida e que num momento de fragilidade física, exige do vivente ainda, uma força de renovação. Uma experiência singular e plural, arauto da memória e da função do tempo para a história de um povo e do próprio homem.

Em O FOCO – NITIDEZ E OBJETO, as citações e referências obedecem à uma lógica que atua no sentido de fortalecer o entendimento e o deciframento das minúcias envolvidas no trabalho de construção de uma categoria social. A presença de Mozart, (ELIAS, 1995) reforça o quanto as configurações não se rendem, apesar do extraordinário talento de um homem. Por outro lado demonstram que depois de Mozart, a música é outra. Então esse atrito produz efeitos e dimensiona a mobilidade social. Tecido feito de pautas, seguindo as vozes como se música. Mas existe o tempo e a velhice é a etariedade que olha para trás, que encarna a memória — uma circunscrição. Para sermos isentos na interpretação desse olhar retroativo presente na singularidade do corpo revisitado porque outro, precisamos de parâmetros que nos permitam auscultar significados diversos. Essa especificidade exige a poesia, produção do homem que ultrapassa o natural, travestindo-o em criador e portanto, redimensionando as conseqüências da voz entre homens. Essa esfera de realidade é efeito de linguagem e decreta uma dimensão de interpretação. É preciso apreender esse universo de possibilidades para, em oposição, poder avaliar o isolamento e o significado do silêncio em se tratando de mundo. Com ARENDT (2001) podemos aduzir que a ação humana não pode prescindir da presença de outros homens.

As narrativas tratam do desejo de conhecer. Toda experiência, para produzir saber precisa do discurso e do testemunho. A voz faz presença desses dois articuladores na direção que o objeto tem de único — o corpo e a palavra. ZUMTHOR (1993) nos adverte que há sempre um risco no movimento: o encontro com o tempo e também com construções de sentido. Em sua constante relação à voz, a palavra mantém aberta a questão da origem-corpo como lugar de surgimento do sujeito que fala e da cultura. Esse é o mundo que a voz humana esculpe com o corpo e com a palavra a caminho da imortalidade.

Na contramão de todas as probabilidades estatísticas, Norberto BOBBIO (1997) cita Achille Campanile, “o humorista mais amado de minha geração:

Esses velhos sempre me espantaram. Como é que conseguiram superar sãos e salvos tantos perigos e chegar à idade avançada? Como fizeram para não morrer atropelados, como lograram superar as doenças mortais, como conseguiram evitar uma telha, uma agressão, um acidente de trem, um naufrágio, um raio, um tombo, um tiro? ... Realmente, esses velhos devem ter parte com o demônio! E alguns deles ainda ousam atravessar a rua lentamente ... estarão loucos? (BOBBIO, 1997)

Ao que Lygia Fagundes Telles¹ responde, referindo-se à sua época de produção literária efervescente, na companhia de outros escritores brasileiros:

“Escrever, sabe como é; é se soltar num trapézio. Mas eu sabia sempre que encontraria alguém lá!

Hoje, os trapézios estão ... quase vazios. Mesmo assim; lá vou eu!!”

Ela e Zezé, Celso, Enrique, Mananga, Baby, Conceição, Argentina, Nêne e Erwin.

Alguns descolados do equívoco de ser velho, exercendo no estar-velho a posse da vida e do sonho — do trapézio enfim. O velho pode, como a poesia, trazer “a mensagem secreta, o inegável sentido de existir” (PRADO, 1987). Num exercício arendtiano, eles imprimem à esfera pública, um encanto que transpira do irrelevante — o que é próprio do homem ao que lhe é comum, reiterando o discurso político, iluminando o tempo histórico — voz âncora da palavra. Mesmo que seja a última. A voz significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal.

¹ TELLES, Lygia. Entrevista na Globo News em 07/05/2004, 9 horas.

2 VELHICE: UM CENÁRIO

A pirâmide demográfica brasileira inverteu-se rapidamente nos últimos anos. Já não somos mais um país de jovens. Em pouco tempo o Brasil terá uma população majoritária de velhos. Estima-se que entre 1950 e 2020, enquanto a população total terá crescido 5 vezes, o contingente de velhos terá aumentado 15 vezes. Portanto, neste período de 70 anos, o país virá a apresentar a sexta população mais idosa do mundo. Há estimativas de que o Brasil terá, na próxima década, cerca de 1 milhão de velhos a mais, por ano, em sua população. “Apesar da relevância do tema **velhice**, do aumento do interesse da sociedade pelo crescimento populacional desse grupo etário e suas repercussões, a produção científica sobre o tema ainda é escassa, principalmente quando comparada a países com similar padrão de crescimento populacional”. (VERAS, 1987, p.225-233). Embora existam pesquisas sofisticadas em Biologia, Bioquímica, inclusive em níveis celular e molecular, o fenômeno do envelhecimento é de difícil conceitualização, dada a diversidade de características de indivíduo a indivíduo, fatores genéticos, ambientais, psíquicos e sociais. “Em última análise, o que se coloca são as dificuldades em definir, em uma parcela não desprezível de idosos, quando as alterações transcorrem com o avançar da idade e quando são conseqüentes de enfermidades associadas ou decorrentes do envelhecimento”. (PAPALÉO, 1996, p.4). Essa observação também contempla uma peculiar obediência do senso comum aos signos “oficiais” de velhice — cabelos brancos, lentidão, aposentadoria, rugas, idade, oferta de emprego versus restrições etárias, bombardeio maciço de imagens vigorosas associadas ao sucesso e juventude — que produzem uma espécie de fatalismo fisiológico e um efeito de comportamento de massa na adesão à velhice, identificada como indício de impotência e desenraizamento. Esse impacto cultural provoca um movimento insidioso e silente na direção da exclusão social. Tal negligência também revela o indesejável da alusão à morte.

Os efeitos da Segunda Guerra Mundial sobre a estrutura familiar da época foram decisivos no sentido de relançar os papéis no ciclo doméstico, de produção e

também de identidade. Ao longo dos anos, percebe-se uma mudança na natureza dos laços. A mulher tomou um novo lugar. Na posse gradativa de seu próprio corpo e na necessidade de alavancar a economia doméstica, surgiu um novo ator social, e dessa emergência, a revolução sexual, um novo paradigma pedagógico e um novo conceito de família.

As sociedades agrícolas tradicionais eram organizadas em função de categorias de idade, o que determinava a cada membro da família uma tarefa específica na atividade econômica. Nas sociedades pré-industriais, artesãos e camponeses existiam forjando uma relação íntima entre o trabalho e o viver. A coincidência era inclusive tópica, as duas coisas aconteciam no mesmo espaço físico. Nesse momento cultural, as informações derivavam da prática — empiria que se legitimava numa hierarquia cronológica, o que garantia aos velhos, quando não mais ativos fisicamente, o lugar das “dicas”, do “pulo do gato” — configurações de um saber vivido no cotidiano — incentivo e mesmo o depoimento vivo, corolário da biografia construída. O passar dos anos atestava, pela questão prática; qualificação e experiência. Quando esse velho entrava em declínio de capacidade funcional, o quadro era absorvido com uma lógica social da época, do espaço inclusive físico, pela estrutura familiar sem, necessariamente, prejuízo para o desempenho do grupo, que tinha na figura feminina, uma cuidadora em potencial.

Nas sociedades urbanas-industriais, o destino para esse quadro é a parede. A família patriarcal transmuta-se em nuclear e o trabalho-existência, em projetos individuais. O lugar “natural” passa a ser determinado agora pelas novas condições econômicas, sociais, e de gênero. A mulher é alavancada ao mercado de trabalho, os espaços se geometrizam, projetando especificações para morar, para trabalhar, para lazer, para conviver, em coordenadas e dimensões que para a velhice tem se caracterizado como isolamento e declínio de participação social.

Os desdobramentos ao longo de mais de 50 anos atestam que o processo criativo, fênix do trauma mortífero da guerra, produziu representações sofisticadas na trama social. A tecnologia e a ciência passaram a ditar as regras e nesse clima anônimo

o capital ganhou força extraordinária, remunerando independentemente de gênero e explorando independentemente de etariedade. Como num grande caleidoscópio, as posições mudaram conforme o giro e a palavra era “novidade”. Os países europeus precisavam de reprodução humana, de força de trabalho, de entusiasmo. Nesse movimento a presença do velho passou a ser apêndice incômodo e caro. Seu ritmo era fora de moda, fora de tempo, seus valores caducos, a cultura atestava seu fracasso.

No Brasil, os ecos dessas mudanças radicais chegam lentamente e são absorvidos sob interpretação da cultura local. Mesmo assim os efeitos nos alcançam e com o processo de urbanização em massa das cidades, destino do êxodo rural, as tradições familiares assimilam processos agressivos de aculturação, lançando nosso protagonista à margem. O velho, âncora ética dos valores da história, produto da tecnologia, do saber médico e das novas condições de vida, protegido, tão protegido; é pego de surpresa numa longevidade sem perspectiva, sem plano, sem espaço e sem presente. Estranhamente hoje, esse novo ator social é situado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (1999) em condições mais favoráveis que o adulto jovem, desempregado. E muitas vezes localizado como arrimo de família. Por outro lado, essa presença gasta num internamento médico, cinco vezes o que custa tratar uma criança. Um país que vive impasses como esse, não se pergunta seriamente a respeito desse produto social, contribuindo para um isolamento perigoso dessa etariedade. Situado num plano econômico que garante sua inclusão na estatística, na Política Nacional do Idoso (1998) e no Estatuto do Idoso (2003), o velho vive um drama social de entorpecimento coletivo. Receptáculo passivo de ações assistencialistas, não é tratado como agente mantenedor, produtor e gerador de cultura, mas entretido com atividades lúdicas num grande corredor da morte, que para desespero da nação prolonga-se surpreendentemente (HADDAD, 1986). É claro que esse trabalho - alavanca foi e é necessário para quebrar a inércia estabelecida de isolamento do velho. Motivá-lo para sair de casa e reunir-se a outros foi determinante em dado momento. O importante é que as propostas não estabeleçam um novo estado inercial, reduzindo a velhice a um perfil único de grupos e indivíduos. Apesar de estruturante simbolicamente, a

etariidade não é um redutor de perfil e tampouco um processo homogeneizador de massa. Como marcador do tempo e das fases em que os atores sociais se alternam, operando as funções que movem a sociedade, não desclassifica indivíduo (WEBER, 1963), particularidade social e subjetiva de cada um. Estamos então tratando de laços, considerando o cada um e as conseqüentes escolhas em grupos que também neles próprios, se produzem signos de identidade social. Portanto, é factível supor que existem tantas velhices quanto tantos velhos. E ainda, que agrupados, constroem uma multiplicidade de conjuntos. Ler esses signos, decifrá-los para operar pontualmente na direção que o grupo vetoriza, é contar com a versatilidade cultural que caracteriza o brasileiro. Interpretar anseios de uma demanda operante é fazer jus ao conceito de alteridade inserido na existência social. Desenvolver com o velho a possibilidade de que ele próprio legitime a velhice é tornar vivo o conceito de cultura.

2.1 UM APORTE SÓCIO-HISTÓRICO

Segundo Emílio JECKEL NETO (1998) quando a espécie humana “escolheu” reproduzir-se sexualmente, tornamo-nos mortais. A partir daí, o ciclo vital obedece a fases definidas: fertilização, desenvolvimento, nascimento, maturidade, morte. O processo de fertilização produz um conjunto gênico inédito na população — um indivíduo — que só sobrevive se estiver no ambiente adequado, e, mesmo assim, por um tempo previsível. A interrupção desse ciclo vital, em qualquer momento, é a morte. Aqui, resta um cadáver. Já, na reprodução assexuada, o ciclo celular só é interrompido quando as células não conseguirem mais se multiplicar. Nesse ciclo não há a produção do inédito — um indivíduo — mas da série: **A** divide-se em **B** e **C**, e assim sucessivamente. O processo é de linhagem, cria a igualdade e o conceito de imortalidade: mantém-se as condições necessárias, o processo segue. É como se houvesse uma opção entre uma vida “burra”, indiferenciada, sem especializações, em divisão inercial; e uma vida altamente especializada, comandada por células sofisticadas de morte programada. Pelo menos até aqui, não se têm explicações científicas do por

que os telômeros, uma espécie de proteção nas pontas dos cromossomos, que naturalmente gastam-se nas divisões que sustentam o ciclo sexuado, duram mais em uns indivíduos do que em outros. Mas o fato biológico de entrada nos situa numa direção erudita e mortal. Nesse processo, o homem habita fases demarcadas como infância, puberdade, maturidade. O que pode escapar à observação geral é que o processo de envelhecimento, presente nas divisões celulares, é uma condição da vida. Ou seja, envelhecer sustenta o espaço entre nascer e morrer. A programação biológica sexuada é curiosa. No homem, por exemplo, o globo ocular inicia um lento declínio fisiológico com três meses de vida pós-parto. Já, a pele humana é um órgão de revestimento com sobrevida calculada em até 300 anos! Cientificamente, o declínio das funções dos mais diversos órgãos não apresenta um ponto exato de transição, permanecendo pouco perceptível até que produza alterações funcionais interpretadas como envelhecimento. Não há necessariamente uma relação linear com o tempo. Esse ritmo também varia entre os órgãos de um mesmo organismo e entre pessoas da mesma idade. A título distintivo, denomina-se “senescência” ao declínio das funções na ausência de doenças e “senilidade” às modificações patológicas. Então o envelhecimento caminha na “diminuição progressiva da capacidade de manutenção do equilíbrio homeostático” (PAPALÉO, 1996, p.3) o que coloca a pessoa idosa em maiores condições de risco de enfermidades. De qualquer forma, seja de que ângulo for, a constatação da velhice é sempre uma surpresa. Com BEAUVOIR (1990, p.15), “o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence.”

Segundo LEME (1996, p.13) há indícios de que a expectativa de vida humana não sofreu alteração substancial nos últimos dez mil anos. Mesmo assim, a sobrevivência do homem raramente atingia a senescência devido a intempéries não controladas na época, de epidemias, endemias, e violência. Quando isso acontecia, o protagonista gozava de grande consideração social, ainda mais se, além do vigor físico, o sujeito em questão dispusesse de "conhecimento, cultura e de meios alternativos de transmissão dos mesmos".

Documentos egípcios na Antigüidade citam o dever dos filhos quanto ao cuidado de pais idosos, a preocupação com a higiene corporal e a eliminação de rugas. O papiro de Ebers (1550 a. C.) ocupa-se do envelhecer e atribui esse fenômeno ao coração débil, teoria legada aos gregos. No Oriente Médio, o mais antigo símbolo médico conhecido, o Caduceu, refere-se à aspiração do rejuvenescimento com a imagem de serpentes que renovam suas peles. Na civilização hebréia, maus tratos aos pais era crime penalizado com a morte e seu tribunal era composto por sacerdotes, escribas e anciões. Para os chineses era de grande importância atingir a senectude com as faculdades mentais e dos sentidos preservadas. Na Índia, a extensão da vida humana era bem-vinda na preparação espiritual para o nirvana e o envelhecimento — efeito de influências em desarmonia — controlado inclusive com o uso de plantas alucinógenas. Na Grécia o ideal de beleza referia-se necessariamente à juventude e do saber, aos velhos. Em Roma, a etariedade que nomeia o senado — instituição de poder — vem de *senex* — idoso. Cícero em “De senectute” ocupa-se da memória, da autonomia, dos sentidos, do trabalho e Galeno adverte quanto aos banhos quentes, as dietas especiais, o vinho e a atividade; perpassando toda a Idade Média, que assistiu a expansão islâmica e a reconciliação com a Filosofia. O Renascimento parece fazer-se acompanhar de aumento na expectativa de vida e conseqüente interesse quanto ao envelhecimento, inclusive na publicação do primeiro livro de geriatria, seguido de outros. Francis BACON (1561-1626) *in* Leme (1996, p.22) escreveu “A história natural da vida e da morte e a prolongação da vida”, sugerindo que “um espírito jovem inserido em um corpo velho faria regredir a evolução da natureza”. A era moderna (séculos XVII e XVIII) caracteriza-se por separar definitivamente doença de envelhecimento e em romper definitivamente com a teoria *humoral* de Bacon. Constrói-se uma fisiologia do envelhecimento e estabelecem-se produções científicas regulares.

Foi no hospital Salpêtrière de Paris que CHARCOT (1825-1893) desenvolveu um trabalho sobre o envelhecimento, rico em observações clínicas e de estilo de vida. A tônica passa a ser a qualidade na longevidade e não apenas o prolongamento da vida. Este sim como um efeito do viver. A partir daí intensificam-se as relações no trabalho

com o idoso que formalizam-se em instituições de geriatria e gerontologia. No Brasil, esse movimento se inicia timidamente em 1961 e progressivamente atinge as Universidades e Serviços de Saúde. É ainda sectário e mantém o velho refém dos saberes institucionais. A interdisciplinaridade, necessária, é incipiente e aparente, ainda, sob a batuta da geriatria, em alguns estados brasileiros.

2.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS ETARIEDADES: UM DISCURSO NATURALIZADO SOBRE O CORPO

“A tônica dos discursos, que opunha médicos geriatras aos profissionais formados em humanidades, era a necessidade de levar em conta o caráter socialmente construído da velhice, que dá sentidos distintos a essa experiência. Contra o determinismo biológico dos geriatras que, supunha-se, pensavam o curso da vida como um contínuo de etapas naturais e universais de desenvolvimento, os gerontólogos empenhavam-se em mostrar a dimensão cultural da velhice.” (DEBERT, 1998, p.52).

A autora alude à presença, em todas as sociedades, de grades etárias diferentes em cada cultura, concluindo que idade não é um dado da natureza. Tampouco explica comportamentos humanos. O próprio da pesquisa antropológica sobre os períodos da vida é mostrar como um processo biológico é elaborado simbolicamente com rituais que definem as idades pelas quais os indivíduos passam. A periodização da vida implica um investimento simbólico específico em um processo biológico universal.

A etariedade tem uma função social de referência e construção. A contagem dos anos, o contorno simbólico das fases do desenvolvimento, as características e necessidades de cada grupo etário projetam ações políticas na sociedade e vetorizam a cada faixa em particular a noção de movimento no corpo social. Olhar para a seguinte, no tempo, ou para a anterior, permite a compreensão histórica, a identidade no presente e projetos para o futuro. Esse movimento gera a noção de pertencimento. Todas as faixas etárias contêm signos positivos e negativos de referência, já que é próprio do humano a divisão subjetiva, a eterna dialética indivíduo e sociedade,

liberdade e dever, produção e ética. Esse processo de humanizar-se se dá graças ao grupo social e simultaneamente o constitui. Isso é produção de sentido e, segundo GERTZ (1978), cultura, que se materializa na densidade do discurso. Com a etariedade organizamos a vida coletiva, compreendemos os limites e as dificuldades do que em Antropologia denomina-se rito de passagem — operadores que nos assinalam as fronteiras de nossas aptidões para a vida em sociedade.

Quando nasce uma macieira e depois fica carregadinha de maçãs, a terra não ganha com isso um grama a mais de peso. Essa árvore e essas maçãs absorveram a massa que hora apresentam, do próprio meio. Assim, também nós, cultivados no campo simbólico de nossos grupos sociais, temos nossos destinos vetorizados, dirigidos, por suas sementes-identidade, construções de significados possíveis de suas representações do mundo e de si próprios; e também nós, como as maçãs, recolhemos nossa “massa simbólica” da cultura, nos transformando a partir da semente original. Então, a transformação que se observa na natureza é para nós, fundamentalmente, um processo subjetivo e simultaneamente material, concreto (JACKSON, 1958). Passamos por uma grande metamorfose física desde que nascemos. Pequenos, inábeis, desaparelhados, enxergamos o mundo deste ponto de vista: grande, desconhecido, bom, assustador, acolhedor, mau; dependentes enormemente de nossos anfitriões. É a fase da tutela, a infância, onde estamos inclusive juridicamente sob o zelo de outrem.

A criança como categoria não existia na Idade Média, constituindo-se um alargamento entre criança e adulto a partir do século XIII. A efetividade das categorias de idade como construções históricas e sociais pode ser interpretada nos rituais de passagem fundamentais — a fixação da maioridade civil, o início da vida escolar, a entrada no mercado de trabalho: organizadores do sistema social e cultural que impõe uma visão de mundo e mantém ou transformam posições em espaços específicos. Nas sociedades ocidentais, a idade cronológica é mecanismo básico de atribuição de status, papéis ocupacionais, formulação de demandas sociais. Nas não ocidentais estão ausentes, com a observação voltada ao ciclo da vida individual: desenvolvimento biológico, capacidade de realizar tarefas, casamento, etc. Nessas, estágios de maturidade diferem do número de anos.

Seguimos na etariedade ganhando habilidade para transfigurarmos o meio e a nós próprios, pois esse é o resultado dessa dialética tão peculiar com o mundo e é assim que vamos aprendendo. Até que a curiosidade tão exacerbada é fortemente escancarada na adolescência. Mas afinal, o que é que muda? É o corpo que muda, e com isso somos obrigados a rever todos os significados. O corpo exige isso. Ocupamos outro espaço, de outro jeito e toda bagagem simbólica precisa ser revisitada. Queremos estar mais no mundo e mais próprios. Tão próprios quanto todos os outros. O corpo prepara-se para a reprodução da espécie. O ciclo da natureza precisa concluir-se. Mas nós, humanos, complicamos tudo, precisamos dar sentido às coisas. Não transamos como bichos, cumprindo um dever biológico à perpetuação da vida. Transamos por um deus, pelo outro, sob o outro, sobre o outro. São milhares os matizes simbólicos de uma transa. É impressionante observar aqui o nosso pé na natureza e a amplitude simbólica que isso implica. A etariedade cumpre o ciclo vital, mas pelas mudanças implícitas, o homem transforma esse percurso em compêndio científico, produzindo saberes e significados na tentativa de aproximar-se disso que chama sua vida.

A adolescência é também uma construção da modernidade (século XVII). Nasceu na aristocracia européia, da leitura de um hiato de tempo em que os herdeiros aguardavam o momento de entrar em cena na vida adulta, para substituir ou assumir os negócios da família. (ARIÈS, 1981). Isso só acontecia quando o patriarca adoecia ou morria. Até aí, esses jovens eram postos em ritmo de espera, em atividades de lazer ou hobbies ou viagens. Esses períodos costumavam produzir comportamentos rebeldes, irresponsáveis, de apatia ou agressividade e de certa forma, foram assimilados pela burguesia com o passar do tempo. Hoje em dia, inclusive nas classes populares, observa-se uma espécie de impotência diante da chamada crise dos adolescentes. De qualquer modo, esse passaporte social autoriza o questionamento de padrões e conceitos, preparando talvez, um futuro com autonomia. É a fase da apropriação da vida. Na idade adulta nos pomos a bancar as escolhas feitas. Elas têm que produzir e sustentar nossas vidas. Sustentar em todo o leque possível de sentido: saber, reconhecimento, dinheiro, família, lazer, relações, projetos, saúde, investimentos,

legados, contribuições, sonhos, fracassos. Já devemos saber algo sobre como dirigir nossos desejos, sobre como os alcançamos e sobre como cumprimos nosso dever para com a espécie e para com a imortalidade, reproduzindo e transmitindo à prole e à sociedade. Período de afazeres, produção que se sustenta sobre uma nova leitura do texto posto pela adolescência; instituição mantenedora dos acordos sociais.

A cronologização da vida nas sociedades ocidentais contemporâneas resulta na padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice como respostas a mudanças na economia doméstica para uma economia com base no mercado de trabalho. Nas Sociedades pré-modernas, a tradição e a continuidade estavam estreitamente vinculadas com as gerações. Na modernidade, práticas de uma geração só se repetem se forem reflexivamente justificadas. O curso da vida se transforma em experiências abertas e não passagens ritualizadas. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo como uma crise de identidade. A construção da Terceira Idade como categoria apresenta ambigüidades que podem tornar-se perigosas ao serem ignoradas. Com o objetivo de resgatar dignidade, afastando antigos estigmas, a terceira idade renomeando, corre o risco de “empurrar” esta categoria para estágios de idade mais avançados, onde enfim o encontro com o estigma se realiza. Compreende-se com essa intervenção de DEBERT (1998) que a leitura simbólica imposta ao corpo legítima no trânsito social esse agrupamento que o número estatístico traduz nos gráficos. O velho existe e em tal número e velocidade que não pode mais ser ignorado. Mas esse surto repentino, tão emergente, tão difuso, dispõe de tantos signos negativos para balizá-lo que a tendência é mesmo pôr-se em movimento de esquiwa.

DEBERT (1997) insiste, a direção dos programas para Terceira Idade acolhe pessoas aposentadas mais jovens e produz experiências de envelhecimento vividas coletivamente sob aparente sucesso, transformando a velhice em uma responsabilidade individual. A idéia de uma “Idade de Ouro” dessa categoria, soterrada em alguma cultura milenar, definitivamente não se sustenta. Como na atualidade, a experiência de velhice está subordinada a condições peculiares de envelhecimento e a posições de poder e prestígio que eventualmente essa ou aquela pessoa tenha ocupado. Por outro

lado, a cultura do consumidor que perpassa as sociedades ocidentais contemporâneas exerce através da mídia um bombardeio selvagem que expõe a criatura a hábitos sedentários ou fumo excessivo por exemplo e paralelamente, a uma exigência de “hedonismo calculado”, que empurra à outra facção de consumo — a indústria do rejuvenescimento. Todas essas pressões oriundas da busca de soluções rápidas e operantes, turbinadas pela sociedade industrializada e a produção tecnológica, operam um embaçamento das etariedades que confunde inclusive as inter-relações geracionais. A esse afrouxamento de fronteiras corresponde “um mecanismo extremamente eficiente na constituição de novos mercados de consumo e de atores políticos” (DEBERT, 1997, p.44). Mas essa Terceira Idade não esgota de maneira alguma o tema velhice. Tem, na verdade, muito mais um perfil educativo no sentido de mobilizar um conjunto que sob signos legais precede a seara da senectude, promovendo laços e informações importantes para a atualidade e na seqüência, a experiência do envelhecer. Auferimos dados de construção de cultura, mas a ressalva feita pela autora procede na medida que o passar dos anos não signifique aos pseudovelhos em trânsito um fracasso pessoal, quando o tempo ou as contingências enfim materializarem os efeitos de declínio que a longevidade escancara. É oportuno lembrar que aos componentes de tais grupos, a companhia de velhos “muito velhos” é, por vezes, considerada inadequada, depressiva e fora de lugar. Essas são palavras de uma assistente social do SESC, ao recusar a entrada num dos bailes de quarta-feira à tarde a um grupo de tais velhos não desejáveis. O verdadeiro horror de se ver projetado num futuro talvez próximo demais, provoca neste grupo em questão uma unanimidade no rechaço ao fracasso projetado no conjunto, digamos assim, de muitos velhos tão velhos! Ou ainda, um depoimento apaixonado de um profissional de saúde, presidente de mesa num debate interdisciplinar sobre velhice — “eu não me entrego!” Esse processo apenas recrudescer o que o senso comum e cada velho atualizam: velho, é o outro! E o contágio é iminente! (BEAUVOIR, 1990).

Afinal, qual o lugar que se situa nessa projeção da decrepitude, da limitação, da impotência? Como ocupá-lo, como se reconhecer num não ser, num não espaço?

E a velhice, que no Brasil não tem “texto” ou, pelo menos carece de nomeação operante. É reconhecida por signos negativos de pertencimento: número de anos (por lei, 65), número de patologias, rebaixamento de funções, isolamento, números de pressão aos cofres da previdência, números exorbitantes quanto a tratamentos de saúde, incapacidade em responder ao ritmo frenético da contemporaneidade, horror dos narcisos, dos maduros, dos motoristas de ônibus, dos profissionais que têm pressa. Velho é alguém que “cedeu” ao tempo, desistiu, entregou-se. Nesse movimento que é próprio da representação social quando opera uma simplificação da realidade através do senso comum — “uma argumentação quanto à própria natureza construtivista dos fenômenos de representação social” (SÁ, 1928, p.17) — o autor refere-se a fenômenos “espalhados por aí”, na seqüência: o velho é lento, não escuta direito, não vê direito, atrapalha o trânsito, a família, o neto; dá vexame em restaurante, caduca, baba, esquece e precisa — precisa — precisa. Cenas que a sociedade prefere confinadas ao seio da família. Pudera, tendo como destino a morte, quem segue tranquilo nessa viagem? Se não esse, há outro caminho. O do presente. A velhice impõe o novo. Parece ironia, mas é fato. É um novo corpo que determina um novo lugar, portanto novas relações, novas funções e novos papéis sociais. Resta saber se há energia para tanta novidade! Ainda que seja para fundar uma dialética que dimensione a identidade de aprisionamento no **ser velho**, para uma possibilidade de construção que identifique **estar velho**.

2.3 O CORPO, A PALAVRA E A VOZ

LACAN (1988) nos adverte que com a carne é necessário um banho erógeno para promovê-la a um lugar semântico, de palavra. O corpo passa a ser humano quando embalado no discurso do outro, produto de cultura. Daqui para frente, falar de lugar é puro texto. Segundo Lacan, o corpo é tecido, arte de tecer, têxtil: “Mas a verdade pode ser reencontrada; o mais das vezes ela já está escrita em algum lugar. A saber: nos monumentos e isso é meu corpo, nos documentos de arquivo... e são as minhas recordações..., na evolução semântica, nas tradições e nos traços de caráter”

(LACAN, 1988, p.124). A possibilidade de texto supõe a leitura, seja em que idade for. O reler-se é um ato impulsionado pelo querer saber e inclui a presença da testemunha. Isso por si define a interlocução e um movimento que pode ser criativo na produção de novos signos, sob nova ótica de leitura.

Como o humano, determinado biologicamente, transcende o próprio corpo, há algo de ultrapassamento no tocante ideário do hedonismo. Mas como suportar a morte das ilusões e nascer num corpo para a morte?

Freud (1929), em o *Mal-Estar na civilização*, declina uma análise minuciosa sobre o sofrimento humano. Ele o atribui ao estatuto de nosso próprio corpo exposto à decadência e a extinção — nosso gancho irreconciliável com a natureza — presente antes, depois do contrato social, e sempre. Ainda, apesar dos esforços civilizatórios, o poder superior dessa natureza, deflagrado sobre o humano em forças impiedosas e anônimas e, finalmente os laços entre homens instituídos na família, no Estado e na sociedade. A essa parcela de natureza inconquistável, de nossa própria constituição psíquica — o instinto de agressividade — presença necessária e principal representante do instinto de morte, ele atribui uma parceria com Eros, numa dialética constante em direção ao domínio do mundo. “E, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida” (FREUD, 1969, p.145). Por estrutura, a presença da morte ou da idéia da morte desperta rechaço e exige trabalho!

A Psicanálise parte de um princípio de natureza na apreensão conceitual de seu objeto, o homem, ou melhor ainda, o humano. Entende-o como natural e simultaneamente como transgressor, como efeito e como causa, como objeto e como sujeito, nessa ordem.

Natural porque produto da natureza, refém de seus desígnios (instintos, códigos genéticos) submetido a suas leis (nascimento, crescimento, reprodução, envelhecimento e morte).

Transgressor, subverte esses desígnios. Supera a si próprio. Constrói-se de objeto a sujeito. Institui-se num campo, que é semântico. Instituído-se, funda. Faz

verter, versão. Interpretação outra de seu destino de origem. O homem se faz em ciência do humano — quer saber. Recusa a tutela natural do paraíso, rouba dos deuses o fogo, cria laços e se eterniza na letra, sob as leis. Esses são seus lastros de vida e de morte, nos quais, amalgamado, se faz presença não anônima.

Esse ser que além da *physis*, articula a linguagem atribuindo sentidos e significados desde a alteridade. É essa relação de referência que o constrói. Sujeito, determinado pelo real da morte, forja com a própria carne, a própria voz, o laço ao outro. Unidos, vingam-se da natureza, sobrepujando-a. Medem forças, cientes. Inspiram-se e a superam. E por mais das vezes, vencidos ou vencedores, tratam uns aos outros e a si próprios, como animais — naturais.

Quando um sujeito interroga-se em que medida ser atravessado pela cultura o determina e que relação a partir disso se estabelece com a alteridade, o coletivo, o sagrado e seu próprio corpo; estamos no campo da Psicanálise. Esse corte que o marca como humano, aquele que não mais é regido só pelo instinto; é da cultura. A cultura incide sobre esse objeto natural um sulco, e se aloja ali — na fenda. Esse topus é o que de mais íntimo nos habita e nos é também o mais estranho. Donde, nosso “interior” carrega o estrangeiro — sujeito dividido. (CABAS, 2003).

Quando um — sujeito cognoscente — quer saber sobre os destinos de um coletivo, em nome de que se estabelecem trocas, laços, contratos e sob que pressões das ordens simbólica, imaginária e real se definem os campos, relacionam-se os objetos e os sujeitos; estamos falando de Sociologia.

Com BOURDIEU (1987, p.342), “... descobrir a coletividade no âmago da individualidade sob a forma da cultura — no sentido de cultura ou de Bildung — ou, para utilizar a linguagem de Erwin Panofsky, do habitus que faz o criador participar de sua coletividade, de sua época e, sem que este tenha consciência, orienta e dirige seus atos de criação aparentemente mais singulares.”

Tanto a Psicanálise quanto a Sociologia são contaminadas dessa condição do humano. Ocupam-se disso. Insistem na construção de um corpo teórico próprio que acolha esse traço distintivo, singular, pouco ortodoxo, que é o saber inconsciente, o saber da fenda, o saber na alteridade.

Como são próprias, diferem nos conceitos, nos objetivos, nos sujeitos e nos objetos. Transitam até na contramão e por vezes se cruzam.

É nessa matéria de trânsito que se contextualiza esse olhar de sujeito — sob Saussure — na ousadia de criar o objeto. Olhar advertido quanto ao sentido fácil que brota vigorosamente do senso comum. Afinal, imersos em linguagem e compartilhando as “senhas” que acionadas nos abrem com facilidade as portas da compreensão, e o que é pior, da compreensão mútua; perseverar na assepsia do campo é já por si, um desafio. É em nome do trabalho que DURKHEIM (1978, p.XVII) propõe — à conduta humana, o racionalismo científico. Situa algo similar na constituição da sociedade que produz fatos sociais não encontrados em seus membros isoladamente. E ainda, demarca diferenças entre tais fatos e a consciência individual, referindo-se a “representações de outra espécie” e às “leis próprias da mentalidade dos grupos”.

Encontrar, como Teseu, a meada das maneiras de fazer e pensar, que definem os fatos sociais e exercem coerção sobre as consciências particulares, é cernir conceitos. Estes, instrumentos e indicadores de campo de pesquisa, vetores de reconhecimento, representações investidas de prestígio, que traduzem uma realidade exterior aos indivíduos. Coisas com existência própria, às quais submetem-se os atores. Segundo DURKHEIM (1978), desconhecemos numa proporção importante a maioria de nossas próprias motivações e já somos acolhidos como seres sociais por instituições herdadas, antes mesmo de qualquer consciência do próprio. A fonte do conhecimento pode advir necessariamente, sob a batuta teórica, da instituição, do objeto, do fato em questão, num processo que estabelece relações e inter-relações.

Como ainda, por estar adstrito a uma lei da natureza, uma declinação óbvia da vida em sociedade, o envelhecimento, a velhice, ficam à margem do processo civilizatório, no Brasil contemporâneo? Segundo MANHEIM (1986, p.30), “... existem modos de pensamento que não podem ser compreendidos adequadamente enquanto se mantiverem obscuras suas origens sociais”. Penetrá-los exige ordenar hipóteses para justificar a pergunta que ultrapassa a obviedade da sacralização da vida e desconfia de propósitos idealistas como: “são, os velhos, tão sábios!” Ou a fase de “sombra e água fresca”; chavões anônimos que brotam espontaneamente do senso comum.

Não sabemos se os velhos são tão sábios e tampouco se querem descansar. Aparentemente a velhice tampona, posterga por mais algum tempo, para baixo do tapete, o lugar da morte; entre outras coisas. E a referência se põe não só ao ator em questão — o velho — mas também ao fio condutor do conceito de “matriz coletiva” (MANHEIM, 1986, p.33) — a relação entre o pensar do grupo e a situação — que compreende o pensamento no contexto concreto de uma situação histórico-social. Essa, uma representação do velho na contemporaneidade, se dá justamente num ponto identificável como de vácuo, vazio ético, referendando um silêncio tácito, que no mais além da morte, projeta o limite e a degeneração do homem. Estas são palavras até gastas, velhas, tem mesmo a idade da nossa história, até a precedem. Mas exerceram funções de referência e transcendência que deram diferentes consistências identitárias aos homens ao longo do percurso histórico, seja nos mitos, com os heróis, no misticismo, nas construções de pertencimento e de intervenção no coletivo por intuição imaginária ou pacto simbólico.

Na atualidade, com as prateleiras para o consumo lotadas e os céus vazios, o homem velho, expulso da produção pela inaptidão, pela lentidão, ultrapassado, materializa o descartável na própria carne.

Nada a fazer a não ser marcá-la, a carne, com rituais primitivos, tribais — na tentativa de realfabetizar o corpo, exigindo a atenção e o cuidado do grupo: Alzheimer, artrose, fraturas, derrames, demência, senilidade, depressão.

É na direção desse diálogo de surdos, que usamos a tecnologia para perpetuarmos-nos. Os velhos são hoje reféns do processo de quebra do monopólio da interpretação eclesial do mundo. A queda da verdade como absoluta produz sobre eles um efeito de exílio exatamente num momento em que lhes falta vigor para acompanhar mudanças e administrar conflitos.

Será esse um capítulo da nossa história imerso numa área de “imobilidade social”, um movimento inercial que pulveriza a possibilidade de mudança?

A longevidade biológica determina a degenerescência que temos assistido. Devemos ousar propor aí uma questão social amparada pelo raciocínio que

MANHEIM (1986) desenvolve a partir da “circulação social”, “quando extratos isolados começam a se comunicar uns com os outros” (p.36), relativizando as crenças e oportunizando a criação de novos significantes. É lícito propor esse paradigma para etariedades, enquanto segmentos de classe definidos em relação à produção econômica, política, científica, cultural.

O caráter aparentemente inútil dessa representação social — a velhice, parece atemporal como os mitos. É difícil situar o corte sincrônico do tempo social nessa diacronia etária que abriga a inércia imaginária de um tempo.

2.4 OS TEMPOS

Mircea ELIADE faz uma distinção entre tempo sagrado — o tempo da reatualização do ritual, e tempo profano — o tempo da história, da mortalidade, do dia-a-dia. Por tempo sagrado, e o autor está mais interessado nas religiões pré-cristãs, entende-se um "Tempo mítico primordial tornado presente". (p.81). Esse Tempo não flui, é um Tempo original, primeiro, sem passado histórico, o momento exato do princípio, quando o mito revela como uma realidade se funda. Seguindo o texto, o mito cosmogônico na Babilônia solenemente declinado no "Poema da criação": Marduk e o monstro marinho Tiamat combatem. O deus põe fim ao caos criando o cosmos com o corpo retalhado de Tiamat e engendrando o homem com o sangue do demônio Kingu, aliado do monstro. Reencontra-se com os Hititas um cenário dramático que reatualiza o mito numa "luta entre dois grupos de figurantes que repetia a passagem do caos ao cosmos, atualizando a cosmogonia. O acontecimento mítico tornava a ser presente" (ELIADE, s.d., p.89).

Esse é o expurgo produzido nas comemorações de Ano Novo — um ciclo de caos que se esgota — o ano que passou e o momento de atualização, portanto de criação da Ordem, encerrando os encargos, dificuldades, “pecados” acumulados no percurso do ano, abolindo-se o passado com a luta de Marduk pondo fim ao caos.

No Ano Novo persa, o rei proclama: “eis um novo dia de um novo mês de um novo ano — é preciso renovar o que o tempo gastou”. (ELIADE, s.d., p.90). O tempo havia corroído o homem, a sociedade, o cosmos e mais uma vez Marduk era forçado a vencer Tiamat. “Simbolicamente, o homem voltava a ser contemporâneo da cosmogonia, assistia à criação do Mundo” (ELIADE, s. d. p.91), renascia com ela. O ritual do mito cosmogônico engendra a regeneração do ser humano, “nascer (simbolicamente) de novo” (ELIADE, s.d. p.94), “eterno presente indefinidamente recuperável”. (ELIADE, s.d. p.101).

E é esse tempo mítico que funda o tempo histórico, existencial, como princípio e como modelo. Na Nova Guiné, afirma o autor, “um pescador quando ia apanhar peixes com o seu arco, tomava-se por Kivavia em pessoa. Não implorava o favor e a ajuda deste herói mítico: identificava-se com ele”. (ELIADE, s.d. p.111).

Esses operadores simbólicos contextualizavam um coletivo, uma cultura. São elementos que compõem uma cosmovisão que permite ao humano a construção de sentido. O tempo Profano e/ou do cotidiano embala a criatura na reprodução da vida, na sobrevivência e nos desdobramentos da sociedade que implicam laços e responsabilidades. Mas este fazer diário, sempre o mesmo, não se dá para o homem num automaton apenas. Algo atravessa esses trilhos, o tempo chama Tempo. Coisas de origem. O importante é assinalar que um não vai sem o outro e é essa relação inspiradora que atravessa o texto de Eliade. Uma interrelação com o íntimo e o fora, uma autorização no nome de deus. Tempos de amparo, esses do Sagrado, quando os homens construía um lugar — uma garantia — portanto uma possibilidade de permanecer humano, atual, no tempo. Essa é uma boa maneira de se traduzir como o coletivo acolhe o sujeito, dando-lhe acesso a cultura e a linguagem e ao lugar que o funda. A voz pontua essa passagem.

Norbert ELIAS (1998), em seu livro *Sobre o Tempo*, nomeia essa seqüência ontológica da cadeia de gerações, atribuindo-lhe "um poder de síntese acionado e estruturado pela experiência". (p.33) — o tempo social. Essas funções de foco, verdadeiras balizas simbólicas, localizam o humano numa vasta teia densa de

discursos, permitindo-lhe a leitura e a construção de sua própria história. É dessa matéria, dessa dinâmica, que se constitui o tempo: a estrutura e a direção que operam no fio das gerações. Segundo o autor, o conceito de tempo "pressupõe um riquíssimo patrimônio social do saber no que concerne aos métodos de mensuração das seqüências temporais e as regularidades que elas apresentam". (ELIAS, 1998, p.35).

Portanto, um exame crítico do conceito tempo consiste em tornar legível a relação entre tempo físico e tempo social, em determiná-lo quanto a natureza ou a sociedade. Agora não mais como entidades autônomas e opostas, mas como posições em relação. Essa capacidade de síntese de alto nível visa construir uma regularidade no escoar do tempo. Essa conquista ontológica do homem dispõe-lhe uma certa margem de autonomia no controle social. Nesses "espaços de liberdade" a sociedade pode encilhar a natureza nos grandes ciclos históricos.

Propõe-nos, num renovado rastreamento do processo civilizador, um cenário onde um grupo humano fictício encontra-se em "tábula rasa", sem qualquer patrimônio de saber adquirido, habilitado apenas pelo seu "entendimento por sua própria conta e risco" (ELIAS, 1998, p.53), premido pela necessidade iminente de responder aos desafios do momento. Numa geração apenas, o conceito de tempo fica restrito a pequenas soluções de pequenos grupos, sem a dimensão operatória de uma construção social inscrita na "ordem hereditária pelas gerações que instiga o processo civilizador na medida em que regularidades passam a ser identificadas e apreendidas por conceitos. A própria experiência da vida humana desenha especificidades, demarcando um campo do nascimento à morte. Estreitando ainda mais o foco, é possível perceber como até a apreensão do si mesmo assenta-se na constatação de que um movimento contínuo de mudanças é uma trajetória medida até em números — "Eu tenho doze anos, você tem dez". (ELIAS, 1998, p.57). Essa etariedade é construída socialmente, legitimada a ponto de garantir ao humano o sentimento identitário em seu desenvolvimento da infância à velhice. Percurso esse que abriga diferenças inacreditáveis, costuradas pela linha de transformações garantidas pelo patrimônio de conhecimento incrementado nos processos biológicos, sociais e psicológicos que

podemos reconhecer num sentido único e irreversível. ELIAS (1998) refere-se a expressão "os anos passam" aludindo à força coercitiva do tempo, que na verdade aponta apenas o caráter irrevogável do nosso processo de envelhecimento. Abriga-se então no "curso do tempo" a mortalidade do humano, a sucessão das gerações e a lógica operativa apreendida pelo tempo social. "Ao contrário de uma idéia que hoje é dominante, sem dúvida, a imagem que os homens têm de si, ou de sua experiência de si mesmos, em suma, não é independente do patrimônio de saber de que eles dispõem, nem tampouco isolável de sua experiência do mundo em geral". (p.58). Esse patrimônio dispõe uma linha simbólica em relação ao qual inscrevem-se os acontecimentos — escala de medida — numa cadência de sincronização que convida à leitura, do "mais cedo" ao "mais tarde", incluindo a dimensão do presente, passado e futuro. Palavras diferentes que apresentam noções diferentes e contudo habitam o mesmo conceito — a presença relativa do humano e a simultaneidade. No devir, o homem situa o "aqui e agora", o antes e o depois. Posições que podem ser idênticas aos sujeitos de referência e excluir outros que não se põe no devir, talvez como os velhos habitam o que acreditam ser uma designação dos deuses, o que os põe à espera de uma intervenção, portanto aliados do Tempo. Resta saber o que os tira dessa posição obviamente passiva: uma desobrigação com o devir ou uma cessão de direitos à natureza, que por conceito, na dimensão física do universo, é atemporal. A coerção do tempo é de natureza social, exercida como pressão do grupo sobre o indivíduo, mas também repousa sobre dados naturais como envelhecimento. (ELIAS, 1998).

Sobre o saber constituído nesse longo processo de aprendizagem, Elias determina o Tempo como patrimônio social como com a Linguagem — instituições. A sociedade complexa, diferente da sociedade simples, onde o tempo é um processo pontual — a luta de Marduk e Tiamat — traveste de destino o envelhecimento vivido sob a fuga dos anos nos calendários. O velho entra, com o corpo, no tempo pontual, mítico, só que agora o grande terremoto é nesse seu corpo.

Para os velhos os ponteiros são a carne e no para além do mundo sensível, as funções dão o alarme — depois do apogeu, o declínio. O viés ontológico é inexorável,

como se a representação ruísse e a identidade esgarçasse. O aborto do tempo mítico descarta a reatualização da identidade. O tempo anônimo da tecnologia descaracteriza a relação do saber como patrimônio, desfazendo como Penélope a regularidade dos dias, desorientando os pretendentes, sabotando o Tempo. Para Elias, o processo civilizador incorpora a vivência coletiva.

2.5 CIVILIDADE, REPUGNÂNCIA E VERGONHA

Norbert ELIAS (1994) procede em “Sociedade de corte” uma análise arguta sobre a história dos costumes, elaborando paralelos da construção do humano através de dados os mais inócuos. Ter acesso a como as regras de civilidade e cortesia revelam materializações da vida em fenômenos triviais ... “não raro nos dá introversões da psique”(p.125). Ao humano, como apresentar-se e como ver-se no olho do outro corresponde o exercício constante de situar o homem simples em oposição aos maneirismos e rituais de pertencimento da corte — o homem civilizado. Pode-se visualizar com facilidade no texto as elaborações sofisticadas que o humano desenvolve para embrulhar sua natureza ordinária.

Curioso observar que Elias acentue a modificação de regras de comportamento exatamente no que elas revelam da vergonha: em princípio, o corpo e tudo que o envolve, são abertamente referidos — necessidades fisiológicas, nudez, comida, excreções. Mas à medida em que esses hábitos se sofisticam, à medida em que são mais regrados; do comer com a mão ao uso de talheres, da individualização dos serviços de mesa aos lenços; a própria semântica se alterna, as reticências se impõem, o privado amplia suas fronteiras. O nojo e a vergonha são um dos saldos nesse processo. Trata-se do trânsito de uma construção social para outra.

Não é cortês remeter à memória nossa origem natural. “Essa delicatessa”, esta sensibilidade e um sentimento altamente desenvolvido de embaraço são no início aspectos característicos de pequenos círculos da corte e, depois, da sociedade de corte como um todo”. (ELIAS, 1994, p.123). O racional avança e, regra geral, não se alude a

motivos de higiene ou prejuízo da saúde o controle do contato entre as pessoas. Tudo se faz em nome de uma “delicadeza de sentimentos”. Lentamente, no cenário humano em sociedade, atravessa uma silenciosa assepsia associada à degeneração que a velhice expõe tão escancaradamente. Tanto lá, nas origens, como aqui, o temor é de contágio. A velhice toca um estigma (GOFFMAN, 1975) profundamente enraizado em nossa história: a natureza. A tendência é de remover o desagradável da vista: a aparência do velho, o cheiro do velho, a postura do velho. Trata-se de cobertores nos joelhos e boca aberta. De andar trôpego e ouvidos moucos. De doenças e impossibilidades. De intimidação no público e um recuo maciço ao privado, e ao mais íntimo dentro do privado — quase uma invisibilidade. Trata-se da maioria dos velhos, não de uma exceção louvável, desejável. O contraste pode ser revelador e auspicioso. De qualquer forma não é possível deixar de associar esse cenário, com a curva civilizadora que Norbert Elias vincula à saída de cena do trincho. “O repugnante, porém é removido para o fundo da vida social”(ELIAS, 1994, p.128). “A cena que ocorre do trincho de grande parte do animal ou do animal inteiro, passando pelo avanço do patamar da repugnância à vista dos animais mortos, para transferência do trincho a enclaves especializados por trás das cenas, constitui uma típica curva civilizatória”. (ELIAS, 1994, p.128). Com a velhice, nosso “destino natural”, o processo é inverso: a típica curva civilizatória consiste em retirá-lo — o velho — dos enclaves especializados por trás das cenas e situá-lo como protagonista de sua própria história, com uma categoria social consolidada.

No ser humano, a vida biológica é projeto – ou possibilidade – do humano. Por isto mesmo, toda existência é construção e invenção, passagem transfiguradora da natureza, enquanto matéria prima biológica, para o universo da linguagem, dos valores, da beleza, do heroísmo – da política. A realidade natural, entregue à sua própria entropia, perece e desaparece. Seu tempo é o tempo do desgaste progressivo e da decadência sem palavra. Um organismo, na medida em que envelhece, caminha para a morte, sem nenhum poder de transcendê-la ou vencê-la. Já a ordem do simbólico, no qual o Humano firma as estacas, tem um decurso diferente. As criações da cultura, que passam pelo circuito de intercâmbio cultural, carregam consigo a possibilidade de vencer a morte. Tudo o que serve a todos fica plantado no coração de todos. Quem semeia valores capazes de representar – ou servir – a comunidade, vive enquanto viver esta comunidade. Eis aí, à mão, a vitória – e a vingança – que é dada ao homem impor à morte. (PELLEGRINO, 1998, p.33)

A velhice é miserável na exata medida em que não é coletivizada!

O objetivo desse cenário é circunscrever os inúmeros matizes que desenham um entorno ao esboço dessa etariedade que contempla a velhice. Com a estatística temos uma idéia do impacto social dessa presença e a consequente necessidade de políticas públicas que acolham e orientem seus efeitos. O fenômeno, que tem características próprias, apresenta-se como todo movimento incipiente, no esteio das minorias, pressionando a ordem estabelecida a revisitar o diferente. Já vivemos isso com o negro, a mulher, o deficiente. A fase de imobilidade social está em questão. Há um debate em aquecimento: quem é velho, quem é o velho, que espaço ocupa, quanto custa, quem banca. O que queremos aprender com a longevidade, o quanto queremos nos afastar da morte e o que parece vir na contramão da civilidade — o retorno do natural. BOURDIEU (1999) fala de uma domesticação do inconsciente pelo processo civilizatório — “do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável” (p.17), referindo-se ao discurso que circula, condicionando as percepções, o pensar, a ação: “efeitos simbólicos de legitimação” (p.18). Esse programa social de percepção incorporada, envolve o corpo num resgate simbólico determinante a ponto da natureza biológica, ela própria consistir numa construção social naturalizada.

Toda essa bagagem social, patrimônio do homem, contribui, na contemporaneidade, para mimar os sujeitos em ninhos de proteção contra as intempéries, os laços entre pares e seu próprio corpo. Esse aparato rende longevidade e paradoxalmente o velho assiste nesse tempo o esgarçamento dos laços entre homens, desses com seu corpo e a realidade indesejável que ele porta, e sua própria questão com o estar velho.

Essa ebulição — alusão à morte, reatualização dos laços, inversão de autoridade e iniciativa, decisões imperativas quanto a intervenções invasivas, de risco; medicamentos, moradia, autonomia, separações, casamentos, patrimônio, maus tratos, herança, interdição, tutela, negligência, abandono, alimentação, cuidados, lazer, trabalho, perdas, — de alto custo econômico, psicológico, social; pega o velho, a

família, os profissionais, o Estado; despreparados. Se na antiguidade, o velho era uma raridade, um sobrevivente, um herói — sábio ou louco; na contemporaneidade, no Brasil, projeta em números, a massa. E não há charme na massa e sim, problemas.

Mas “O corpo, a palavra e a voz” apresenta a condição humana de texto, de produto de linguagem. Como o corpo do homem é arrancado da natureza pela palavra e isso é trabalho de uma vida, pontuado etariamente pelo patrimônio social; esse mesmo corpo sequestrado pelo tempo — muda, e essa transformação exige uma nova posse. A velhice degenerando o corpo exige uma releitura, uma atualização.

Esse cenário carrega nas cores para evidenciar o grau de complexidade dessa etariedade e simultaneamente, a possibilidade do novo e da descoberta — a criação de novos significantes; porque alguns velhos falam. Não com uma voz qualquer. Com uma voz que denuncia um percurso e que, depurada, resgata a oralidade e a poesia como possibilidade de acolher o “estar” num não ser (outro corpo) no mais além da decrepitude, da limitação, da impotência. Não que esse seja um objetivo explícito, mas sem dúvida uma consequência do viver e da responsabilidade que isso implica.

Seguiremos o foco na trilha da voz, entendendo que é ouvindo o velho que poderemos cernir esses contornos do objeto de pesquisa que as próprias narrativas apresentam: um novo estar na vida, na linguagem, uma nova relação com sua história, com o tempo, com o outro e com o próprio corpo, desde que, como vivo, esteja entre homens.

3 O FOCO – NITIDEZ E OBJETO

Trabalhamos com velhos há quinze anos. Começamos com uma motivação doméstica que gerou uma instituição asilar. Criamos um gueto e por sete anos aprendemos nele; depois fomos aos livros.

É Santo Agostinho (1984) quem diz que o discípulo ensina ao mestre em que direção quer aprender! Não tinha outro jeito: lá estavam eles e nós queríamos saber. Encontramos ecos. Sim, ressonâncias que soltas no vazio ricocheteando aqui e lá, marcam um percurso e uma presença, no que de tão oco — ecoa: VOZES.

Aprendemos pérolas!

Aprendemos que não se pode ensinar — mas tocar — o velho. Música, acordes, vozes — ressonâncias! Isso nos remete aos aedos, figuras míticas que funcionavam como pautas aprisionando as notas em sentidos e os homens em história. Os aedos cantavam as novas e as velhas e nossas tantas línguas hoje, ainda, denunciam a origem musical de nossas entregas ao laço uns com os outros — som que atravessa gerações. Som que tece imagens, cenas.

Relatos orais de velhos bem velhos, autônomos, partindo de um corpo bem definido que é a voz que o sujeito emite numa musicalidade própria, numa composição ditada pela conjuntura social — pautas.

Para a genialidade de Mozart disseram nesse tempo — o dele — “notas demais” (ELIAS, 1994, p.128). Também com a velhice hoje, é uma questão de afinar o ouvido. Não para boas novas que assegurem um futuro paradisíaco mas, com Hannah ARENDT (2001) para a possibilidade de manter o laço entre o que pensamos e o que fazemos — estar entre homens!

Será o velho uma voz âncora na manutenção de um espaço político onde as palavras ainda possam?

Eis o caminho que escolhemos para acolher esse trabalho que investiga o envelhecimento em nossa terra e em nosso tempo. No mais além das idades, dos números, o gueto se esvai. Arrombam-se as fronteiras das senilidades. O corpo

desejado é outro. Nem tanto as patologias ou as impossibilidades, perdas, limitações — um jeito de estar no tempo, em trânsito — viagens bachelardianas.

3.1 CORPO-IMAGEM

Para BACHELARD (1974) em *A poética do espaço*, há um momento em que o essencial é a presença, a atitude de simultaneidade no minuto da imagem: “se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem” (p.342). Na alegria desse achado, há o expurgo de uma racionalidade científica, de uma causalidade, até de um tempo social.

Propomos o empenho de confiança ao mestre para seguirmos esse tecer de um velho, no encontro que segundo ele não configura uma matemática existencial, uma sucessão de fatos contabilizados ou uma ontologia histórica.

Bachelard fala de um objeto que, em percussão refere-se à sonoridade, e mais, que comunicado nessa sua particular expressão sem causa, toca outro. Eis um ato, que segundo o autor, emerge “do ser do homem tomado na sua atualidade” (p.342).

Nessa auto-proposta ousada de aventura lingüística, esse homem do “saber científico”, da “prudência científica” aquilata o que chama de “pequeno drama diário” (p.342). Estamos no campo fenomenológico das imagens. É necessário lembrar ainda, que Bachelard é um velho e que em sua descoberta trata-se da “dinâmica imediata da imagem”, num tempo específico, esse que denomina de “pequeno drama de cultura, esse drama que não está no nível do simples de uma imagem nova, mas contém todo o paradoxo: como uma imagem por vezes muito singular pode aparecer como uma concentração de todo o psiquismo?” (p.342). “Como (...) pode reagir sobre outras almas? Sobre outros corações apesar de todos os empecilhos do senso comum, apesar de todos os pensamentos sábios, felizes por sua imobilidade?” (p.343).

Tem um poema essa característica de ressonância, de repercussões, recordações?

Para responder a essas perguntas, o autor regula o foco na consciência individual em busca da “trans subjetividade da imagem”, referindo-se a uma espécie de contágio de toda atividade lingüística na direção da origem do ser falante. Essa estratégia o liberta da multiplicidade de imagens que compõem um poema. A possível empatia com um texto revela uma relação de pertencimento e é nesse fenômeno que ele define o seu interesse. Essa relação intrínseca entre um leitor apaixonado e um desejo de ser escritor revela que a obra em questão “nos diz respeito” (p.347).

Para Bachelard essa é uma experiência de realidade, “o único devir da expressão que é o verso” (p.348). Esses “espaços de linguagem” onde circulam as palavras vividas são trilhos que escoam a imagem — pura condensação do sujeito, entregue em expressão ao domínio da imaginação criadora. Criadora porque a imagem revelada pela linguagem se põe numa semântica própria que rompe com noções de tempo e de paixões, arrancando-a de seu caráter utilitário e interrompendo a inércia e os automatismos da realidade. O poeta é um sujeito cognoscente aberto ao devir, à esse trânsito peculiar ao novo, um parêntese no desconhecido. Ele é, ao ser falado pela criatura que sua poesia nomeia. Essa alquimia só é possível quando “o saber se acompanhe de um igual esquecimento do saber. O não-saber não é uma ignorância, mas um ato difícil de superação do conhecimento” (BACHELARD, 1974, p.352).

Essa proposição de Bachelard é um princípio. Segui-lo na “poética da casa”, numa verdadeira pesquisa das imagens da intimidade implica o imprescindível dessa assepsia intelectual, para que se possa aquilatar os “valores humanos dos espaços de posse” (p.354). Vamos lá! Estamos muito longe dos cálculos dos topógrafos e das admoestações de especialistas. Tal como com o velho, a questão se amplia, se avoluma numa identidade configurada pelo vivido. Esse vivido tem um caráter de legitimidade e simultaneidade com o ato criador revelado na palavra. Interpelado sobre onde quer morar, um velho, qualquer velho; na esmagadora maioria das vezes testemunha: “na minha casa”!

Ao pesquisador resta UMA posição: concluir nada, já que a resposta apenas se esboça. Está em decurso — asas à imaginação, testemunharemos a reconstrução de um corpo, uma topologia da alma.

“Nossa alma é uma morada e quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘aposentos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas” (p.355). Nessa trama de reciprocidade Bachelard se pergunta pelo efeito valorativo das imagens sobre a realidade, atravessa as lembranças, os julgamentos e os devaneios, na mira de um consentimento, de uma natureza inerente a função de habitar-construir. Às inúmeras respostas que essa posição impele, devemos tomá-las como um fenômeno singular da dialética da vida, o nosso enraizamento “num canto do mundo” (p.358). Esse “topos — um endereço, contém referências concretas sobre o labor da imaginação. Um esforço incansável, ordenado e regular, como um movimento de sístole e diástole, injetando sentido de proteção em paredes virtuais, ou temor que duvida “das mais sólidas muralhas”. Viver a casa não é só uma experiência positiva ou real ou racional. A conjugação desse verbo está circunscrita a um passado, um sonho, amalgamando lembrança e imagem. Habitamos fixações, verdadeiras fundações simbólicas que sinalizam a felicidade, a infância, o imemorial. Como Roma em suas tantas camadas ou as estrofes de um verso que ora sepultam o sujeito, ora o expõe às entranhas. O “fechado” contorna a imagem produzindo um fetiche original — eis o devaneio, diz Bachelard. Princípio de ligação entre os pensamentos, as lembranças e os sonhos. Como um texto mítico, como a narrativa de um mito, suspendem-se os signos externos de tempo. Sob a lente da fenomenologia, o interior da casa infere uma maternidade. “A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa” (p.359). E esse espaço — qualquer um; que aprisiona o tempo na imaginação, potencializa a localização de estar, caracterizando para o autor, a solidão. Esses espaços são constitutivos e fundem, alheios à todo apelo racional, o pequeno e o grande, o quente e o fresco, autorizando uma interpretação de pertencimento, um bem-estar, um dentro que projeta o fora e portanto, caminhos. Os campos e os caminhos — desenhos vividos. Dessa dialética se desdobra a ação social. O movimento produz a poesia, uma leitura radical nessa aventura em sonhos que leva em conta a penumbra. Aí reside a possibilidade, por exemplo, da vivência dos cheiros; não se os alcança, em

reminiscências, com descrições. É necessário deixar-se transportar. “Quando é um poeta que fala, a alma do leitor ecoa” (p.364). Instala-se uma semântica própria, que liberta o homem que “lê”, do trilho do autor. Aliás, esse é ultrapassado, pois uma autoria emergente assume a direção da letra, na dobradiça urdida pelo poeta do mundo construído ao mundo sonhado, do romance à poesia.

O trabalho de BACHELARD (1974) em *A poética do espaço* engendra também legibilidade. Há algo de semiótica em sua topo-análise da casa e o universo, quando “coisas” ocupam na frase lugar de sujeito, de verbo, palavras plenas de significação corrente: “A cabana branca estava assentada no fundo de um pequeno vale formado por montanhas bastante altas; estava como que vestida de arbustos” (p.380). Ou, “pela sua própria luz, a casa é humana. Ela vê como um homem. Ela é um olho aberto sobre a noite” (p.377). Não há como o leitor escapar ao convite de repouso, a empatia, a familiaridade, a curiosidade. O legível da letra captura a imaginação e já de entrada compromete-nos na arquitetura da cena. Somos envolvidos pelo encanto de uma língua natal. Vagamos por paragens nunca vistas, absolutamente íntimas, cúmplices de nossa presença. “É sempre assim: os centros de devaneio bem determinados são meios de comunicação entre os homens do sonho com a mesma segurança que os conceitos bem definidos são meios de comunicação entre os homens do pensamento” (p.381).

O trabalho de Bachelard deixa transparecer o refinamento que a imagem léxica atinge quando desnuda a deserção, a falta de luta; não a solidão, mas o isolamento. “A neve, em particular, aniquila facilmente o mundo exterior” (p.381). O branco original exclui o outro, apaga as presenças, confunde o horizonte, amplia mesmo os limites ao infinito. O efeito de contradição com o dentro intensifica a intimidade, a sensação de proteção. A neve potencializa o Tempo. Existem os séculos.

É dessa matéria que somos feitos, os humanos. E todas as nossas atitudes estão contaminadas dessa natureza escancarada em nossa banalidade coletiva. Bachelard nos diz que até as cortinas revelam. Mas essa perspicácia da imagem ultrapassa o antropocentrismo, ocupando-se também do que nos cerca. Fenômenos, criatura — as feras, uma Tempestade. O autor refere-se a nossas “origens inexpressadas”

e conclui que “todas as agressões, quer venham do homem ou do mundo, são animalescas” (p.384), revelando “um pequeno filamento animal que vive no menor dos ódios” (p.384). Deve ser nessas paragens que Bachelard situa a resistência do homem: “o que se defende sem nunca ter a responsabilidade de atacar” (p.384).

Por outro lado, um velho pode se dar a liberdade, permitir-se a ousadia de ultrapassar fronteiras de segurança. Mas não se trata apenas de uma questão de não ter mais nada a perder; ou confiar, no caso de Bachelard, em seus antecedentes histórico-pessoais e seus cabelos brancos; para estar assegurado de que será ouvido. A confiança de Bachelard “ao virar a própria mesa”, sustenta-se na constatação de uma tendência inercial na imobilidade do pensamento.

Essa conclusão tem um paralelo possível em BOURDIEU (1998) e seu conceito de campo, com as implicações físicas que o norteiam. A premissa de que este espaço é habitado por conflitos implica nesses estágios de “paralização”. Isto se dá quando o equilíbrio de forças entre ortodoxia e heterodoxia promovem uma estabilidade nas tensões. Movimentos contrários e em intensidade tal que sustentam a imobilidade entre opostos e portanto, em ambos os pólos — um equilíbrio. Esse consenso, paradoxalmente, produz as áreas de lutas e, ato simultâneo, as mantém.

Bachelard, assegurado, encontra a poesia — a ressonância de uma linguagem que perpassa o tempo. A conclusão se precipita: só podia ser um velho, apaziguado no poder, para penetrar no desígnio da letra, a eternidade que cabe ao homem. Mas essa constatação, para quem se ocupa da velhice, não tem um efeito tranquilizador. A tarefa de responder a inquietação de “por que produzimos velhos”, impõe reflexões.

Gilbert DURAND (1997), em *As estruturas antropológicas do imaginário*, estabelece claramente o princípio metodológico que orienta seu labor, definindo estrutura como “uma relação entre elementos que são os seus subsistemas” (p.10). Sob sua ótica, o imaginário detém uma “estrutura fundamental arquetípica, forças dinâmicas, sujeitos criadores” (p.16) no viés de um estruturalismo figurativo.

Ainda, o “imaginário é o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*” (p.18); o que se articula com a afirmação

de CHOSMSKY in DURAND (1997, p.150) quanto à “uma estrutura dinâmica na intenção geral das frases”, maior que o sentido formal sintático ou léxico.

Essas afirmações detêm a chave do segredo. Significam que os caminhos por onde circula o imaginário constituem-se em imagens que se traduzem por palavras, frases e registram esse arcabouço simbólico; o contém. Mas, não é agarrando o pássaro que se apreende o seu vôo.

Diante de tudo o que já foi dito até aqui, pensamos que parece claro que responder às questões humanas é tarefa impossível. Temos que nos preocupar com o que se pergunta, a quem se pergunta, aonde se pergunta, porque se pergunta; com todas as respostas que se pode colher, elas também sujeitas a inúmeras variáveis. Há que se considerar ainda, que uma pergunta pode ser o início de um trabalho e que a resposta esboçada pode transformar-se numa questão da qual a pessoa passe a ocupar-se. Diante de “A minha casa...”, a questão que imediatamente nos atropela é “Qual casa”? E a resposta invariavelmente desenha um lugar, um corpo, um endereço alhures, uma tela bachelardiana. Sabemos da importância dos dados epistemológicos e demográficos, mas nosso interesse foca especialmente o que os velhos têm a dizer sobre “a sua casa”, o quanto se remetem a um tempo, um recorte particular onde “coisas” eram possíveis, associadas a um corpo-casa, um corpo-cenário de conquistas e realizações e lutas. Então agora, quando ouvimos “minha casa” escutamos com Bachelard “meu corpo” e passamos a coletar viagens, porque concluir é preciso.

E seguem-se as investigações com a confiança de quem vê numa pegada, a presença do homem.

3.2 CORPO-VOZ

“De toda a parte eu ouvia sair ganidos,
sem que visse pessoa alguma que os pudesse soltar:
por este motivo parei confuso e amedrontado.

E creio que Virgílio creu que eu cresse,
que aquelas vozes saíssem de gente,
que se ocultou de nós entre o silvedo.

Pelo que me disse o Mestre:
‘se cortares um raminho qualquer dessas árvores que estais vendo,
conhecerás que te iludes sobre a origem dos lamentos, que te espantam!’

Então, estendendo um pouco o braço,
colhi um raminho de uma grande árvore
e o tronco gritou: ‘ Por que assim me rompes?’

Depois que o sangue que escorreu da ferida tornou-se quase negro,
o tronco recomeçou a gritar: ‘ Por que me dilaceras?
não tens algum sentimento de piedade?’

‘Nós que agora nos achamos convertidos em vergôntees, fomos homens;
e por certo que tua mão seria mais compassiva
se houvérámos sido almas de serpentes!’

Da mesma forma que um tição verde,
ardendo de um lado, do outro estila,
chiando por causa do vapor que saí de dentro impelido pelo fogo:

Assim do ramo da árvore por mim cortado, saíam palavras e sangue;
por isso o deixei cair na terra,
ficando eu confuso como o homem que tem medo.”
(ALIGHIERI, s. d., p.20-22)²

Dante é o poeta da ação dos homens. Em Dante, a ação é uma escolha.³ Ocupado em adverti-los portanto, em sua trajetória dessa selva escura à luz, Dante objetiva a responsabilidade de cada um com suas escolhas e também o preço do ato. Ousar interferir no curso divino da natureza, custa ao suicida a lucidez racional aprisionada no vegetal (árvore), e no silêncio; a menos que as harpias lhes cutuquem os

² Esse testemunho é de Dante Alighieri, em trânsito pelo Inferno no 2.^o giro do 7.^o círculo, aonde são punidos os suicidas – os violentos contra si mesmos. Depreende-se do princípio, em Dante, que a alma humana é de tríplex formação: vegetativa – simplesmente a vida; sensitiva – que refere-se ao instinto; e racional – condicionada e conseqüência da perfeição vegetativa e animal vivificados pelo pensamento e pelo movimento.

³ Notas de leitura da Divina Comédia – Dante Alighieri – sob orientação da Dra. Marzia Terenzi Vicentini, UFPR, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas - Italiano, 2000.

brotos por onde os gemidos humanos possam esvaír-se. Ou, caso inédito, Dante corte-lhes um ramo. Pois apenas na ferida imposta à árvore é que pode escoar o sangue e a voz — humanos. A voz, ao suicida custa literalmente sangue. E seu discurso dura o tempo de coagulação que estanca uma ferida. A imobilidade e o silêncio aniquilam a potência ao ato.

Dante ALIGHIERI (1265-1321) usa tintas fortes. Contemporâneo de seu tempo, combatia a Teocracia, pois considerava a igreja o principal fator desagregador entre nações, na Itália. Crente, acreditava e investia na política como uma voz dirigida ao sujeito e não à massa, pois que este depositário de alma racional e de movimento. Essa é a configuração de sua ética. Distanciou-se da expressão filosófica contemporânea e com a poesia procurou atingir uma forma mais próxima da experiência pessoal. Dispensou o latim e dirigiu-se a seus conterrâneos em italiano vulgar. Dante tornou-se o poeta da voz e ecoa, ainda.

Das alturas, a visão do homem. Sulcos imensos desenhados impõem uma ordem própria — inscrição. Eis a marca sobre a natureza: o homem escreve, desenha, calca; constrói uma seara. Esse imperativo de transformação o retira do anonimato natural. Criatura nomeada, o homem faz-se criador. Efeito de ser homem — cultura.

Eis a materialidade: as motivações aparentemente invisíveis — traços; as heranças que colhem o vivente assim — já de entrada; pensamentos que saem na frente abrindo caminhos — pegadas.

Os combinados, as crenças que ecoam atemporais, atribuições, verdades, destino. O que está antes, o que está depois. O presente é a atualidade possível nessa equação: a voz que desenha a fronteira.

3.3 ORALIDADE

“A antropologia teve, desde o início do século (XIX), uma influência marcante na formação do pensamento ocidental. Forneceu uma perspectiva adequada à posição de nossa cultura como uma entre muitas, e pôs em questionamento pressuposições e crenças universais e absolutas relativas à condição peculiar do homem”. (LANGNESS, 1973, p.7)

O autor refere-se à história de vida como o “esforço de humanizar os dados antropológicos” (p.21). Além da eficiência fotográfica, dos dados materiais, topológicos, rituais domésticos — a voz, testemunha em ato. Referenda Edward SAPIR (1945) como um dos grandes contribuidores da chamada escola de cultura e personalidade e do uso de biografias como recurso metodológico. E cita Paul RADIN (1920, p.23) cujo interesse visava o indivíduo no coletivo, desenvolvendo o instrumento biográfico como documento cultural. Antes dessa data, a antropologia americana tinha como preocupação “salvar, tão logo quanto possível, as culturas dos índios norte-americanos que estavam desaparecendo rapidamente”.

Foi um denso caminho de apreensão das humanidades, das descrições, tabelas, fotos e objetos; à voz. Esse ethos próprio do humano, que sinaliza sua presença no mundo, inclui o outro. É como um grande diálogo que se estabelece entre o singular e o plural. O próprio e o transcendente. O homem e seu interlocutor. Mais do que simples presença, esse contorno definidor considera a alteridade. Uma escuta. Uma abertura por onde ecoe a herança. O que o espera desde sempre, o perpassa e o transforma e é transformado, toca o outro, apontando o devir.

Essa voz que tece a história, que é carne, som, atitude, presságio, ausculta. Essa vibração que soa como música no conjunto, na aldeia, no grupo, na instituição. Laço inefável de identidade — signo de pertencimento.

Os relatos testemunham detalhes de uma determinada cultura, permitem a visualização do trânsito e mudança numa cultura, revelam aspectos não-formais que não apareceriam se o informante não pudesse dar livre curso à voz, permitindo que dados intelectualmente considerados não importantes viessem à tona definindo contornos que participam da estrutura social de forma marcante.

Os relatos sem dúvida revelam as impressões calcadas no processo de viver a cultura e isso inclui a racionalidade e o não-sentido. E é dessa posição diante dos mistérios da vida e da morte que os homens produzem sua história. O relato oral atravessa a construção de conhecimentos obtida na fricção coletiva; as manifestações intelectuais, artísticas, religiosas — efeitos de saberes, as orientações e superstições

que produzem alento. São as visões multifacetadas das estruturas sociais que derivam de um núcleo comum, projetando declinações singulares que acessam retroativamente a origem.

BOURDIEU (1998), parece partir de um ponto próximo a essa densidade de discurso quando descreve a heterodoxia e a ortodoxia do campo. Refere-se a esses conceitos como medida dos atributos de poder, mobilidade e equilíbrio dentro das circunscrições sociais que se queira investigar. O que a voz revela é o jogo entre as pessoas, os matizes em que a posição social pode ter uma aparência racional, mas na verdade tem a ação orientada por um cálculo não consciente. Esse cálculo inclui as coordenadas que apresentam a ortodoxia como poder-reprodução da ordem dominante e a heterodoxia como exceção. Ambos se contrapõe num equilíbrio sustentado, em movimento, pelas oposições que giram em torno das estruturas econômica e política.

Os relatos orais, historicamente vinculados às pesquisas de cultura e personalidade, ganham fronteiras para além do estruturalismo, quando Bourdieu define a operacionalidade de sua teoria dos jogos trabalhando a sociedade cabila ou quando Norbert Elias expõe sua teoria das configurações no trabalho biográfico de Mozart. Literalmente, desse ponto de vista, Mozart, um homem a frente de seu tempo, emaranhado nas redes da transição de mentalidades de uma configuração à outra.

No começo do século XX a história oral ou relato oral foi encarada por DOLLARD (1900) e BOAS (1858-1942) como técnica fundamental em suas disciplinas, contraponto às quantitativas, já que a apreensão numérica da realidade social não inclui seus significados, detalhes e sons. Ou ainda o que não foi conservado, ou escrito, “o não explícito, quem sabe mesmo o indizível” (QUEIROZ, 1988, p.15).

Por volta dos anos 40, as técnicas estatísticas relegam essa abordagem à periferia da pesquisa, exibindo questionários como instrumentos de pura objetividade. Mas, a presença invisível do pesquisador ultrapassou essas garantias assépticas, revelando-se na formulação das perguntas e mesmo na apresentação das definições que orientam sua tese. Com o advento da tecnologia tornou-se possível a captação da voz, por exemplo, com o uso de gravadores. Recursos como esse estimularam o interesse nos relatos orais.

Na própria apreensão da linguagem o homem já evidencia um tropeço que é de estrutura na comunicação — a impossibilidade da transposição da experiência em palavra sem o efeito mutilador que a letra condena ao ato ou a emoção. A transmissão oral opera em tempos particulares regidos pela ótica do sujeito, introduz o tempo mítico na referência d’antanho, situa o cotidiano, implementa e atualiza a história, inaugura o ouvinte, resignifica a alteridade. Nesse processo de transmissão do saber, a voz pressupõe o outro, pode ser materializada pela letra, pela palavra, pelo desenho, numa sucessão de intermediários que operam reinterpretações. Esse processo é o próprio movimento dinâmico da configuração de culturas e portanto o processo social que se tem em mente contextualizar: múltiplo, plural — um longo diálogo codificado entre agentes. (ELIAS, 1988)

QUEIROZ (1988) em *Relatos orais: do indizível ao dizível*, apazigua escrúpulos excessivamente puristas no que toca a posição do informante, considerando que este, apesar de se colocar como que atendendo aos interesses do pesquisador, desdobra na fala, mesmo que inconscientemente, seus próprios objetivos, selecionando sua experiência, acentuando aspectos valorativos que considera positivos. Por outro lado, o pesquisador, seja nas anotações do relato ou nas transcrições de fitas, forçosamente escutará de forma seletiva as informações que colhe.

Do ponto de vista das pesquisas quantitativas, podem parecer heréticas essas considerações. Mas é exatamente aí que residem as pérolas. Numa análise sociológica, quanto ao objeto, “não se trata de considera-lo isoladamente, nem de compreende-lo em sua unicidade, o que se quer é captar através de seus comportamentos, o que se passa no interior das coletividades.” (QUEIROZ, 1988, p.24). O foco aqui não reside na tentativa de compreensão da existência do narrador, como numa biografia, mas sim na operacionalidade social, as configurações da coletividade. “Comportamentos e valores são encontrados na memória dos mais velhos, mesmo quando estes não vivem mais na organização de que haviam participado no passado, e assim se pode conhecer parte do que existira anteriormente e se esmaecera nos embates do tempo.” (QUEIROZ, 1988, p.25).

No mais além, a tradição que engessa os atores em representações sociais pode servir a determinados grupos na dinâmica de manutenção do poder, como no caso de alguns caciques políticos — os velhos coronéis, ou alguns imortais da Academia Brasileira de Letras.

3.4 A VOZ E A POLÍTICA

O registro da voz de velhos é uma descoberta, uma obsessão e uma política. Ao ouvi-los em seu foco pitoresco — para emprestar a expressão de Enrique; deixamo-nos levar por searas inescrutáveis, percorridas com avidez de xereta para, não se sabe quando, visitar o mesmo. Esse laço borromeano, trabalhado exaustivamente por Jacques LACAN (1985), desenha uma banda de seqüência entrelaçada que num átimo de segundo transmuta o dentro em fora — o externo em íntimo. Como num passe prestidigitador perguntamo-nos: Ora!? eu que acompanhava seguindo a voz, agora protagonizo... algo dessa história me concerne!

Hannah ARENDT, em *A condição humana* (2001, p.15), quando discorre sobre as três atividades humanas de base, de fundamento, situa “que a ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana na pluralidade, ao fato de que homens e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo”. Refere essa assertiva como condição da vida política, recorrendo aos romanos que usavam expressões sinônimas como “viver e estar entre homens” e “morrer e deixar de estar entre homens” (p.15), tamanha relação intrínseca afirmada entre o sujeito e a alteridade. “A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (ARENDT, 2001, p.16). É exatamente essa condição — a ação — que tem como efeito a lembrança, ato humano de engendrar a história, base de toda análise sociológica. Então, se estar entre homens é uma das condições humanas, um dos elementos

fundadores desse laço é a voz, materialidade de sentido e possibilidade entre o singular e o plural. E como a característica dessa química é mais do que uma coisa e outra, mas também e principalmente a relação que se estabelece como que por natureza construída entre esses sintagmas, a voz — produtor e produto — ecoa a mortalidade além dos corpos, situa as gerações e preserva o mundo, constructo artificial que suporta, na Terra, o ciclo das humanidades. Para Hannah ARENDT (2001), a capacidade de agir expõe o novo, a cada singular que inaugura o ato, o que remete a outra das condições gerais da existência humana — a natalidade — o nascimento do ato. O agir produz novas condições que determinam o mundo implementando o eixo de coisa e condição humana. A voz — ato. ARENDT (2001, p.20) referenda a expressão “vita-activa” como carregada de tradição, “produto de uma constelação histórica específica: o julgamento de Sócrates e o conflito entre o filósofo e a pólis”. Nesse contexto, “política” refere-se a um sentido autenticamente humano — “livre (s) e independente(s) das necessidades e privações humanas (...) dedicada à investigação e à contemplação das coisas eternas, cuja beleza perene não pode ser causada pela interferência produtiva do homem nem alterada através do consumo humano” (ARENDT, 2001, p.21).

A ação do homem é a atividade humana que não pode prescindir do coletivo, da presença de outros. Para os gregos, a organização política suplanta até a “essa associação natural cujo centro é constituído pela casa e pela família” (ARENDT, 2001, p.33). Isso demarca dois tipos de existência — o que é próprio ao homem e ao que lhe é comum — o privado e o público. Essa condição denota à ação e a voz uma relação peculiar: “Certa vez um homem aproximou-se de Demóstenes e disse ter sido violentamente espancado. ‘Mas’ disse Demóstenes, ‘não sofreste nada do que estás me dizendo’, o outro levantou a voz e exclamou: ‘Eu não sofri nada?’ ‘Agora’, disse Demóstenes, escuto a voz de quem foi ofendido e sofreu” (ARENDT, 2001, p.35).

Ou seja, as palavras emitidas em conjunção com o momento, com a atualidade do momento, configuram uma ação.

A voz verdadeiramente cria o ato na medida em que transmuta a história

em presença no tempo, uma versão. Na tradição grega, sustentar a voz na esfera pública, coisa de cidadão, consistia num exercício de coragem e liberdade. E mesmo esse ensinamento, que é socrático, trata do desejo reiterado de ultrapassar toda expressão subordinada à necessidade.

Em transformação que atravessa da Grécia Antiga à contemporaneidade, as esferas privada-íntima e pública-política giraram no mesmo eixo e inverteram o significado e a importância dos termos e suas relações. Esse movimento revelou uma aproximação entre íntimo e social, determinando a essa esfera uma configuração próxima a familiar, aonde o chefe de família representava o interesse comum. À esse padrão de comportamento que sugere igualdade, somam-se as inúmeras estatísticas privilegiando a maioria e paradoxalmente contribuindo para o que ARENDT (2001, p.53) nomeia “mão invisível” no trato burocrático da sociedade de massa. Dessa forma, o ato — discurso do sujeito por sua conta e risco em praça pública, sucumbe ao comportamento — grande número em multidão que legitima o desejo da maioria. A autora nos adverte que “os feitos perderão cada vez mais a sua capacidade de opor-se à maré do comportamento, e os eventos perderão cada vez mais a sua importância, isto é, a sua capacidade de iluminar o tempo histórico”.

A advertência de ARENDT (2001), do nosso ponto de vista, acolhe a questão que a presença do velho na contemporaneidade tem testemunhado além das estatísticas. Produzimos longevidade. Ficamos velhos. Velhos que falam. Isso escapa em princípio aos objetivos científicos na cura de doenças e na inspiração de uma máxima atual: é proibido morrer! pois a morte atesta nosso fracasso. Ou, trocando em miúdos, morrer hoje não é mais para a massa um fenômeno “natural” inserido na construção-mundo, mas uma concessão científica. Tamanha autoridade no que chamamos de práticas e atitudes revelam o quanto a sociedade é interpretada como bloco monolítico na ignorância do “fato essencial de que a atividade social é o resultado das intenções de vários indivíduos” (ARENDT, 201, p.54).

Os relatos desses sujeitos que se põem em ato na medida em que doam

suas palavras, suas histórias, suas humanidades; reitera o discurso público. Em nome próprio, essas vozes, parodiando Caetano Veloso, inventam um lugar. Não nos iludamos com a singeleza dos depoimentos. “Para os vivos, a morte é, antes de mais nada, o des-aparecimento. Mas, ao contrário do que ocorre com a dor, há um aspecto da morte no qual é como se ela aparecesse entre os vivos: na velhice”. GOETHE segundo ARENDT (2001, p.61) observou certa vez que envelhecer é ‘desaparecer gradualmente’; a verdade dessa observação, bem como o surgimento desse processo de desaparecimento, são bem tangíveis nos auto-retratos dos grandes mestres quando velhos — Rembrandt, Leonardo, etc. — nos quais a intensidade dos olhos parece iluminar e presidir um corpo que vai desaparecendo”.

Esses depoimentos — todos — dos notáveis e meros mortais — intensificam e realizam o contorno do mundo e dos homens. Além do que, a autora nos lembra que a grandeza - volume da esfera pública cede lugar ao encanto - íntimo, paragens do irrelevante. É verdade que essas vozes abrigam nossa humanidade, recolocando a dialética do mundo como ‘topus’ propício a nossas relações e simultaneamente, como o que nos separa. Essa é a condição para que a voz ganhe substrato no privado e ecoe no público e posso lhes garantir — custou aos narradores doar a carne. Essa doação ultrapassa a geração de fronteira em direção ao futuro desenhando a imortalidade, porque puro pensamento em voz.

Gradualmente o mapa vai se esboçando. As fronteiras da história doméstica desenham as figuras míticas — a origem do pai, a origem da mãe, o lugar de inscrição do sujeito. Zezé testemunha uma relação de confiança: “*ela sabe o que faz...*” Celso nos convida a associar “*uma mulher inquieta*” com seu trânsito na carreira. A voz vem de longe, planando, sem esforço. Vem revisitando, apresentando os laços, o lugar de criança. Mercedes é grata às origens, referência de identidade, orgulho de pertencimento: “*A coruja gaba o toco!*” Baby tem dívidas, ousou um caminho próprio. Perplexidade com sua decisão. Argentina manipula as cidades, dando-lhes um caráter antropomórfico: *Rioalegria e Campinasvelha*. É seu jeito de dizer de uma ignorância quando o corpo trai: “*eu me*

sinto burra”. Conceição revela o mal-estar com o marido referindo-se aos seus modos à mesa ... *tão bruto!* Tudo sob os costumes da época, civilizadamente, veladamente tocada, a sexualidade. *E eu era tida como fraca*: recusa o dinheiro dele e inaugura uma profissão. Enrique, minucioso a comprovar a bizzarria dos caminhos: *É interessante você encontrar no bronze pessoas que conheceu pessoalmente*. A voz escancara a vida embutida na história. E é mesmo o próprio homem que a escreve. Há humor nesse encontro com a morte: o notável que comeu banana como um macaco.

“Acontece-nos freqüentemente perceber no texto o rumor, vibrante ou confuso, de um discurso que fala da própria voz que o carrega” (ZUMTHOR, 1993, p.35). Os brinquedos descritos pela Nêne, eternamente recriados, que embalam, deslocam, acolhem, catapultam os sonhos; impõe ao barro e a madeira a transmutação, num teatro lúdico que reinventa as relações. As marcas indelévels dos encontros com o desejo. Para ela a memória lê o corpo e a linguagem trai o tempo: *Também me puxou muito a orelha. Até hoje quando eu me lavo doía a orelha. Ou: Eu tenho mancha nas pernas até hoje, do xixi das crianças. Saiu uma porção de feridas por causa do xixi. Ou Eu fui fazer a cuia, a faca escapou e cortou meu dedão. Foi um talho! Isso foi de pequena e até agora tem a marca*. Completamente imersa nessa viagem, Ana Luísa intui que o que a assalta, que o que a toma não será registrado: *Não sei como você vai escrever tudo isso!* Mas continua em órbita, imersa em poesia, suspira *Puxa, que coisa boa!!* Está afogueada, cansada até. O corpo,

... é ele que eu sinto reagir ao contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe a margem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecido e órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro ... Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som de seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos, tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescência, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena provindas de uma difusa representação de si próprio (ZUMTHOR, 2000, p.28-29).

Ao que Erwin adenda com irretocável ironia: *É um lugar conhecido, não consigo lembrar o nome, me faltam as palavras, idoso não tem jeito, eu sabia centenas de nomes de orquídeas ... e às vezes na rua tenho que me perguntar a um estranho: escuta, quem sou eu?* Há uma verdade presente, apreendida num viés em que se a reconhece, e em seguida, se está refém de um trabalho singular, que é o de criar sentido para o que lhe concerne. *O amor para com as orquídeas me força a pintá-las!!* O homem “carrega uma voz que o possui mais do que ele a domina” (ZUMTHOR, 1993, p.74).

Deixemo-nos levar pela própria leitura. Entreguemo-nos ao familiar, à indignação, às configurações, às vinhas do poder, à ortodoxia, à heterodoxia, às viagens, ao próprio movimento criador gerado no encontro entre homens. Não estamos certamente na seara dos sábios. Não se trata tão pouco de esculpir imagens idealizadas de sobreviventes. Nem de palavras de ordem em torno de movimentos orquestrados. Trata-se de um convite aos ouvidos — eles, falam. Expõe desejos, investigam, desenham humanidades. Podemos prescindir disto?

Sermos apresentados à uma realidade tem um impacto. Vivê-la, outro. Aproximarmo-nos da natureza, da qualidade de uma voz, exige um trajeto que contemple a poesia, o corpo e os outros.

Se a velhice impõe limitações aos homens, alguns deles — velhos — sustentam uma autoridade na fala, relativa ao ato de se manterem como homens, ainda.

Diante do amplo leque de discussões que essa etariedade suscita, a possibilidade de que essa voz seja incluída no esteio social é decisiva. Ninguém melhor que Mozart (ELIAS, 1995) para abrir o capítulo num depoimento sobre o custo em habitar um tempo social que não o contempla: “notas demais” para a sua arte – o descompasso entre o novo e as configurações de uma época. Como com a velhice, hoje há o mesmo descompasso entre o novo que é a presença do velho e as configurações que privilegiam a velocidade, o descartável, a beleza do vigor.

BACHELARD (1974), ao contrário, um ortodoxo, inaugura sua velhice, viagens poéticas. Sua voz ressoa no texto inscrevendo o poder criativo da palavra — realidade que nos concerne. Podemos revisitar os tempos. O corpo reconstruído, retomado, reeleito, é a morada da alma. As expectativas, a vida e a própria noção do futuro podem perder o caráter utilitário. A poesia abre para a interpretação, um trabalho de posse diante de um viés da verdade.

Com ALIGHIERI (s;d), sábio conhecedor da alma humana, a ação é uma escolha. E a poesia contempla com uma imagem poderosa, o preço do ato.

ARENDT (2001) precisa o viés político referindo-se a “viver e estar entre homens”, completando nosso tripé quanto ao foco do trabalho: o velho, para estar homem, não pode prescindir da voz, do corpo e dos outros.

Não é possível lermos as narrativas sem esse ângulo, sob pena de não encontrarmos legibilidade nos textos. O ângulo poético/político é fundamental para resgatar o princípio de oralidade construído na fricção coletiva, o processo de atualidade na história, a transmutação espontânea dos tempos de verbos, dos pronomes. De nada adianta ao suicida de Dante um gemido ao acaso, a cada cutucão das harpias. Um gemido só é um gemido, se há alguém para escutá-lo.

4 OS SUJEITOS – AS VOZES – OS CORPOS

A voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nesse sentido, a voz desaloja o homem do seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem.⁴

4.1 ZEZÉ

Meu avô foi um herói da revolução na Lapa. Eles tinham até escravos! Depois, quando não podia mais, algumas famílias ficaram lá. Criaram-se todos lá, aquela filharada, todos em volta. Então o meu avô morreu e a vida ficou difícil. Minha avó tinha que tomar conta de tudo, faltava dinheiro. Aos 12 anos, o meu pai saiu de casa. Como filho mais velho ele precisava trabalhar para ajudar a mãe. Foi descendo, descendo e em Divisa, Santa Catarina, ficou empregado num armazém. O dono era impressionado com o meu pai, guri daquele jeito, não gastava nada, nada; guardava, todo o dinheiro embaixo do colchão para mandar para a família! Papai era um homem muito especial!

Já a minha mãe era filha de um fazendeiro muito rico e muito ciumento! Ele não deixava nem que ela fosse ao colégio. Contratou na época um professor para que ela aprendesse a ler e a escrever em casa. Mas o meu avô achou que papai era o marido certo: econômico, trabalhador... não é que foi um casamento arranjado — eles eram um casal lindo! Minha mãe era uma mulher muito bonita e meu pai também era um homem bonito.

Fui uma filha bastante desejada, a primeira... pera aí! Eu tive uma irmãzinha que morreu com uns três meses, uma tristeza. Então, eu fui a segunda filha. Mas é que quando eu nasci foi uma alegria, deu tudo certo. Fui muito paparicada. Profundamente amada. Eu tive uma infância incrível! Nunca apanhei, sempre fiz tudo o que queria. Se

⁴ ZUMTHOR, P. “Performance, recepção, leitura”. São Paulo : EDUC, 2000.

eu queria comer, comia. Se não, não comia. Se eu queria tomar banho, tomava. Se não, ficava suja (risos). Ninguém me obrigava a nada. Estou falando porque isso me marcou demais. Por exemplo, foi mais tarde que eu descobri que as coisas não eram assim nas outras famílias. Uma vez, na casa de uma colega, eu estava com fome e quis comer alguma coisa. “Não agora” — a mãe dela disse — “já vai sair o almoço!” eu não conseguia entender porque eu não podia fazer o que queria fazer! Isso não entrava na minha cabeça. “Ah!” Na minha casa não é assim! Eu como qualquer hora, eu como quando estou com vontade. Mamãe não liga nada disso!”

Eu gostava muito de comer pão com mel e comia a qualquer hora, mesmo que não almoçasse. Estranhei demais descobrir que tinham pais que disciplinavam e exigiam. Na minha casa não existia isso de disciplina. Eu demorei em entender que eu era filha de um casal diferente!

Isso marcou a minha vida! ... e as outras vieram vindo: Aracy, Lourdes, Ondina e as gêmeas, Almira e Alzira.

Um dia meu pai trouxe a tia Joaquina para a fazenda. Ela era uma professora. Ele queria que eu estudasse e a tia Joaquina era exigente! Eu tinha sete anos e entrei na escola da fazenda já querendo saber tudo, queria ser sempre a primeira. Tirei dez em todas as matérias, gostava muito de estudar, de aprender. E aos 10 anos fui para o colégio interno. Papai tinha visão — “não vai ficar na fazenda. Eu quero que elas estudem e cresçam”.

O colégio ficava em Canoinhas. Era um internato de freiras, muito bom. Elas eram alemães e eram nazistas! Botavam a gente num rigor...

Naquela época o Hitler mandava na Alemanha. Eu saí do “pé no chão” e fui para um colégio nazista. Enxoval, uma rouparada, viagem. Ri-go-ro-so: às 07:00 horas da manhã — missa. Depois, café com leite e aulas. Almoço com verduras! Nada do meu pão-com-mel-a-qualquer hora. Foi uma virada na minha vida. Fui ficando anêmica: tomava o tal café e vomitava tudo no corredor — um horror!

À noite eu tinha pesadelos, acordava gritando. Fiquei doente e no dia de visita papai e mamãe me levaram ao médico.

Dr. ... eu não consigo lembrar o nome dele! Explicamos o que estava acontecendo. Ele mandou que as freiras mudassem o tratamento comigo. Eu não poderia levantar tão cedo, portanto, nada de missa! E mais, era necessário que dormisse junto de uma das irmãs, para que ela me atendesse quando fosse preciso.

Elas colocaram uma cama para mim ao lado da cortina da clausura. A irmã Perpétua, encarregada de me atender, cuidava de mim como se eu fosse sua filha. Eu gostava dela, mas essa freirinha tinha uma irmã no colégio. Acho que o nome dela era Ancila. Essa Ancila me espezinhava. Como eu sofria na mão dela! Pensando bem, era ciúme por causa da irmã Perpétua. Uma vez me disseram que eu era parecida com a irmã Ancila. Eu até que gostei porque ela era muito bonita. E ela ficou braba com a comparação: “Imagine!!” Acabou a minha alegria.

Quando a minha irmã Lourdes veio estudar comigo, ela ficou desesperada. Eu dizia para a Lourdes que era para nosso bem. Sofrendo daquele jeito eu sempre soube que era para o nosso bem. Papai sabia o que estava fazendo e eu confiava nele. Se eu dissesse que queria ir embora, eu ia. Mas continuei tirando dez em tudo mesmo quando estive doente.

A Lourdes num dia de visita, saiu correndo portão afora e nunca mais voltou! E eu fiquei três anos lá! Se eu quisesse ir embora meu pai deixava. Mas eu queria estudar. Apesar de tudo e daquela estória do burro. Cada vez que alguém desobedecia, tinha que carregar um bruto cartaz escrito “BURRO” nas costas. Tinha uma menina, a Anatércia. Ela era filha de pais separados. Muito rebelde! Eu não entendia. Toda semana a Anatércia desfilava pelo pátio com aquele cartaz nas costas! Eu tinha medo do “BURRO” e decidi que aquele cartaz eu não ia carregar nunca.

A avó da Anatércia era costureira na cidade. Mamãe mandou panos para fazer roupas com ela. Nessa casa tinha pão com mel! Como isso era bom...

Quando eu tinha treze anos quis estudar em Rio Negro. E o meu pai? Deixou, é claro! Homem bom — fazia qualquer coisa por mim. Ele tinha um sócio na madeireira que era prefeito de Rio Negro com uma filha da minha idade. Tinha também um grande amigo, o Fausto, que era agente do correio e telégrafo. Lá fui eu para Rio Negro!

Era também um colégio de freiras. Mas eu fui muito paparicada. Meu pai era rico, elas tinham interesse. Já foi tudo explicado, muito bem explicado. Eu não podia levantar cedo para ir à missa, etc., etc. Tive uma vida maravilhosa! A irmã Marieta me tratava como se eu fosse sua filha. Aprendi a tocar piano, bordar, costurar. Até datilografia.

E foi a irmã Marieta que me contou a história do Hitler. Ele tava mandando brasa e eu fiquei contra a Alemanha.

Na sala de aula, sentava na minha frente uma alemãzinha. Ela usava uma trança bem comprida. Eu puxava o cabelo dela. Aos domingos, íamos a missa das 10:00 horas na igreja da cidade. Todo mundo usava chapéu. Éramos seis amiguinhas. Depois da missa, ficávamos na praça conversando e mais tarde íamos almoçar na casa do prefeito. Ele era casado com uma alemã. Não é que um dia não gostei do que a alemãzinha falou, tirei o chapéu da cabeça e dei uma surra nela. O prefeito caçoava, dava risada: “a guerra nem estourou ainda”. Fiquei com uma vergonha... quase morri de vergonha!

Um dia, na casa do amigo do papai, o do correio, eu olhava as fotografias na sala. Um retrato me chamou a atenção. Que lindo rapaz! Era o Wilson, filho do seu Fausto. Falei para Paula, irmã de criação dele: “com esse eu casava”. Ele morava em Curitiba.

Mais tarde, nunca vou esquecer; eu tinha uns 15 anos e estava atravessando a ponte de Rio Negro para Mafra, com minha amiga Regina. Um rapaz vinha na direção contrária e eu vi que era o rapaz da foto. No meio da ponte eu virei para trás. Ele também. Era o Wilson!

Lá se fazia o “rouche” em frente ao cinema, na rua XV. Eu olhava, olhava, mas o matinê ia começar e nós entramos. Quando saímos, fomos ao Clube Rio Negrense. Não é que ele estava lá dançando com a solteirona? Imagine, ela tinha 18 anos. Ele me viu, largou a moça e me tirou para dançar — começamos a namorar. Mas ele voltou para Curitiba.

Minhas amigas foram estudar em Porto União. Saí do colégio e fui com elas, sempre tirando os meus “deizinhos”. O interessante é que eu não tinha paciência com quem não sabia. Já ia respondendo...

Nós éramos em três, inseparáveis. A Isolde, filha de madeireiro e a Jaci Marins, filha de um farmacêutico em Palmas. Estávamos sempre juntas, inclusive no dormitório. Um dia, uma delas ficou doente. Ficamos em duas. Dali a pouco a Isolde também ficou doente. Eu fiquei sem as duas amigas. Aí, acho que também lá eu não ia à missa; elas me tiraram desse dormitório para isolar as meninas. Naquela época se usava no quarto uma mesa com jarro de água e bacia, para lavar o rosto. Não tinha água encanada. O banheiro era lá longe. O resto a gente lavava duas vezes por semana. Eu acordei e então estourou o meu nariz. O sangue jorrava. Não tinha ninguém por perto. Olhei minha mão. Estava amarela. Eu pensei “estou morrendo pela mão”. Fiz um esforço e-nor-me e consegui pegar o sapato e bati-bati-bati na porta. Eu fiz um estrondo! Veio uma freira correndo, ela olhou e saiu assim que entrou, mais assustada ainda. Tinha sangue por todo o lado — na parede — na cama — no jarro — na bacia. Não sei como é que eu não morri. Era tifo. Gravíssimo! O médico, doutor Soares, consultava na esquina do colégio. Foi ele quem me atendeu. Fiquei mais morta do que viva. Nós três ficamos lá, isoladas.

Na minha casa, quando a gente ficava doente, mamãe fazia um mingau de farinha de milho com ovo. As freiras serviam mingau de quirera. Aí, eu queria a minha mãe!!

Mandaram um telegrama para o papai: “Maria José doente chamando mamãe”. Mandaram um “próprio” a cavalo com o telegrama. Dava uns 50 quilômetros até a fazenda. As estradas tinham muita lama, depois o trem e ainda uma balsa. Mais lama até a fazenda. O trem passava às 18:00 horas. Papai pôs mamãe e mais cinco homens no caminhão, que era para puxarem a balsa mais rápido. Da estação até a fazenda eram uns cinco quilômetros.

Mamãe chegou e eu estava muito mal. Um dia uma das meninas desapareceu e a mãe da outra começou a ficar assustada. A mamãe era uma mulher muito corajosa.

Mamãe não tinha medo de nada. Ficou ali, cuidando de mim, fazendo mingau de farinha de milho com ovo. Papai estava preocupado. Não conhecia o doutor Lauro e quis chamar o compadre Avande do Amaral, que era médico em Rio Negro. Mas esperou uns dois ou três dias e eu melhorei. O dr. Lauro disse que eu estava fora de perigo. Eu ia me formar naquele ano. Perdi esse diploma.

Miroslava, outra amiga, soube que eu estava no trem e foi lá se despedir. Então, contou que uma das meninas tinha morrido. As freiras não queriam contar, ninguém sabia de nada, mas uma moça no dormitório teve uma visão do espírito: “lá onde eu estou, um mês é um minuto”. Essa moça fez um escarcéu. A Jaci morreu e eu e a Isolde sobrevivemos!

No mês de fevereiro eu tive uma caxumba que quase me matou. Perdi março e abril da escola e então decidi: “agora eu não vou voltar para lá, eu não quero ficar atrasada no colégio — não quero mais me formar. Quero ir para Rio Negro”.

Foi aí que passei a encontrar o Wilson, dos 16 aos 18 anos. Ele voltava para Curitiba, mas nós encontrávamos nas férias.

Um dia, voltei para a fazenda e decidi trabalhar no escritório. Logo, logo peguei o jeito. Fazia o pagamento do pessoal. Eram uns 200 operários. Eu fiquei comandando. Papai, mamãe e o contador fizeram uma viagem ao Rio de Janeiro e eu fiquei tomando conta de tudo: dormentes para a ferrovia, uma fábrica de caixas, duas serrarias, plantações, uma casa de comércio e a erva-mate, que era o forte da fazenda.

Aliás, antes de decidir trabalhar no escritório, eu resolvi trabalhar no balcão da casa de comércio. Mas não deu muito certo. Eu tinha tanta pena daquela gente. Tinha um menino pobre de uns seis anos andando por aí. Eu cá no armazém. Meu avô, quando era capitão da revolução, andava armado com fuzis e tinha uma mala com sacos dos dois lados para carregar bala de fuzil.

Então eu pegava aquelas malinhas jogadas por ali, enchia de arroz, de açúcar, pendurava no pescoço e passava por baixo da tampa do balcão e levava para a família, lá para Inhana. Ia e voltava, ia e voltava. Não dava certo.

Com os peões, era assim: naquele tempo eles puxavam as toras do mato para a serraria com carretões de oito cavalos. Era trabalho duro, as estradas eram só de barro. Eles ganhavam por metro cúbico. No sábado era a prestação de contas e eu tinha que fazer o cálculo. Tinha um valentão, o Polônio Correia, que era só encrenca — gostava de roubar nas contas. Quando papai tinha acerto com ele, ia com o revólver na cinta. O papai não deixava ele roubar. Eu não! Ele mostrava a conta, eu pagava. Ele não gostou quando papai voltou!

Antes disso tudo, com uns 15 anos, um primo nosso começou a namorar uma empregada de mamãe. Depois do almoço, eu e ela íamos para dentro do caminhão. Ele namorava me ensinando a dirigir caminhão carregado de madeira. Foram falar com o meu pai: “o Augusto tá pondo a Zezé na direção, entrando e saindo da balsa. Qualquer dia o caminhão vai pra água”. Sabe o que papai fez? Ele disse: “ela sabe o que faz”.

Quando fui dirigir automóvel, era tão leve que eu acelerei e enfiei direto o carro no mato!

Eu estava com 18 anos. Um belo dia, sem esperar, uma comadre minha, mulher de um fiscal de barreira, chegou: “Zezé, vou te contar um segredo. Eu estava lá em Taunay, chegou um rapaz procurando você pra te pedir em casamento. Achei que você devia saber antes, pra ele não pegar você desprevenida”.

Quando o Wilson chegou, eu já estava toda enfeitada. Fiquei noiva dois anos. Aí o Brasil entrou na guerra e ele foi convocado. Fui até Rio Negro me despedir. Choramos muito. Convocaram muitos paranaenses. Mas, na apresentação, ele e outros foram dispensados. Não lembro mais bem porque.

Casamos em 1944.

Esta foi uma etapa da minha vida bem complicada. Eu era dona do meu nariz, sempre fiz tudo o que eu quis. Esse problema de sobrevivência eu não conhecia. Gostei dele, nunca quis saber se tinha dinheiro, se não tinha, onde ia morar, como ia viver. E outra, meu pai nunca teve ciúmes. Só uma coisa meu pai nunca deixou — ir em baile de caboclo, no meio do mato. Ele tinha visão. Estava certo nisso. Bem, casei e vim para Curitiba. Aqui não tinha quase casa para alugar, não tinha apartamento. Ele

trabalhava no centro. Resolveu casar e morar numa pensão na praça Osório. Eu saí da fazenda, de toda liberdade e me pus num quarto de pensão com um marido ciumento. Foi terrível. A cada 30 dias ele me levava a visitar duas tias. Eu me afeiçoei muito a uma delas, aprendi muitas coisas sobre casal, sobre como ser uma esposa. Mas chegou um dia que eu comecei a chorar. Eu gritava, eu chorava. Eu gritei tanto!! Ele levou um susto. Pegou o carro e me levou para visitarmos papai e mamãe. Ele achou que era saudade! Não era. Era tudo aquilo, a pensão, essa vida, me sufocando. Voltamos. Fiquei um ano e nove meses morando na pensão. Ele tinha muitos amigos. Meu marido era muito de bar, boate, circo... Aí ele conseguiu uma casa na Saldanha Marinho com Clotário Portugal. Quando fazia três anos de casada, eu fiquei grávida. A Ondina, minha irmã, estudava interna na Belmiro César. Eu tirei a Ondina do colégio e ela foi morar comigo. Dali um tempo vagou um apartamento na Rua Comendador Araújo. Era da sogra de um amigo do meu marido, por isso ele ficou sabendo. Mudamos para esse apartamento muito grande, muito bom. Meu filho era pequenininho. A Almira, a Alzira e a Aracy estavam internas no Sagrado Coração de Jesus. Achamos melhor ir todo mundo morar comigo. Ali vivemos anos muito felizes. A Ondina casou. Ficaram as outras três. Wilson gostava muito delas. Tinha muita paciência. Ele era muito bom. A gente vivia numa festa. Nossa casa, na fazenda era sempre cheia de gente. Papai foi trazendo os irmãos. Morava todo mundo por perto. Na casa, sempre dormia muita gente. Nossos empregados eram também nossos amigos. Tinha uma preta que até dormia na mesma cama que eu. Esta preta veio morar comigo. Era como uma irmã.

Foi então que o meu sogro ficou doente. Ele tinha câncer linfático e quando vinha para Curitiba por causa do tratamento ele se hospedava na minha casa. Eu comecei a ficar enlouquecida com o câncer dele. Tinha medo da doença, medo do meu filho pegar a doença dele. Desinfetava tudo. Vivia tensa. Era um horror. Um dia, meu sogro foi embora e morreu. Fomos para o enterro dele. Tinha muita gente na casa. Ele era muito querido. Eu e meu marido ficamos no hotel. Hotel Romagnoli, atrás da igreja do Rio Negro. Depois do enterro, eu tive uma crise de choro bárbara. Não tinha

o que me consolasse. Não era pela morte dele. Para ele foi bom. Era pelo horror que eu tinha vivido. Quando foi de noite, dormindo, eu senti um peso tão grande, eu queria o meu marido. Eu queria dar um grito e então eu vi saindo do meu marido um vulto preto. Não esqueço nunca. Aquilo era como um véu preto que foi levantando. Gritei pra burro. Belisquei ele. Um ano depois meu marido morreu!

Fomos a uma festa na casa do seu Humberto, sogro da Ondina. Foi uma alegria muito grande. De madrugada, meu marido começou a levantar. Eu não sabia o que era. De manhãzinha ele me acordou e disse: “eu quero que você me leve para o pronto socorro”. Eu levei um susto tão grande! Eu queria vestir ele, botei um roupão nele. Chamei um táxi. E perguntava “o que você está sentindo? O que você está sentindo?” Fomos para a Cruz Vermelha. Chamei o meu compadre, o doutor Antenor Puppo. No hospital era o doutor Lisandro Santos de Lima. E ele botava sangue. Eu rezava, rezava.

A família toda ia lá, visitavam, levaram o meu filho. Até que anoiteceu. O Wilson disse: “cadê o Carlinhos? Ele não me deu um beijo!”

Fiquei eu e a Aracy. De madrugada, transfusão de sangue. Eu fui rezar. Quando voltei, ele estava morto. Assim de repente. As meninas moravam comigo. Meu filho com seis anos. Ia fazer sete em julho. Papai perguntou: “quer voltar para a fazenda?” e eu “não, não quero me separar do meu filho”!

Minha sogra tinha vindo para minha casa junto com o meu cunhado. O Expedito ia para a faculdade.

Meu marido morreu dia 13 de abril. Ele faria 34 anos.

Wilson foi velado no apartamento. Quando levaram o Carlinhos para ver o pai morto, ele desmaiou. Mesmo assim, depois ele me disse: “mamãe, não chore que eu cuido de você!”

Um amigo do Wilson me procurou — o Dr. Oscar Paula Soares: “você pode contar comigo. Eu vou arranjar uma colocação para você”.

Fui ficar com minha mãe em Antonina. Maio, junho, julho — fiquei mais com a mamãe. Quando eu subi, foi lá em casa uma funcionária do Wilson, do Instituto

Nacional do Pinho, hoje Ibama e disse: “saiu sua nomeação”. Uma surpresa! Mas eu precisava trabalhar. Estava com 30 anos já. Lá, eu conhecia todos os funcionários. Não era um ambiente estranho para mim. Fui até a secretaria do Estado agradecer o Dr. Paula Soares. Eu disse que já estava empregada. O Wilson era um dos que fundou o Instituto como funcionário. Seu Lotário me tratava como uma filha. Vivi muito feliz ali e sempre me senti privilegiada. Saí da depressão e comecei a viajar. Almira casou depois que o meu marido morreu e a Aracy casou com o Antoninho.

Comprei um apartamento com o seguro de vida do Wilson, mas ainda fiquei três anos aqui. Meu marido morreu em 54. Em 1957 eu me mudei. Alzira foi comigo e levou uma amiga, a Odéia. Meu pai era assim. Todos os amigos moravam na fazenda. Aliás, meu pai casou pela segunda vez. A segunda mulher dele era muito cheia de história. Mas isso é outra história. É lá a vida deles que não entra aqui.

Fui passar umas férias no Rio e levei a Alzira junto. Estávamos na calçada esperando condução. Naquele tempo ônibus era artigo de luxo, era comum pegar carona. Saiu um carro do senado, pararam. Era o Adirson e o Sarney. Íamos para Copacabana. O Adirson tinha um amigo em Curitiba. O Bento Munhoz da Rocha era compadre do tio dele — o Café Filho. Hum! Café Filho...

Num encontro no dia seguinte — Alzira namorava o Adirson e eu, o Sarney. Em 15 dias ele pediu a Alzira em casamento. Liguei para o papai: “ela é que sabe”. Foi uma big-festa — jornalistas famosos, um acontecimento no Rio. O casamento foi em Curitiba. O Bento foi padrinho.

Eu fiquei com o meu filho.

Fiquei muito triste sem ela.

Um belo dia de Natal. Todo mundo veio. Festa na casa da Ondina. Papai mandou porco, carneiro, uma coisarada. Meu filho morreu!

De manhã eu acordei. Era novembro. Estava muito abalada. O noticiário cobria o assassinato do Kenedy e a renúncia do Jânio Quadros. Eram homens em quem eu confiava. Eu estava muito nervosa: “meu filho, cuide-se. Eu tô com medo que me tragam você morto para casa” .

“Mãe, não se preocupe, eu vou mesmo morrer jovem!”

“Você está falando isso porque o seu pai morreu jovem!”

Ele ganhou um disco da namorada, de Natal e me convidou para ouvir. Era o Ray Charles. Eu escutei o que pude depois fui dormir. Quando ele saiu para ir ao encontro da namorada pensei “meu filho não me beijou!” Era a frase do Wilson antes de morrer. Fui para casa da Ondina. Nos encontraríamos todos lá. Lembrei que o matinê devia estar terminando. Dali a pouco saiu todo mundo correndo. Eram nove horas da noite, eu estava nervosa, elas voltaram com um médico que veio na minha direção e “tuf” no meu braço (uma injeção).. “O Carlinhos se acidentou mas não aconteceu nada”! Saí correndo. Eu gritava tanto. Eu queria ir até a Santa Casa. Fui para a rua. Aí me contaram que ele tinha morrido! Aí, foi uma barra....

Na hora em que ele morreu, eu tava na missa do Bom Jesus. Umas semanas antes, uma amiga minha me contou quando percebeu que a filha era muda, ela foi para o espiritismo.

Quando o meu filho morreu, eu queria a Sirene!

O defunto ali e eu queria um milagre.

Eu sempre quis que ele fosse padre prá ter o paraíso garantido. Mas ele não gostava da igreja.

Por que a gente sofre?

Por que a gente morre?

Por que a gente cria?

Por que a gente se diverte?

Não pode!!!

Não pode ser assim...

Eu gritava tanto... eu estava louca...

Eu perdi meu filho!!

Eu estava gritando no outro dia de manhã. Eles me doparam. Nem fui ao enterro. Dona Dulce era uma sensitiva. Ela foi até a farmácia comprar alguma coisa. O pessoal disse que foi Deus que mandou ela ali naquela hora. Ela foi lá em casa, entrou no quarto e perguntou “por que você está chorando?”

Eu perdi meu filho — eu só gritava...

Ele tá aí atrás de você — e descreveu a roupa que ele estava usando, a cabeça enfaixada....

“Ele fez uma grande viagem. Ele vai ser seu guia, você tem que se preparar, você tem uma missão a cumprir!”

Mudou a minha vida. Os espíritos me ajudaram muito.

Depois do enterro, passou o Ano Novo e em janeiro a Ondina e o Nondas me levaram para Guaratuba. A Neusa foi me ver. Ela me falou muito da vida do espírito, me consolava. Ela me apresentou um casal, funcionário do posto de saúde, médiuns. A senhora olhou para mim e disse: “seu filho está atrás de você, ele não quer ver você triste. É para você curtir o mar, viver a vida — viver!”

Pus o maiô e fui para a praia.

Fizeram minha transferência para Rio de Janeiro. Quando cheguei fui me apresentar. Meu chefe disse que eu ficaria três meses no Rio e que não era para aparecer a não ser para tomar um café.

O Sarney me ofereceu uma colocação no exterior. Mas eu queria a minha família.

Com 12 anos eu li “O homem que calculava” de Malbathan. Malbathan para mim era um mito. De repente, descobri o trabalho dele no Rio. Ia toda semana tomar passe — aquela angústia melhorava. Pedindo um milagre, eu saí do corpo. Sair do corpo é a prova de que o espírito sobrevive à matéria!

Voltei para Curitiba. Uma amiga me levou ao Centro Espírita do Mauri. Recebi mensagens do Leocádio que me ajudaram muito. Quatro meses depois, trabalhava na Vila Tingui vendendo carnets para construção de creches para crianças carentes. Tinha um cidadão me esperando no Ibama, para tratar de assuntos dele — era madeireiro. Fui recebê-lo, mas tive que atender o telefone e me afastei. Ele era espírita. Havia recebido uma mensagem do meu filho: “minha mãezinha, a obra meritória que você está desenvolvendo tem como objetivo trazer lenitivo aos corações desamparados. Viva, minha mãezinha, porque nós não morreremos! E continuamos lutando. Seu filho Carlinhos”.

Aí eu fui estudar todas as religiões.

E me dediquei ao próximo.

Conheci o Emanuel no dia das mães. Ele estava triste. Eu já era saniasi do Rajynishi. Com um amigo fui conferir um anúncio: “convocados interessados em fundar centro”. Era uma casa de três andares, ainda não concluída. A porta abriu e apareceu um russo de cabeça raspada. Estava lá a Súria e mais meia dúzia. Fundamos o centro de meditação aqui. Em 1982 alugamos uma sala e começamos a meditar.

Emanuel tinha sido transferido de São Paulo para cá. Naquele dia tinha morrido um amigo dele. Falei da meditação, do espírito, dei meu telefone. Passou um mês e ele não deu notícia. Quando Emanuel enfim ligou eu estava indo ver o Hermínio Reis. Ele foi me encontrar lá com um amigo. Tivemos provas da nossa energia. A saída consciente do corpo é a projeção do corpo astral. A nossa energia é muito fantástica!

Num trabalho do Prashanto, Emanuel viu que ele foi meu filho na Índia.

Muita gente passou pela minha vida!

Tudo o que eu doei eu recebo de volta.

Eu sou caxias naquilo que eu quero.

Trabalhei e exercitei muito a Pineal (viagem astral) e a Hipófise (movimentos peristálticos). Eu tenho sonhos, mas não saídas conscientes. Trabalho na Faculdade Espírita, sou vegetariana, medito.

Eu vou fazer 80 anos.

Nem sei de idade. Eu não me entrego!

Essa história continua porque eu estou firme, aqui.

Maria José Weinhardt Pereira

1923 – 80 anos

Entrevista em 11/06/2003 – Curitiba – PR

Duração: 3 horas.

4.2 CELSO

Nasci em Rio Negro, mas sou de Curitiba.

O destino me jogou aqui!

A família de minha mãe (1898) era de Paranaguá. Com a crise de 30 houve uma reforma administrativa em Curitiba. Ponta Grossa era considerada o segundo pólo educativo do Paraná. Mamãe conseguiu uma nomeação e mudamos todos para Ponta Grossa. Ela era professora.

Papai tinha representação da Standart Oil Company — a antiga Esso. Ele vendia óleo, gasolina, querosene; entre Ponta Grossa e Marcelino Ramos.

Até que ele tinha um bom patrimônio, mas com a crise de 30 foi-se. Voltamos depois de dois anos. Papai morreu muito cedo, com 39 anos. Mamãe era uma mulher inquieta. Com 80 anos ela fez uma viagem à Europa! Era muito ligada com fatos políticos, culturais e financeiros.

Eu era o filho mais velho. Com uns 17 anos, um tio — muito bom professor de vida — me colocou na casa Nickel. Virei boy: fazia pagamento em bancos, varria escritório... Tio Ernesto! Ele era um homem avançado para a época. Repetia sempre “meu sobrinho não tenha pressa em casar. A safra de mulher bonita não acaba nunca”! Com 32 anos ele foi morar no Rio de Janeiro e sumiu. Ninguém tinha notícias dele, levava a vida como bem queria. Depois, foi para São Paulo...

Eu, queria a faculdade. O trabalho na firma não permitia que eu estudasse, então entrei com o jeitinho brasileiro e arranjei um “empreguinho público”. A família ajudou. A parentada pôs a máquina política para funcionar e eu fui para a faculdade. Escolhi Agronomia. O Brasil era um país agrícola. E não tinha esse negócio de universidade gratuita. Era paga. Esse curso, mantido por uma congregação de professores, saía um pouco mais barato. Havia também os beneméritos — gente rica que dava dinheiro para a faculdade. Os alunos que conseguissem uma boa colocação, ganhavam a matrícula de graça. Peguei o primeiro lugar! Mas a faculdade tinha pendências com o reconhecimento. Eram pendengas com a instância federal. Não saiu

o reconhecimento. Então os professores ajudaram. Arranjaram emprego de agrônomo pra todo mundo, um por estado. Era um carguinho sem futuro. Eu fiquei em Curitiba. As coisas sempre caíram pro meu lado. Tinha havido um concurso federal do Instituto de Aposentadoria e Pensões. Mais uma vez eu peguei o primeiro lugar! Gostei do empreguinho público...

Um dos meus irmãos, o segundo, que também morreu muito jovem, trabalhava no Banco do Brasil. Havia saído concurso para o Banco. Ele propôs que estudássemos à noite, na cama, antes de dormir. Eu não entendia nada de banco, nós dois trabalhávamos, fomos estudando como dava, assim, ao pé do ouvido. E eu passei em 1º lugar. (Risos).

Lá pelas tantas vieram me convidar para o tal carguinho de agrônomo no interior. E eu: “vou ficar por aqui”. Fiquei no Banco do Brasil. Mas não fiquei estático — andei nesse banco...

Tudo, eu queria saber. Sempre fazia perguntas. Eu me interessava pelo sistema. Com o correr do tempo, acabei diretor do Banco Central do Brasil: funcionário do Banco do Brasil à disposição do Banco Central. Nessa época era o contrário — o Banco do Brasil é que cuidava do Banco Central, que era uma delegação aqui, em Curitiba, uma em cada estado.

O casamento ainda era o ideal das mulheres. Naquele tempo não havia outro caminho. Ainda era muito importante ser mulher de um só. Conheci minha mulher no trajeto da escola. Ela era normalista e eu estudante. Fomos da última geração em que a virgindade era condição *sine qua non* para uma moça arranjar um bom casamento. Íamos a bailes de estudantes; bailes de clubes eram pagos. Passeávamos pela rua, em frente da casa da namorada. Quase todos os pais tinham cursado as mesmas escolas. Todos se conheciam. Casamos e fomos morar em Paranaguá. Eu não deixei ela trabalhar... é verdade! Ela se queixa até hoje.

Sempre gastei o meu dinheiro com mulheres! A minha e as três filhas. (Risos) Se um dos filhos fosse homem, era eu quem escolhia o nome, mas, se o filho

fosse homem tinha que se chamar Carlos. (Risos). A do meio é muito parecida comigo. A mais velha com a mãe, para tristeza da sogra. A menor saiu a um parente que é dentista. E os netos estão aí, todos correndo o mundo...

Em 1961, houve uma verdadeira revolução política no Paraná. Um vendaval chamado Ney Braga. Eu comecei a me movimentar na carreira. O Ney tinha sido meu companheiro no Internato Paranaense — Curitiba e eu me engajei na campanha dele. Ganhamos a eleição e ele me convidou para trabalhar no Banco do Estado. Tive ótimos companheiros. Acabei chefe! Foi sorte, deu certo. Em todo lugar onde estive, procurei transitar. O pessoal dizia: “o Sabóia sabe!” E tudo foi se ajeitando. Sempre fui muito realista, muito curioso — dependendo da matéria. E estrutura de banco tem que conhecer, saber formar equipes. Quando entrei, eu peguei o Máximo Kopp como diretor. Ele era um comerciante muito rico em Curitiba, dono das farmácias Minerva. Um homem muito objetivo. Ele convidou seis pessoas entre norte e oeste do Paraná, para compor a diretoria. Eu lembro das palavras dele até hoje:

“Senhores, não nos conhecemos.

Hoje é o dia de nosso primeiro encontro.

O que eu exijo de todos é que trabalhem em equipe.

O jogo tem que ter na mesa, os naipes para cima.”

Ele conhecia os homens e tinha muita visão política. Era aquele que dava confiança. Fez um bloco de visão homogênea.

Mas quem faz a imagem do político é a imprensa. Hoje, os próprios políticos fazem esse jogo da corrupção. No tempo que eu era menino, os homens se respeitavam. A resposta para uma calúnia era um tiro!

O Ney mudou a condução do Estado. O Moisés Lupion foi um péssimo administrador. Ele se cercou de gente ruim. O próprio Moisés estava atravessando uma crise muito grande da madeira. Ele tinha dívidas. Essa sempre foi a forma brasileira de politicar: resolver problemas pessoais.

O paranaense é um pouco diferente dos outros estados. Não é só o curitibano. O Ney apresentou os valores que ele prezava e o povo acreditou nele. O

sulista de um modo geral no Brasil tem mais noção de Estado, tem mais ética. Eu acredito que essa formação política é sempre revolucionária. Mas ninguém é revolucionário a vida inteira: o sul achou sua vocação.

Os políticos são mais sérios do que a imprensa diz. Trabalha-se muito. Ser deputado hoje tem uma historieta:

“Você conhece o João Mansur?”

Então, ele foi candidato à prefeitura de Irati. E contra a vontade do pai que insistia que campanha era coisa muito cara e que a pessoa entra na vida política em um dia e vira ladrão para toda a vida — João venceu! Depois se elegeu deputado federal. E nós conhecemos a vida dele — líder, deputado, presidente da Assembléia... E nunca ninguém disse que o João é ladrão! (Risos).

Eu não sou pessimista.

As coisas devem acontecer!

De 1961 até hoje, ainda sou do Conselho do Banco Central.

Em 1967 me elegi deputado federal na eleição do Canett. Fiz uma carreira paralela. O meu irmão foi chefe de gabinete do Dr. Artur Pereira dos Santos — advogado de profissão, político, militante, deputado estadual. Ele teve chance, mas não teve atração maior pela política.

Uma figura política polêmica da região de Ponta Grossa foi o Jânio Quadros. O pai dele, Miguel Quadros, era advogado na região e um dos filhos dele trabalhou conosco no Banco do Brasil. Ele tinha três filhos. Eu não sei porque a família mudou para o Mato Grosso. Ele foi advogado lá. O Jânio era um homem de paixões violentas: amigo é amigo, inimigo é inimigo. Um Collor menos glamouroso, mas igualmente atrevido. Ele tomou conta de São Paulo que na época estava nas mãos das famílias tradicionais, dos Marrey Júnior. Ele foi entrando. Foi afrontando os caciques. Elegeu-se prefeito, deputado, governador... Era uma vocação. Para isso tem que ser uma novidade. Ele foi a novidade. Isso é muito importante e necessário. Ele não era uma figura de São Paulo. Quebrava o estilo de “Vossa Excelência!” Era mais direto. Aliás, coisa que hoje é muito comum.

O norte era uma zona de penetração no Estado. A disputa era pelos pinhais, seguindo a linha da estrada de ferro de São Paulo ao Rio Grande do Sul, de Itararé à Marcelino Ramos. Tinha um entroncamento que saía um pouco abaixo de Irati e ia por Inácio Martins ao planalto Guarapuavano. Era um pessoal empreendedor — termo médio — não houve nenhum grande latifúndio. Um misto de industriais, comerciantes e políticos.

Foi esse o eixo da colonização no Paraná. Uma colonização mais selecionada, de gente que já chegava com alguma coisa.

O homem não mudou não!

O homem quer tranquilidade, bem estar, confiança.

Os safados são uma minoria horrorosa!

A maioria das pessoas é correta.

Em última análise o político quer o poder. Para isso tem que ter comunicação. O poder é organização política. E essa força se adquire com o respeito e com o conceito. Precisa ler. Para você aprender precisa ler bastante.

Mas a verdade é que distribuindo melhor, todos têm mais chances.

Essas são idéias ao vento.

Alguma coisa da minha vida... mas tá bom...

Eu sobrevivi aos meus contemporâneos. Acompanhei a morte de alguns deles. Eles consentiram. Isso é a velhice. Atingir essa idade não é comum. Mas eu ainda queria quatro ou cinco anos. Pouquíssimas pessoas chegam aonde eu cheguei. Se eu fizer uma estatística, a maioria de meus contemporâneos já faleceu. Os meus melhores amigos nos últimos anos, a maioria absoluta já faleceu. Não gostaria de citar nomes. Pessoas de vida normal, espírito forte, gente que vivia com gosto, industriais, empreendedores. Gente que participava da política, bem sucedidos do ponto de vista local.

Eu fui um homem sadio.

De um ano e meio para cá, mais ou menos, as coisas pioraram para mim. Eu não consigo mais andar na rua. Nem os médicos sabem direito o que eu tenho. Alguns dizem que é depressão. Me pegou para valer. Para levar embora de vez. Eu tô mais

perto da morte. Dificilmente sobreviverei a essa por um prazo mais dilatado. Vou me esforçar para agüentar mais uns quatro ou cinco anos, mas acho difícil. Gosto de viver, embora a morte seja um pensamento diário em minha vida. Agora eu fico deitado. Tô cansado, a cabeça não está ajudando, falta uma motivação. Estou achando que todo o esforço não mudará o destino.

Os homens dizem muitas coisas de muitas maneiras. Mas no fundo dizem sempre as mesmas coisas. Há os que acreditam num tempo de silêncio.

Celso Sabóia

1918 – 85 anos

Entrevista em 28/06 e 03/07 – Curitiba-PR

Duração: uma hora e meia, e uma hora.

4.3 ENRIQUE

Jean Duprat, meu avô paterno, chegou à Argentina mais ou menos entre 1850 ou 1860, numa corrente de imigrações com predominância de italianos e espanhóis, mas a família dele veio do sul da França, região basca. Portanto, houveram filhos nascidos na França e na Argentina. A minha avó, Afortunada Lucero, era uma crioula Argentina, uma mulher bastante simples.

Meu bisavô materno foi um general importante, gente de boas posses — Francisco de Aparício.

Ele tem uma história interessante. Na Espanha do século XIX, 1850, a rainha foi deslocada do governo e ficou como regente. Em busca de um rei estrangeiro, Francisco integrou a comitiva que trouxe para a Espanha, Amadeu I, filho de Victor Manoel II, rei de Itália.

Meu avô materno — Francisco de Aparício e Servino — era “marino” de guerra, capitão de fragata. Veio pelo rio do Prata comandando o navio Consuelo. Esses navios eram muito feios, pareciam uma panela com chaminé! Foi ele que mandou fazer esse jogo de louça com monograma, para o casamento. É um jogo inglês, de porcelana branca com azul celeste (aponta o serviço exposto na estante). Isso foi em 1882. Em Montevideú, ele conheceu a minha avó. Casaram e foram para a Espanha — El Ferrol — perto de La Colunha. A minha mãe foi a primeira filha, a mais velha. Ela é de 1883. Ali nasceram as duas primeiras filhas. Mas o clima era muito frio e úmido. Minha avó não agüentou. Meu avô se reformou, se afastou do serviço militar e eles voltaram para Montevideú. Militares não se adaptam muito bem na vida civil... Depois, mudaram para Buenos Aires. Em 1893 ele se incorporou a uma comissão do governo, numa questão de limites com as fronteiras entre Argentina e Chile. Com a Cordilheira dos Andes, a coisa ficava indefinida. A Argentina queria os cumes e o Chile, as águas. Era um trabalho complicado.

Meu avô morreu em 1901 e minha avó ficou numa situação muito difícil. Ela recebia uma pensão do governo da Espanha e tinha sete filhos. Meu tio, único homem

desta família, foi quase um segundo pai para mim. Era uma pessoa interessante, professor na Universidade, diretor de museu, da Academia de Las Artes. Ele era arqueólogo. Teve uma participação importante na minha vida, mais tarde me levou para morar com ele. Minha mãe conseguiu se manter, prestou exames para ser professora primária em Buenos Aires. Ela conseguiu manter o “status” — nunca vendeu o piano. Essa era uma advertência de minha avó. Casou em 1913.

Meu pai era advogado. Ele gostava de farras, de mulheres, barbeava-se duas vezes por dia. Era extremamente simpático, as mulheres gostavam muito dele. Quando a coisa funcionava, ele gastava. Moramos em várias casas alugadas. Tínhamos em casa uma vitrola “bailable” ... eu me perguntava se haveria música que não se dançasse!

Eu nasci em 08 de outubro de 1915. Morávamos bem. Belgrano era um bairro residencial com ruas muito bonitas, muitas árvores... Eu era filho único e morávamos com mais três irmãs de minha mãe, minha avó, meu tio também. Todos juntos! Minha casa era ao lado da linha do trem, a segunda depois da Estação. Foi aí que eu aprendi a ler. Aprendi sozinho. Quitico, noivo de minha tia Chiché, irmã de minha mãe, me deu de presente um par de jogos de letras de madeira. As primeiras palavras que eu escrevi foram Belgrano e Golf, nomes das Estações do trem. Continuei com outras, possivelmente copiadas dos diários, jornais.

Nessa questão de ensino não se pode ser franco atirador. Pegaram os serviços de uma prima, Carolina Irigoyen Duprat, que era professora primária. Ela me preparou para exames livres de primeiro grado inferior e superior, em dois anos sucessivos.

Minha educação foi uma coisa dantesca! Conservo ainda os certificados desses exames feitos em 1922 e 1923. Inicialmente os examinadores não queriam aprovar-me porque eu só sabia escrever em letra de forma, não sabia letra cursiva. Finalmente o fizeram porque realmente eu lia e escrevia. Penso no que foi para um menino dessa idade prestar exames livres diante de professores que nunca havia visto.

Eu era um menino muito delicado, estudava no melhor colégio de Buenos Aires, uma das escolas laicas mais aristocráticas. Nessa época, eu usava um penteado pouco masculino, meu cabelo parecia de mulher. Quando cheguei ao colégio os

companheiros riram tanto de mim que na saída eu fui a uma “peluqueria” cortar o cabelo como de homem. Também tomava iogurte como remédio, pois tinha problemas de flora intestinal.

Mais tarde meus pais decidiram que eu tinha que aprender quatro línguas: alemão, francês, inglês e italiano. Fui então para o Cangallo Schiele e isso durou uns dois meses. Os ventos viraram, saí dali para uma escola pública de meninas. Naquela época veio o Príncipe de Gales e nós aprendemos a cantar o hino inglês.

Logo nos mudamos novamente e eu tive que trocar de escola. O quarto grado eu fiz em três escolas diferentes e essa última, uma escola pública de salafrários horrorosos! Foi algo terrível, uma vida pitoresca, com muito sofrimento e um grande esforço para cursar todas as etapas. Um dia, na aula, o professor me manda levantar e pergunta se eu pintava os lábios. Saí chorando e não voltei nunca mais.

Mudamos novamente, para uma casa em frente ao Colégio La Salle. Aí a vidinha foi fácil. Eu fiz o 5.^o e o 6.^o grado sem problemas. Eu sou químico. Foi a primeira vez que eu vi experimentos químicos e quando decidi que seria químico!

Mudamos de novo!! Não fui aos colégios comuns. Fui ao Colégio Nacional de Buenos Aires, que ocupa um imponente edifício a duas quadras da Praça de Maio, o mais importante da capital. Minha mãe conversou com o secretário do colégio: “ele não é um estudante medíocre, gosta muito de ler — Júlio Verne, Emílio Salgari...”

Esse colégio era de uma rigidez, uma disciplina que hoje não existe mais. As cadeiras de madeira eram perfeitas, lustradas. Se a gente encontrasse um risco tinha que denunciar o aluno do turno anterior para que pagasse. Estudava-se latim todos os anos. Ali eu me dediquei também à leitura de novelas policiais. Eu me lembro bem de um professor alto, de ascendência ariana, colarinho com gravata por fora — Juan Nielsen — era também o diretor. Fiquei o ano todo e passei como um estudante qualquer.

Era o ano de 1929. tínhamos como costume veranejar em Montevideu, na praia. Meu pai voltou antes para Buenos Aires. O que aconteceu foi que tivemos que sair do país. Fugimos!! Provavelmente meu pai fez alguma coisa que não era correta. Aí foi outra história, outro país, outra educação. Não é a mesma coisa. Eu tive que

validar os estudos em ministérios, embaixada. Fomos morar na chácara de um cunhado de minha mãe, a 19 km de Montevideu. A vida que era uma, ficou assim: eu levantava a noite, pegava a estrada a pé, depois o ônibus até a estação, o trem para Montevideu e o bonde até o colégio. Voltava para almoçar às três horas da tarde. Eu não era mais um menino delicado. Foi uma grande mudança!

Fui aprovado em algumas matérias, outras não, como História e Geografia, que são matérias locais. Aos treze anos, eu ia à Biblioteca Nacional nas horas das matérias aprovadas e li todo Tesouro da Juventude. Cursei o alemão como idioma optativo. Comprava selos de correio para filatelia e economizava nos tostões. Ninguém me dirigia os estudos, ficava tudo por minha conta.

No 3.^o ano não havia vaga para mim. O diretor desse liceu 4 — outro colégio — era irmão do cunhado da minha mãe, uma pessoa muito distinta. Ele me conseguiu um horário nesse liceu. Nós já morávamos em Montevideu.

Nessa época, faleceu um irmão de meu pai que havia sido tuberculoso e tinha em Córdoba — nas montanhas, um negócio de materiais de construção que importava cimento da Noruega. Como ele era solteiro, meu pai foi liquidar o negócio. Meu pai pegou a idéia de um italiano amigo do meu tio e trouxe para Montevideu. O sistema consistia em colocar parquet de assoalho italiano impermeabilizado com asfalto, com um contra-piso de cimento. Todos trabalhamos nisso! Minha mãe fazia empanadas que eu entregava nas estações de bonde. Foi quando meu tio de Buenos Aires, Francisco Aparício, veio nos visitar. Ele viu tudo aquilo e me convidou para morar com ele. Meus pais concordaram, mas antes disso ele ficaria comigo um tempo para ver que bicho eu era. Ele queria levar a minha mãe também. Antes dela ir, tive que render exames livres de quatro matérias e fiquei com o 3. ano completo.

Meu tio era casado e não tinha filhos. Era um outro mundo. Ele tinha um jogo de jantar que era de madeira grossa e trocou por uma coleção de discos de música medieval! Já havia participado de uma série de congressos americanistas, na Europa, todos os lugares! Nessa minha nova casa em Buenos Aires tínhamos uma sala para visitas com papel de parede preto e dourado, tudo de mogno, discos da mulher dele...

Descobri o mundo, as óperas italianas, fiquei fascinado! Minha tia era uma mulher muito interessante também, muito culta, filha de um escultor argentino importante — Lúcio Correa Morales. Foram nossos vizinhos na primeira casa em Belgrano! Ela foi a primeira presidente de uma ONG na Argentina: Asociacion Argentina Pró Naciones Unidas. Ela, por si mesma tinha uma personalidade. Depois da morte de meu tio ela viveu ainda uns vinte anos, sempre trabalhando.

Meu pai foi embora. Ele estava no campo e uma senhora, prima de minha mãe foi juntar-se a ele. Era sua amante. Ele começou a plantar piretro, um tipo de citronela. Mais tarde teve Parkinson e morreu numa instituição pública.

Na casa de meu tio ia muita gente interessante. Conheci um antropólogo — Paul Rivet — que fundou em Paris o museu Del' hôme; um presidente da República, um prêmio Nobel. Dá para imaginar essa mudança na minha vida?

Meu tio era chefe do departamento de arqueologia e o diretor do museu me chamou um dia e me ofereceu um cargo de auxiliar técnico para trabalhar na biblioteca. Fiquei nove anos nesse museu. Mais tarde meu tio foi diretor ali.

Depois de um tempo saímos para morar juntos, eu e minha mãe. Ela se defendia com seus labores femininos, bordava para uma das maiores lojas de Buenos Aires. Ela tinha uma pequena oficina e várias moças que trabalhavam para ela. Eu me dividia entre o museu e a faculdade de química.

Foi um momento muito importante quando comecei a trabalhar, novembro de 1943, e também a faculdade — março de 1935. Minha mãe e eu morando no centro de Buenos Aires. Era um problema sério o trabalho e o estudo. Nunca fui às aulas de geometria... trabalhava das 14:00 às 18:00 hs. Ia de manhã para a faculdade, pro laboratório, almoçava em casa e depois do museu voltava para a faculdade. No primeiro ano eram 37, 38 estudantes de química. Cinco anos depois terminamos o curso em 15. Eu era o único que trabalhava!

No terceiro ano eu estudava com judeus. Eles me acolheram no grupo. Eu virei judeu honorário e a coisa mudou totalmente. Foi quando aprendi a estudar, porque a gente tem olho para ver. Eu e meus companheiros começamos a estudar na

faculdade. Solicitamos o laboratório para estudos especiais. Eu tinha um professor microbiologista muito importante — Alfredo Sordeli — que havia batizado uma bactéria que matava os soldados na Primeira Guerra Mundial. Fui falar com ele e lhe disse que queria fazer pesquisas. Ele me apresentou o Dr. Venâncio Deulofel que me propôs trabalho: veneno de sapos. Eu fui para o Instituto bacteriológico e recebi veneno e peles de sapos. Na parte do lombo do sapo tem uma série de pequenas glândulas que segregam veneno. Essa é uma das razões da má fama que tem o sapo. Mas não é um veneno muito ofensivo. Tem muita adrenalina junto.

Eu lembro também de víboras enormes. Lá eles fabricavam soro antiofídico. O Dr. Venâncio dava aulas de fisiologia na Medicina. Seu titular foi prêmio Nobel de medicina (1947) — Dr. Bernardo Houssay — uma das grandes figuras da medicina Argentina. Mais tarde (1940), o Perón fazia grande ofensiva contra a Universidade. Molestava as pessoas que não comungavam com as suas idéias. O primeiro professor que demitiu foi o Houssay e o segundo, o meu tio!

Em 1938 acontecia na Universidade de Montevidéu um curso de verão, em janeiro. Era em Humanidades — Literatura e História. Iam delegações de vários países: Chile, Peru, Argentina, Brasil... Dois estudantes e um professor por universidade. Um amigo me convidou e eu fui. Foi uma reunião muito interessante. Vi as três mulheres poetas mais importantes da América do Sul: Gabriela Mistral, Alfonsina Storni e Joana de Ibarbourou. Tem uma canção belíssima de Ariel Ramirez e Felix Luna que canta a história de Alfonsina que era mãe solteira nessa época, o que era terrível! Ela foi muito perseguida e acabou se suicidando! A canção chama-se *Alfonsina y el Mar* e foi cantada por Mercedes Sosa.

Na volta a Buenos Aires, com mais dois amigos, montamos as *Ediciones Del Angel Gulab* e editamos Pablo Neruda e Alberto Salas. Esse último era um amigo.

Saíamos pelas praças à noite para recitar poesias!

No ano seguinte, 1939, apresentei o trabalho dos sapos, que foi inclusive publicado — parte desse — em revistas estrangeiras. Ganhei o prêmio Mitre, coisa extremamente importante para um estudante universitário. Com o dinheiro do prêmio

ajudei uma prima que tinha tuberculose e foi o início de uma grande amizade com um primo irmão. Ele foi uma figura decisiva na minha vida. Tornou-se mais tarde um grande empresário e me ajudou muito. Foi uma pessoa com quem sempre pude contar. Quando afinal eu trabalhava no Brasil lhe enviava U\$ 1.000,00 por mês a título de investimento. Meu primo fez boas aplicações, reverteu U\$ 16.000,00 em terreno no valor de U\$ 26.000,00 em Punta del Este.

Algum tempo depois vendeu esse terreno por U\$ 70.000. Pode imaginar o bem que me fez esse dinheiro?

No ano de 40/41 reencontro Julian, meu único amigo de infância. Nossas mães tinham sido companheiras de escola primária. O pai desse rapaz era militar e advogado, metido na política. No dia 25 de maio ele me levou ao Palácio do governo e apresentou-me ao presidente da República — Agustín P. Justo. Tem um nome de rua no Rio de Janeiro, desse presidente. Eu me lembro dessa época, foi uma série de visitas de personagens importantes na Argentina: Getúlio Vargas, Roosevelt...

O dia 25 de maio homenageia o primeiro grito de independência da Argentina: O Cabildo de Buenos Aires. Na época, Napoleão capturou o Rei de Espanha, então eram eles que tinham que organizar a Colônia. Se fez o Cabildo aberto, municipal. Além dos membros normais participaram vizinhos representados por pessoas de peso na sociedade. E em 25 de maio de 1910 esse Cabildo nomeou uma Junta Provisória que tomou o governo. Mandaram uma petição ao Paraguai, Uruguai e ao Alto Peru, que se chama hoje Bolívia. O Paraguai ficou independente nessa época, no Uruguai não funcionou. Quando chegou San Martín, militar na Força de Espanha, a junta chamou ele para conversar.

Simão Bolívar pensou que por Bolívia não ia chegar a parte alguma. Pensou em fazer um exército chileno e vencer os espanhóis no Chile. Entrou em Lima e acabou com os espanhóis. Bolívar disse, referindo-se a San Martín: “não há maior inimigo da liberdade do que um militar afortunado”. Houve uma reunião privada entre San Martín e Bolívar. San Martín se retirou e foi morar na Europa, França.

Eu lembro que em 1924 chegou a Buenos Aires um transatlântico comandado por Ramon Franco, irmão de Francisco, ditador da Espanha. Eu fui à chegada dele! Coisa fan-tás-ti-ca!!! Eu lembro de ter visto em Montevidéu um bonde puxado por cavalo. E minha mãe tinha um rádio agalena — funcionava com uma pedra, sulfato de chumbo. Época de Marconi.

Eu não disse que a minha vida é bastante pitoresca?

No meu último ano de faculdade, um amigo me convidou a ir a um ato público: “Accion Argentina”. Era o ano de 1941. Era um ato a favor da democracia, pois nessa época o governo era muito conservador. Eu gostei e aderi ao movimento e me converti e passei o ano todo participando de esferas políticas. Toda semana eu falava em público. Eu falava decentemente, as pessoas gostavam. Fiz montes de atos públicos, giros pelo interior e tudo isso. Numa das viagens fui companheiro do presidente da província de Córdoba, Dr. Arturo Illia, que mais tarde foi presidente da república !! (risos). Num outro momento a “Accion Argentina” enviou uma delegação ao Uruguai numa homenagem ao dia 25 de agosto que é uma data muito importante. Eram 500.000 membros afiliados presentes; não era um movimento assim, porcaria. Viajamos a noite de navio, chegamos em Montevidéu para um ato no El Ateneo, com muitos outros oradores uruguaios e argentinos. Ia falar o Justino Savala Muniz, que tinha sido ministro no Uruguai, depois eu e por último o Emílio Frogoni que foi o fundador do socialismo no Uruguai! Era assim! O pessoal me aplaudiu tanto que tive que ficar de pé de novo para agradecer. Não sou eu que tô falando isso, senão o jornal que diz. Eu tenho os recortes. “Accion Argentina” programou atos importantes em todo o país. Isso foi proibido pelo governo. Era um sábado... fazia um calor terrível em Buenos Aires, me chamou um amigo para dizer que o governador da província de Entre Rios tinha decidido permitir o ato! Então, vamos para lá? Tinha um avião nos esperando. Era um monomotor. Foi a primeira vez que eu voei! Era muito divertido. O piloto se divertia com a gente, voando tão baixo sobre as vacas, que corriam até a cerca de arame e paravam! (risos).

Ou eu me dedicava a política ou seguia a carreira para que tinha estudado. Se quer fazer uma coisa séria na vida, tem que seguir o que se tem planejado. No dia em que me formei eu queria um emprego que tivesse algo a ver com a minha carreira. Fui ver os químicos importantes. O Dr. Wernicke era presidente da Associação Química Argentina e diretor de um instituto importante. Fui vê-lo e disse que queria trabalhar. Ele me olhou e disse: “Você quer ir aos Estados Unidos?” Que coisa! Me perguntar assim...

O governo americano tinha fundado quatro grandes laboratórios para estudar o aproveitamento industrial de produtos agrícolas, produtos agrícolas para indústrias. Eram laboratórios imensos. Um prédio há custado um milhão de dólares mais um orçamento anual de outro milhão. É coisa de primeira linha!

Aceitei, fiquei vários meses esperando pela resposta e fiz seis meses de estágio com um especialista em fungos. Funcionou! No dia 02 de julho de 1942 viajei com dois engenheiros químicos, homens mais experimentados que eu. Uma semana antes fui me despedir de um professor de microbiologia industrial e ele ficou surpreso: “quem escolheu você? Você vai fracassar!” Pode imaginar? Trinta anos depois, em 1973, houve em São Paulo um Congresso Internacional sobre “Impactos Globais da Microbiologia Aplicada”. Nós fizemos um Standart com nossos produtos da Matarazzo e apareceu esse professor! Ele dizia orgulhosíssimo “esse foi aluno meu”. (Risos).

Fui aos Estados Unidos. Os aviões eram a hélice. Voávamos de dia e a noite pousávamos nas cidades. Pegamos tormentas. Pearl Harbour foi em 1941, estávamos em 1942, tinha racionamento de combustível, não foi fácil. Quando chegamos em Washington, o responsável americano pelo programa estava enfermo e morreu no dia seguinte. Nós ficamos meio órfãos, ninguém sabia de nada. Um alto funcionário do departamento da Agricultura tentava nos encaminhar. Finalmente definiram uma diária de 100 dólares, uma passagem de um mês em cada laboratório, um mês em Washington e seis meses em Ilinóis. Fomos a um hotel muito bom, diária de 100 dólares. No dia seguinte mudamos para um hotel de um dólar por dia cheio de marinheiros e putas (Risos).

Foi em Washington que conheci minha primeira mulher. Ela era chilena, irmã do adido aéreo do Chile em Washington. Ela estava pretendendo uma bolsa de estudos. Era assistente social.

Eu tinha deixado uma noiva meio morna, como eram as coisas nessa época, em Buenos Aires.

Bem, começamos a percorrer os laboratórios. Numa noite, meus amigos decidiram andar por aí. Foram detidos numa drugstore. O motorista do táxi que eles tomaram foi à polícia e disse que tinham pessoas estranhas falando em laboratórios. Foi uma confusão. Tiveram que acordar o alto funcionário do departamento da Agricultura que nos acompanhava!

Numa outra ocasião, eu fui procurar um diretor de museu fora da Filadélfia com uma carta de apresentação do meu tio. No caminho de volta parei para tirar uma foto de um rio... A paisagem me agradou! Veio a polícia do FBI e me levou para uma delegacia para interrogatório! A coisa tava tensa. Foi uma experiência curiosa ser submetido a interrogatório de profissionais do FBI... fui liberado em seguida quando me associaram com os outros gringos do departamento de Agricultura.

E as coisas pitorescas continuaram... Encontramos num hotel o cônsul argentino que morava com uma mexicana que se dizia filha de Pancho Vila! Nos bondes, que tinham assentos de madeira, havia placas “somente para gente de cor”. Brancos na frente, os pretos atrás.

Em New Orleans os bondes tinham letreiros com os nomes dos bairros. Havia um bairro chamado “desirèe”, em francês. Mas os americanos liam desire. Lembrei de Tenesse Williams e o “Bonde chamado desejo”. A explicação é essa!

Eu continuava visitando museus e tive a oportunidade de conhecer um dendrocronologista: o próprio cara que desenvolveu o estudo dos anéis dos troncos relacionados com a idade da árvore. Isso foi na cidade de Arizona.

São Francisco é a cidade mais linda que eu conheci, com aquelas subidas e descidas... é um encanto!

Finalmente chegamos em Ilinóis e ficamos seis meses aí. É uma cidade industrial e o forte do laboratório era o trabalho com cereal de soja. Conheci gente muito relevante e fiquei numa situação incômoda por causa do meu título de doutor em química e nenhuma experiência, pois era recém-formado e isso não fazia de mim um especialista. O responsável era um homem com muita tarimba. Franquei com ele, que me respondeu “todos começamos conhecendo nada, o jeito é trabalhar”.

O quente eram os fungos na indústria. Os ingleses descobriram a penicilina mas entre descobrir e manipular a diferença é imensa. É como com os pastores franceses que faziam queijos e deixavam em cavernas para envelhecer e aí cresciam os fungos que davam o sabor tão importante do queijo Roquefort. Mas quem isolou o fungo foi Charles Thon.

Trabalhei muito, aceitei o desafio, estudei fungos. Fiquei meses trabalhando nisso, depois fui trabalhar com leveduras que são organismos unicelulares e produzem álcool.

Na volta, fiquei em um hotel em Nova York e descobri a cama cheia de percevejos. Dormi meio descoberto e peguei um resfriado. Fui ao México com uma recomendação do meu tio a um antropólogo internacional. Visitamos o sítio de Tetihuacan Pirâmides, que foi muito interessante. Houve no México, no século XX, uma revolução para separar Igreja e Estado. Os conventos de freiras foram então abertos à visitação. A clausura era total, as entradas secretas. Eu vi uma sala de meditação absolutamente fechada e no meio, uma cadeira. Do teto vinha uma luz. A sala de banhos era grande com chuveiros e roupões, porque as freiras não podiam ficar nuas. Meu estado de saúde se agravava, mas eu não queria pedir ajuda com medo de desaparecer num hospital. Havia guerra no Panamá e racionamento. As prioridades eram militares. Em quatro categorias, a minha era D. Com muito custo consegui um avião para Lima, onde fiz contato com meu amigo Alberto Champion, que me conseguiu um médico.

Voltei a Buenos Aires e encontrei com minha noiva. Eu tinha evoluído e ela não. Para você ter uma idéia eu tinha um amigo casado e íamos ao Teatro Cervantes, no camarote dele. Mas para ir, tínhamos que ir de bonde, mas não podíamos ir no

mesmo bonde!! Eu voltei com outra mentalidade... Em 1944, o conselho britânico abriu concurso para bolsa de estudo. Eu me apresentei e consegui uma bolsa para Inglaterra. Ela disse “eu não vou te esperar mais de novo”. Aí eu comecei a escrever para Alicia, a moça dos Estados Unidos.

Nessa época, os ingleses eram donos do meu país. Mas a Inglaterra estava numa situação delicada por causa da guerra e precisava fazer propaganda. Tivemos uma sabatina no hotel com gente de alta categoria. Até o Arcebispo da Igreja Anglicana! Era meu companheiro o Patrício Canto, irmão da Estela Canto, mulher do Borges; candidato à bolsa. Eu vi o filme do Borges no cine Luz. Passou há pouco tempo.

Depois fomos a um jantar de maior nível social que já participei na minha vida! Empresários, caras com luva branca, castiçais. É interessante você encontrar no bronze pessoas que conheceu pessoalmente. Tinha um figurão, Mister Drake, Eugene Mimillgton Drake, que eu reconheci numa escultura de bronze no meio de um largo, muitos anos depois. Durante o jantar tudo correu bem, mas para sobremesa trouxeram bananas! Eu esperei Mister Drake se servir e para minha surpresa Mister Drake comeu bananas como um macaco! (Risos)

Ganhei a bolsa e fiquei esperando um ano. a dificuldade era a minha área, para penicilina não dava mas a universidade de Manchester me aceitou. Escrevi para Alicia e ela me convidou para ir ao Chile. Viajamos sozinhos mas não me deitei com ela nunca! Propus a ela que nos casássemos por procuração e falei com o conselho britânico que ia levar minha mulher. Eles aceitaram. Eu iria para Manchester e ela Londres.

Embarcamos num navio cargueiro dinamarquês. Não havia barcos ingleses disponíveis. Os alemães tinham afundado tudo! Íamos para Copenhagen. Era 08 de dezembro de 1945. A guerra tinha terminado em agosto. Era uma perspectiva muito mais séria que a da minha viagem anterior, pois os ingleses tinham sofrido a guerra na casa própria.

As relações no barco eram tensas entre dinamarqueses e alemães. Pegamos uma carga de óleo de oiticica em Fortaleza. Chegamos nas Ilhas Canárias e subiram os espanhóis. O navio estava atravessando o Atlântico quando começamos a sentir um

cheiro estranho. Era um incêndio. O óleo era inflamável. Ficamos 10 dias nas Canárias. Nas Ilhas do Cabo Verde, em San Vincent, fazíamos comércio com os barquinhos dos nativos por cordinhas. Descia um par de sapatos, subia um artesanato. Foi tudo muito pitoresco! Lavávamos a roupa no barco, estendíamos no convés, a roupa ficava dura. Tínhamos que usar bolas de lã nos ouvidos! Chegamos a Copenhagen, atravessamos a Dinamarca de trem e no porto de Esbjerg tomamos o navio para Inglaterra. Chegamos atrasados, Londres estava bombardeada, o sistema monetário era terrível. Eu precisava telefonar e contatar o pessoal da bolsa, imagine enfrentar um telefone público que pedia guinéus e xilingues.

Na Inglaterra não havia duchas. Tínhamos direito a um banho por semana numa banheira amarela que depois de lavada ficou branca; com uns centímetros de água quente. Fomos comer num restaurante italiano. Tinha barata no macarrão. Tiramos as baratas e comemos o macarrão. A comida estava racionada. Se queria comer pão não comia sobremesa. Minha mulher não se interessou pelos cursos em Londres. Achou a Assistência Social lá muito atrasada. Ela havia feito a pós nos Estados Unidos. Decidimos ficar juntos em Manchester. Dediquei-me a uma fermentação — mosto de milho inoculado com uma bactéria — que produzia acetona e butanol. Os ingleses precisavam desesperadamente de acetona para a laca usada nos aviões.

Minha mulher estava grávida e teve um aborto. Ficou muito deprimida. Decidimos ir para Paris. Naquela época diziam que o melhor da bolsa de estudos na Inglaterra era ir para Paris! (Risos). Tínhamos levado uma punhadela de jóias e conseguimos que fosse incluída num leilão da Christie's (Risos): tiaras de não sei quem e nossas porcarias... Pegamos o dinheiro para viajar! Em Paris não encontramos hotéis, dormimos em motéis. Tudo isso nos parecia muito pitoresco. Todo mundo na Argentina pensava que nós estávamos morrendo de fome na Inglaterra. Chegaram a nos mandar um pernil! Nós vendemos o pernil para a dona do hotel das tropas americanas. O espanhol que intermediou o leilão da Christie's havia ficado com algumas peles que levamos para vender e acabou preso. Estávamos preocupados em como reaver as peles, mas ele conseguiu fazer com que as recebêssemos.

Com toda essa confusão, houve reuniões importantes. Era o primeiro contato entre países que havia depois da guerra. Do ponto de vista cultural foi uma oportunidade extraordinária! Por exemplo, me mandaram como delegado a Bruxelas e minha mulher também, pelo serviço de Ação Social do Chile. A retomada do contato foi na Royal Society, fundada por Newton. Ganhamos também ingressos para o curso de verão da universidade de Cambridge. Foi muito interessante porque tinha gente de alto nível. O último dos palestrantes foi Fleming, que descobriu a penicilina. Alexander Fleming, figura consular da história! Ele deu uma aula sobre penicilina. Ele estava estudando uma bactéria numa cultura de “stafilococcus”. Colocou o agar — gelatina de algas marinhas com o componente para desenvolver a bactéria — numa placa-rètre, essas de laboratório, de vidro. Deixou e foi embora. Acontece que um fungo do ar também se desenvolveu e nesse lugar não tinha bactéria. O cara sabia ler!! Eu tive na minha mão essa placa!

Na volta para Buenos Aires, a caminho da Holanda, paramos o táxi numa igreja para vermos um quadro de Rubens em que ele usou pessoas de sua família. Estupendo! Voltamos num navio inglês chamado Condessa, nessas alturas, por demais convencional!

Em Buenos Aires moramos com minha mãe. Mas não deu muito certo. Fui contratado pela Universidade de Tucumã como microbiologista Industrial, por três anos — 50, 51, 52. Nos mudamos para um hotel um pouco antigo. Tínhamos dois filhos homens, já. No segundo ano, com a inflação na Argentina e o mesmo salário, tivemos que nos mudar para uma pensão. No terceiro ano tive que ficar sozinho. Comecei a escrever alguma coisa, contos. Ganhei uma menção honrosa num concurso provincial de Contos de Tucuman com “Noches de Guardia”. Minha família voltou para a capital. Através de suas amigadas, minha mulher conseguiu colocação no Chile e eu também fiquei como contratado por dois anos no Instituto Bacteriológico de San Tiago Del Chile.

Nessa ocasião tomei conhecimento que a Seagram oferecia uma bolsa de estudos nos Estados Unidos. Eu me apresentei e levei a bolsa. Seriam seis meses na

universidade, seguidos de estágio na destilaria da empresa em Louisiana Kentucky e depois estágios em destilarias mais simples, compatíveis em tecnologia com as nossas. Eu não consegui dinheiro para pagar a passagem e perdi essa bolsa. No Instituto bacteriológico estavam estudando uma fábrica de penicilina — “screening” de antibióticos. Era o ano de 1954. fui chamado pela direção e ouvi um “não temos dinheiro para que você continue aqui”, ou não me queriam... A questão é que eu fiquei na rua, e bastante deprimido. Muito deprimido. Eu já tinha três filhos, havia nascido uma menina. Ficamos três meses assim. Foi quando encontrei um casal que conheci em Cambridge e consegui um emprego numa firma de levedura de panificação. Isso é microbiologia industrial, mas logo fui desviado para uma fábrica improvisada de ácido láctico. Eu pensava “aonde estou metido”! Trabalhava de macacão, com dois operários, hospedado num hotel de décima categoria, em Casablanca. Um dia recebi uma carta do gerente técnico da Farmoquímica Del Pacífico, uma fábrica importante até hoje.

O governo do Chile queria desenvolver o açúcar de beterraba em cinco fábricas numa cidade ao sul de Santiago — Los Angeles. Tinha uma destilaria de álcool que ia ser adaptada para produzir acetona e butanol. Iam construir outra fábrica para fazer ácido acético e assim teriam solvente para pintura — acetato de etila e de butila. Eram três fermentações diferentes. Fui para lá! Fiquei quatro anos lá, no departamento de plantas químicas. Minha mulher foi trabalhar como assistente social da firma. A Cláudia nasceu lá, no ano 60. Era na verdade uma corporação de fomento, praticamente do governo. No Chile não dá para usar a cana como açúcar. Na Europa se cultiva beterraba que é um tubérculo de cor branca. O processo de extração do açúcar passa por um banho de água quente, alta temperatura, depois volta para evaporação e cristalização. Lá não é como aqui — um proprietário com enormes extensões de terra. São extensões pequenas e o agricultor corta as folhas para o gado — forragem. A polpa extraída na fábrica volta para o agricultor. Por isso havia aí uma das maiores fábricas de leite condensado do mundo. Tinha o açúcar e tinha o leite. A safra chama campanha — temporada. O manejo todo é a base de água. Mas a coisa é sempre meio complicada, com duas panelas políticas: os engenheiros civis e os químicos. Eu não queria comprar

brigas. Fui falar com o administrador, que queria mandar embora esse pessoal. Fiquei sozinho com os operários e aumentei a produção. Essa atitude mereceu uma nota no jornal La Chispa, porque um químico argentino despediu três jovens profissionais chilenos. Mas eu me impus. Instalei a minha cama no laboratório. Eu tinha que manter a fábrica funcionando pelo menos vinte e oito dias, o tempo de constituir o melaço.

Minha família morava na Vila Industrial. Lá haviam 30, 40 casas. Eram muitas pessoas que não faziam nada. Me ocorreu organizar um centro cultural. A universidade tinha um corpo de ballet e teatro. Nós organizamos a vinda deles. Os artistas se alojavam em nossa casa. O pessoal da cidade gostou tanto que me nomearam o responsável pelo Comitê de Extensão Cultural da municipalidade de Los Angeles. Nos anos 60 era o sesquicentenário da Independência e a prefeitura organizou uma comemoração em que eu falei, em vez do prefeito. Veja, era muito pitoresco eu, um argentino a frente da comemoração cívica em outro país!!

Em maio tivemos dois terremotos em dias seguidos. É comum o terremoto e réplica, mas nessa ocasião foram dois terremotos em seguida! Justamente nos dias 21 e 22 de maio que são datas importantes no Chile, em homenagem ao combate naval de Equique, quando venceram os peruanos no Pacífico. Quando acordamos de manhã não se podia entrar no quarto dos filhos homens. Era de noite ainda. As construções na vila eram antisísmicas, com forro de telhas plásticas e lã de vidro. Nas fábricas também não houve nada de grave, não morreu ninguém, mas ficaram pessoas desabrigadas. Minha mulher se preocupou com a cidade. A parte psicológica de um terremoto é terrível. Ninguém queria mais dormir em casa. Muita gente vinha à nossa casa. No dia seguinte, às 14:00 horas, outro terremoto. A minha casa tinha uma coluna metálica e eu fiquei abraçado à ela com a Cláudia no colo, vendo como mexia a casa vizinha que via como se mexia a minha casa! O terremoto havia provocado um bloqueio num dos lagos, o Rinihue, que começou a subir. Esse rio desembocava em Valdivia e a enxurrada ameaçava a cidade. Os engenheiros resolveram explodir os entulhos. Não houve perigo de fato, mas todas as situações provocavam ansiedade. Minha mulher conta que em 1939, quando eles acordaram não tinha mais a frente da casa!!

Nas fábricas de açúcar e destilaria temos ácido sulfúrico que é altamente corrosivo, não em metal, mas na presença de água. O meu operário mais distinto tinha perdido a sua casa e eu o acolhi nos fundos da minha. Nesse segundo terremoto ele estava numa posição perigosa e foi atingido em cheio com o ácido e água, o que provocou danos que levaram anos para serem reparados.

Ainda naquela época, o pessoal demitiu a minha mulher. Mais tarde eu concluí que eram “assuntos” com o chefe. Eu não como carne onde como pão. Mas a desculpa foi que ela mandava muito na fábrica. Pensando bem eu também achava alguma coisa esquisita, mas só pensei mais tarde. Acontece que fizeram um sumário para investigar o vinagre na minha fábrica. Era uma armação e eu respondi com uma carta violenta e antes mesmo da decisão eles me deram a demissão. Eu redigi a minha carta de recomendação e os jornais lamentaram a saída do casal Duprat.

Voltei para a Argentina e coloquei anúncio no jornal inglês. Em Buenos Aires havia um jornal inglês. Respondi à Dupont americana de produtos químicos. Eles tinham, perto de Buenos Aires, numa extensão de 34 hectares, quatro fábricas onde fabricavam rayon, nylon, celofane e freon, aquele gás que rompe a camada de ozônio, o gás de geladeira. Era mais ou menos o ano de 1964. Fui contratado como chefe do laboratório de controle das quatro fábricas. Passou uma semana, meu cargo desapareceu! A firma vinha fazendo uma reforma e decidiu que cada fábrica teria o seu laboratório. Me colocaram na fábrica de celofane, na recuperação de solvente usado em embalagem de cigarro. Depois fui para um cargo técnico-administrativo — controle de glicerina. Ficamos numa cidadezinha formada por ingleses, Ranelagh. Era um lugar distinto que ficava em volta de um campo de golfe, um nível social muito bom. Acontece que eu me sentia meio incômodo. Eu já tinha 45 anos e quando a gente trabalha em indústria é um assunto chato ser mais velho e não ter experiência e os jovens terem experiência técnica. Não era o meu metiê... agora, fábrica de nylon. Eu não gostava. Fiquei ali três anos. No 3.^o ano, um menino chileno que tinha trabalhado naquela Iansa, me telefonou e disse: “estamos montando uma fábrica de destilaria de beterraba”. Então eu comecei a trabalhar simultaneamente nas duas. Eu gostei da

coisa! O assunto é que estavam tratando de por em funcionamento a fermentação. E a fermentação não funcionou. Todo mundo se perguntava: “O que é que tá acontecendo que aqui não funciona?!” E eu falei: “esta bactéria que vocês têm é de beterraba e a que está aqui é de cana”. “Então o que faremos?”

Frotaram um avião ... eu me lembro que quando voava pelo Rio do Prata, que tem 200 km de largura na desembocadura, eu pensava numa sujeirinha no carburador ...!!

Na volta pegamos uma tormenta. Voamos na altura das copas das árvores. Conseguimos desembaraçar 25 kg do material na alfândega. Não dormi essa noite e no dia seguinte a fábrica estava funcionando!! Voltei a Buenos Aires. Um dia, me chamou o superintendente: “Você não gosta do que está fazendo, não é?” Tive que sair, por dignidade tive que sair. Tinha ficado três anos nessa fábrica de nylon. Meu filho mais velho estava quase na universidade, já. Eu comecei a procurar emprego e escutava: “você é demasiado bom para o cargo”! Decidi recorrer à minha família. No Uruguai tinha aquele primo dos dólares, que tinha um frigorífico. E me aceitou e eu fiquei lá por dois anos e meio, até 1965. A situação era muito difícil para mim, a família ficou em Buenos Aires e eu me sentia muito frustrado. De repente, me chegou uma carta de um amigo, um daqueles dois com quem eu fui para os Estados Unidos, o da Companhia Açucareira Tucuman. Ele me dizia que o Conde Matarazzo, no Brasil, tinha uma fábrica de ácido cítrico, a única da América do Sul, e queria montar um laboratório de pesquisa, porque a fábrica não ia bem. A fermentação alcoólica, láctica, o organismo faz naturalmente. No cítrico não é assim; se você coloca um fungo no meio, ele vai dar anídrico carbônico e água, que não interessam em nada. O ácido cítrico é uma etapa intermediária. O problema é bloquear o processo, o microorganismo, para que chegue no cítrico e não vá para frente. É uma coisa de uma delicadeza incrível. Por exemplo, o manganês equivale a uma colher de chá para cinqüenta fermentações de 100 mm cada uma — é uma parte por bilhão. Pode imaginar isso? É um magnífico negócio mas há ainda muito pouca fábrica no mundo inteiro. É uma coisa extremamente complicada, extremamente difícil.

O meu amigo tinha feito barulho para me encontrar. Fui à casa dele, conversamos. Ele estava trabalhando para o Matarazzo. “Não estou doente nada, eu queria achar você”! Mas o assunto era o Brasil e ele me convidou para vir ao Brasil conversar. Os escritórios do Conde ficavam no edifício Matarazzo. Nós fomos conversar com o Dr. Getúlio. Meu amigo apareceu e disse: “você vai tomar conta da fábrica porque mandamos embora o diretor”.

Em doze anos mandaram oito diretores embora. Técnicos alemães. Eu me meti, como você vê em coisas que requerem certa coragem. Ele me pagaria U\$ 1.500 por mês, o que para mim era muito dinheiro. Fomos conhecer a fábrica: a fazenda Amália ficava a 30 km da Anhanguera, em Santa Rosa de Viterbo. Era impressionante, a gente saía da Anhanguera e se metia pelo mato por 30 km. Para mim que vinha de outro mundo, não era fácil.

Bom, assinamos contrato e em abril de 1966 eu voltei para tomar conta. A fábrica produzia 900 toneladas por ano de ácido cítrico monoidrato — um ácido de uma qualidade medíocre. Vivi sete anos aí.

Em 1967 eu trouxe a minha mãe, porque minha mulher não podia ver a minha mãe. Quando eu saí de Buenos Aires, meu filho Enrique, que estava na universidade, trouxe um amigo para nossa casa. O cara era guru e acabou morando lá. Até hoje eu não entendi direito tudo o que aconteceu. Nossa casa ficava num bairro aprazível, piscina, um belo jardim. Eles puseram uma placa lá na frente “O Ashram da Divina Mãe”. Um dia eu recebi uma carta de um senhor vizinho nosso. Era um marinho reformado, da armada nacional. Estranhei a correspondência, pois não tínhamos proximidade. Talvez as filhas no colégio... Ele disse: “estão acontecendo coisas muito estranhas em sua casa. Se você não tomar conta do assunto, a polícia vai fazê-lo!” Confirmei com Tia Cristina e fui à Buenos Aires. O guru havia tomado conta. Falei para Alicia que levaria as meninas comigo. Ela não reagiu e eu já havia organizado essas coisas com meu advogado. Meu filho mais novo também nos acompanhou. Vendemos a casa e um ano depois ela voltou para o Chile e nós tivemos o casamento anulado.

No Brasil, eu me casei pela segunda vez. A família dela era contra porque a anulação do meu casamento em Buenos Aires não era válida para o Brasil. Mas com o tempo eles gostaram de mim e eu fui muito feliz nessa união que em princípio parecia complicada. Passei uma boa época no meu segundo casamento. Ela era viúva, professora primária, com três filhos e eu dei oportunidades a todos. Eles me querem muito bem. Nós nos dávamos muito bem, viajamos muito. Eu mesmo conheço pelo menos trinta países, incluindo Israel e Suécia. Foi muito bonito. Vivo há 37 anos no Brasil. E foi aqui que eu realizei o trabalho realmente sério, com condições e com trabalho social, que tem uma importância muito grande. Sem isso, a fábrica não estaria instalada ali. Para Santa Rosa, essa fábrica tem uma enorme importância.

A fábrica era muito mal organizada. A fermentação se fazia em câmaras que cabiam 1.400 bandejas. Inoculava o fungo que germinava e desenvolvia uma camada enrugada — o micélio. Quando terminava, se esterilizava a câmara e começava tudo de novo. Um dia o Eduardo, que era filho do Conde, tinha visto na Alemanha bandejas fixas, que se lavavam ali mesmo. Fizemos uma câmara experimental com três bandejas de 6 x 2 m. Trabalhei seis meses pensando no líquido transformado que se perdia na lavagem. Que pena jogar isso fora!! Então experimentei usar o micélio e reduzi o tempo de transformação pela metade. Depois adotei o novo processo às bandejas pequenas. O momento mais emocionante da minha vida foi quando os americanos vieram conhecer a fábrica e disseram: “gentleman, we know you make miracle hear!!!”

Essa fábrica pagou uma outra. Os operários baixaram de 400 para 80. Os americanos nutriam profundo respeito por mim. Na fábrica nova, fiquei com pesquisa — microbiologia, controle de qualidade. Em primeiro lugar, nomearam um imperialista que se revelou disposto a me mandar embora. Mandaram embora ele. Em segundo lugar eu já conhecia as funções do manganês em todo esse processo, quando uns caras em Viena escreveram trabalhos sobre isso. E foi aqui no Brasil que eu finalmente conquistei o meu lugar. Hoje, a dona é uma firma inglesa. Eu tinha 78 anos e decidi me retirar. A minha mulher teve câncer e tinha morrido. Eu fiquei três anos como consultor aí decidi me afastar. Fui eu que cuidei da minha mulher. Foi muito dolorido.

Aqui em Curitiba, comecei a buscar o que fazer. Fui ao parque São Lourenço e aprendi a fazer esses tapetinhos. Fiquei dois anos e fiz amizade com meu professor. Depois me juntei a um grupo de gente que falava inglês. Tinha reunião toda semana na casa de um e outro para jantar. Essa foi uma coisa muito divertida. Em 1994 aconteceu o “Night O’ Clock Teather”. Foi muito simpático. É um teatro de amadores, em inglês e eu fui o ajudante do ajudante. Aí me fiz amigo de Dixie de Oliveira, que é tradutora de inglês, e começamos a trabalhar juntos. Primeiro aprendi a manusear computador e agora trabalho independentemente. Eu tenho um anúncio na lista telefônica como tradutor — inglês e espanhol.

Essa é a minha vida!

Eu tenho uma paz interior total, não devo nada a ninguém, cumpri com todo mundo! Eu me sinto em paz comigo mesmo.

Eu ainda tenho muita história para contar. Se você precisar, conte comigo! Eu tenho tudo registrado. Você pode xerografar se quiser. Eu gostei muito! ... falei demais?

Enrique Dutrat

1915 – 89 anos

Entrevistas: Em 24/07/2003 – Curitiba-PR

Em 18/11/2003 – Curitiba-PR

Em 11/12/2003 – Curitiba-PR

Duração: 2 horas e meia em cada encontro.

4.4 MANANGA

Era uma vez um gato inglês
Que pulava de 4 e saltava de 3
Qué que eu conte outra vez?

A minha é a história de qualquer vida!

É como qualquer outra ... (risos)

É viver, é lutar — como a gente lutou...

Graças a Deus a gente teve uma vida muito feliz! Tá escrevendo as bobagens? Ah! Essa não!!

Vivi muito feliz na cidade de Palmeiras, onde nasci e ela é a cidade clima do Brasil, no dizer dos palmeirenses. Vivi tantos anos lá, depois do que vim para Curitiba.

Naquele tempo a gente ia para a escola com sete anos e a gente não sabia nem ler nem escrever. Tive uma escola muito boa, era da paróquia — das irmãs — Escola Paroquial Imaculada Conceição. As irmãs eram muito boas professoras e naquele tempo heim?!, as coisas eram mais simples. A irmã pendurava o mapa na parede ou no quadro-negro e falava assim: “quantos são os estados do Brasil?” E a gente pegava a régua e uma apontando: “vinte estados e um Distrito Federal. Amazonas — capital — Manaus, Pará — capital — Belém, Maranhão — capital — São Luís...”

Uma vez por semana eu tinha aula de alemão, eu tinha até meu livrinho de alemão! Que pena que eu não guardei o meu livrinho... não sei se ficou lá em Palmeira. As letras eram em alemão — bem desenhadinhas. Hoje, o alemão não tem mais as letras em alemão (gótico). Tinha umas irmãs que vinham da Alemanha. A casa provincial delas era em Belo Horizonte. Veja como é bem certo o que o pessoal diz: “a gente tem que transmitir para as crianças coisas boas”. É que coisa de criança a gente guarda tudo. Eu me lembro de um versinho que elas ensinavam em alemão. Cantando em alemão nem sabia o que estava dizendo, mas a gente cantava. É que ia chegar a superiora, a madre geral. É mutti, a grande mãe que chegou!

“Die schule ist geschlossen
geht fröhlich rach Hause
mit Mutter veil du bist
villkommen”.

Lá na Palmeira tinham colônias de alemães, de russos — colônia Lago, colônia Puga; como agora tem a igreja. No meu tempo era a mesma igreja! Palmeira mudou bastante, sabe? Mais ainda é uma cidade simples... no meu tempo de criança tinha, e ainda tem, casas antigas ali na praça. Uma casa grande que tem lá ainda existe, ainda é nossa, quer dizer, é deles (sobrinhos) agora. A gente nem tinha nascido, mas vovô morava lá. Ele conheceu D. Pedro II visitando a cidade. Vovô achou que ele era uma pessoa bem simples, com um sobretudo que não era lá essas coisas — bem batidinho! Tem uma casa que a gente morou mais tarde, que o D. Pedro se hospedou. Naquele tempo era do Jesuíno Marcondes. Mas depois a gente morou nessa casa. Bem na frente tinha um salão grande, então eles diziam: “D. Pedro dormiu aqui!” Era uma casa muito boa mesmo, bem na beira do rio. O rio passava pertinho. A gente morou uma porção de anos lá, meu pai já tinha o cartório e o meu avô tinha o correio. Era ali na praça. A gente naquele tempo era criança. O cartório assumia tudo: nascimento, casamento, óbito, registro civil e crime. Papai como cartorário do crime acompanhava o juiz ou sei lá o quê, para escrever as coisas. Às vezes, a gente ia junto, de carro. Depois, o cartório do crime foi separado. Papai até que gostou quando separaram.

As malas com as correspondências vinham com o trem. Me lembro bem do correio. Tinha umas prateleiras assim (horizontal) e tinha letras nas caixinhas. O pessoal é que procurava as cartas no correio. Meu avô distribuía nas caixinhas e punha nas prateleiras. Aí, o pessoal chegava: “tem carta pra mim?” Eu me lembro, a gente era criança e ficava ali pela calçada ou na janela e o pessoal vinha procurar as cartas. Eu era meninota de escola. Devia ter uns dez ou doze anos talvez, sei lá...

Ih! Como a gente brincava! De noite, na frente das casas, a gente fazia malandragem. Sabe o que é que a gente fazia?

Na rua Conceição tinha um açougue: Na frente tinha uma casa boa e logo virava a esquina para outra rua. Então, a gente ficava na frente do açougue e gritava:

“Dona Margarida! Eu quero um quilo de salsicha!” e saía correndo, virava a esquina. Daí um dia a filha dela disse: “não façam assim, a minha mãe se assusta!”

Bobagem, é que a gente gritava, corria e virava a esquina. Lugar pequeno, todo mundo se conhece. Mais para baixo um pouco tinha a casa do Liberali. A gente abria a porta e gritava para a mulher dele: “Katita do Libe!”, saía correndo e virava a esquina. Ele era tabelião e a mulher dele, devia ser apelido, imagine Katita... criança é bicho danado... malandragem!

Tinha também um parque beneficente que a gente ia muito. Era jogo, bolinho, doce, música. Não tinha televisão. Todo mundo se conhece, a convivência é outra. As crianças saem para brincar, ficam soltas na rua. Uma vez o Eurídes, que era meu irmão mais novo, era gurizão. Passava o trem em Palmeira. Ele foi até a estação com os outros meninos. Foi anoitecendo e ele não vinha para casa. Fomos ver na praça: “cadê o Eurídes?” e alguém “ele tá na estação”. Todo mundo conhecia. Quando o Eurídes apareceu na praça, começaram a gritar daqui e dali “olha o Eurídes!” Ele levou um susto porque tavam falando o nome dele. Ele foi correndo para casa. (risos).

A maior riqueza da gente é a saúde e a amizade!

Depois de um tempo, papai aposentou-se e eu prestei um exame e daí assumi o cartório. Eu cheguei até a fazer casamento com aquele livrão grande. Naquele tempo eles chamavam o escrivão.

Papai deu graças a Deus quando pôde se aposentar. Ele trabalhou 40 anos no cartório.

A gente era de família pequena — meu pai, minha mãe e nós três. A Conceição resolveu que queria ser freira. Meu pai era muito amoroso, assim como minha mãe. Ele não queria a separação, ficou muito, muito triste. Mas ela insistiu e veio para o convento do Cajuru com uns 15 ou 17 anos. Está lá até hoje, velhinha. Meu pai dizia — era muito engraçadinho — podem me chamar de feio, de ruim, mas não me chamem de velho. Justamente por ser uma pessoa idosa é que tem valor! Já viveu, já trabalhou, já sofreu! Eu sou antiga, mas graças a Deus, a gente tem os problemas da gente, perde pai, perde mãe, um avô, uma avó; mas sofrimento mesmo a gente não

pode se queixar. Ter um problema é uma coisa, mas a gente tem que enfrentar os problemas!

Depois que a Conceição veio e a gente viu que ela estava feliz, então a gente se conformou. Nas férias ela ia para casa. Ela esteve em outros colégios, no São José — acho até que um tempo ela foi superiora aí, Petrópolis, Caçador — em Santa Catarina.

Eu não! Você está pondo ela?

Em Palmeira, a gente ia muito a baile. Tinha dois clubes: o Palmeirense e o Beneficente. Tinha até carnaval, até fantasia. Mas bem simples. Fazíamos blocos, era aquele divertimento!

Un Pierrot apaixonado
que vivia só cantando
por causa de uma Colombina
acabou chorando, acabou chorando!

A Colombina entrou no botequim
Bebeu, bebeu, saiu assim, assim,
Dizendo oh! Pierrot cacete,
Vá tomar sorvete com o Arlequim...”

Carnaval bom da Palmeira! A gente formava o grupo e ia visitar o outro clube. Se a gente tava no Palmeirense: “Ah! Vamos formar o bloco e vamos lá no Beneficente!” Às vezes, a gente ia no Clube dos Pretos — o clube da Violeta. Eles faziam um carnaval muito bonito. Quando alguém queria aprender a dançar, ia lá no Clube dos Pretos — eles deixavam entrar. Eles dançavam muito bem! A gente dizia: “eles vão lá para aprender a dançar”.

Em Palmeira tinha Carnaval de rua também. Desfile de carros e o pessoal acompanhando. Havia ensaio... Ah! Eu me lembro bem disso, o Pierrot Apaixonado...

E tinha também, mas nesse eu não tomava parte, só assistia — os antigos tinham uma orquestra boa — “Orquestra Aurora”! Minha tia tocava bandolim, meu tio violino. O pessoal antigo tinha seu modo de vida.

“Tudo passou, tudo acabou
Só a saudade em mim ficou
Eu não terei, tudo me diz
Outro domingo assim, feliz!”

Mamãe contava!

Naquele tempo nos bailes não tinha nem rádio. Num pedaço do baile parava a música e aí os namorados, os casais, faziam versos um para o outro. Tinha esse modo de ter poesia na vida! Que pena que eu nunca escrevi os versinhos que mamãe dizia:

“Eu vou embora pra onde a lua vai
A lua vai e volta
Eu vou e não volto mais!”

Decerto era uma queixa né?

“Subi numa amendoeira
Quem me há de descer?
Fui rejeitada dos teus olhos
De quem mais eu hei de ser?”

Essa tava mal, depois nem sei se fizeram as pazes...

Não sei como minha mãe lembrava desses versos. Eu só me lembro desses dois. E isso não é minha vida, é da vida da minha mãe, não tem nada a ver comigo, ela é que contou.

Em Palmeira tinha banda de música no domingo, eles tocavam na praça. A distração da gente era ir à missa, sair da missa e passear na praça.

Os namorinhos... a gente saía dando voltas na praça. Se os moços vinham de lá, a gente virava de novo, pra encontrar com eles. Lugar pequeno também tem a sua vida. A gente tinha em Palmeira grupo teatral. Eu era o ponto. Me lembro, no Beneficente tinha palco e sabe como é, tinha um buraquinho assim na frente e o ponto fica ali. As moças levavam peças boas, elas representavam bem. Qual é a peça boa que rerepresentavam? Não me lembro o nome! O ponto é importante. Tem que acompanhar a peça inteira.

Se fosse para ir num grupo cantar, eu ia. Eu fazia parte do coro da igreja. Na escola também a gente cantava bastante.

Uma vez por semana a dona Caetana lavava a roupa suja, lavava e trazia de volta. O soalho da casa era branco e não era passado cera. Era lavado o soalho. A Caetana vinha e lavava. Cozinhar todo dia minha mãe cozinhava. Tinha, às vezes, alguém que ajudava. Gente boa, gente santa, tinha avô, avó.

Depois eu casei e a nossa viagem de núpcias foi para Petrópolis. Ela estava lá e nós estivemos hospedados no colégio das irmãs. Visitamos o Rio. Em Petrópolis tinha as coisas do tempo do império. Não é o museu D. Pedro II? Eu sei que é daqueles tempos. Sabe que a gente esquece muito das coisas?!

O nome dele é Antonio Marcondes Stocler. Ele de nascimento é de Palmeira, depois veio para Curitiba. Ele era irmão da mãe de muitas amigas minhas. Depois elas vieram para Curitiba e aconteceu que eu também estive aqui. Eu conheci o meu marido que era tio dessas minhas amigas. Ele foi casado aqui, mas já era viúvo. Daí eu casei com ele. A gente conversava, tinha amizade, a gente se dava bem, as famílias eram amigas. Ele trabalhava no Sesi. A Nêne veio para cá porque as crianças tinham que estudar. O meu irmão já era falecido. Depois, eu vim. Nós ficamos morando ali na Getúlio onde hoje tem a Associação Médica — era uma casa boazinha. Eu vim com a mamãe e ele. Até era vizinha do irmão da Nêne. Tempo bom aquele quando eu vim para cá. Aí, mamãe faleceu. Foi enterrada lá em Palmeira. O Zizinho, era o apelido do Antônio, aposentou-se. Às vezes a gente ia para a praia. Ele tinha casa em Porto Belo, Santa Catarina. Depois, foi o Zizinho que faleceu.

Mas se queixar da vida em Curitiba não dá. Graças a Deus a gente tem uma convivência boa com a família. Quando a Nenê casou com o meu irmão, o Eurídes, a gente morava na Palmeira. Ela ficou lá uma temporada grande. Depois, os meninos cresceram, foi possível comprar essa casa. Foi bom comprar essa casa. É um ponto bom aqui. Quando foi comprada, era sossegado. Uma casa aqui, outra ali, o resto era campo. A rua não era nem asfaltada. Tinha uma valeta e uma tábua que atravessava a rua. Perto da Igreja tinha a capelinha. Os meninos jogavam bola no meio da rua.

Agora tem supermercado. Teve o Myatã, teve aquele Real, agora é o Pão de Açúcar. Então é tudo perto, aqui. E tem o Batel, que tem de tudo.

A coisa mais certa que tem é viver e morrer. Para ter saúde tem que saber viver. Não sair fora do que é certo. Mas às vezes a falta de saúde a pessoa não procura, vem com a vida. Todo mundo é inteligente. A inteligência humana é tão grande que a gente não ocupa nem a terceira parte. De médico e de louco todo mundo tem um pouco. Todo mundo banca o médico: “tome isso”, “faça assim”. Cada um tem a sua cabeça. O que para um é bom, o outro acha ruim. É como dizia o Ademar de Barros, governador de São Paulo: “fé em Deus e pé na tábua”.

Antigamente, uma doença grave, sem cura, a tuberculose, aconselhava um clima bom e alimentação boa e pura. Então ia muita gente para Palmeira, para se tratar. Clima bom e alimentação boa.

“ZyP 7 Rádio Ipiranga de Palmeira
Cidade clima do Brasil”.

Convencidos que são. Mas um convencimento certo. A coruja gaba a toco!

Quem muito fala muito erra.

A gente fala até o fim do dia e ainda tem coisas para dizer!

A vida é muito ensinada na família! Hoje as famílias estão desorganizadas. Vivendo e aprendendo porque a gente não chega nunca num ponto AHHÁ!

Isso, se quiser. Tem muita coisa que a gente deve aprender e deve fazer. Só aprender e não praticar, não adianta!

Mercedes Teixeira de Oliveira Stokler

1916 – 87 anos

Entrevista em 26/08/2003 – Curitiba-PR

Duração: 2 horas.

4.5 BABY

Eu sou a oitava de oito, a caçula. Nós morávamos na Inglaterra e por essa razão me chamavam sempre Baby, Baby, Baby. Ficou Baby até hoje... Na igreja me chamam Maria. Baby é em família e para as pessoas que me conheceram de criança. Nós éramos oito e foi assim: meus pais foram para a Europa com sete filhos. Eles queriam educar os meninos, as crianças, lá. Aqui não existiam bons colégios. Isso foi em 1906, meu irmão caçula, o Carlinhos (mostrando a foto), tinha sete meses. Três anos depois nasci eu. Os ascendentes todos de meus pais eram lisboetas, portugueses. Meus pais moravam lá. Eles mesmos não eram de Lisboa, eram brasileiros. Há muita gente que ache que eu tenho sotaque de portuguesa.

E depois, em 1910, quando houve a revolução de Portugal, mataram o rei, mataram o príncipe, expulsaram todos os religiosos, pintaram o sete e tá, tá, tá; e as minhas irmãs, minha família toda, eram pessoas muito religiosas — minha mãe tinha sido educada aqui pelas irmãs de São Vicente — então saímos também. As minhas irmãs Sofia, Eugênia e Conceição foram as primeiras a serem matriculadas no colégio que as religiosas abriram em Luzern, na Suíça. Eu, meus pais e Carlinhos ficamos em Bruxelas, na Bélgica e os meninos foram estudar no Colégio Saint Michel, ali ao lado, quase.

Mas depois, em 1914, tempo de férias, fomos para a praia. A família toda foi! As meninas vieram de Luzern para as férias de verão. E foi uma coisa incrível! Os alemães invadiram a Bélgica e nós fomos para a Inglaterra. A casa de Bruxelas ficou fechada com a bandeira brasileira — ninguém mexia. Só os padres do Colégio Saint Michel que iam lá, tomavam conta das coisas de papai que ficaram todas lá, pois que nós saímos assim de repente, fugidos. Então passamos a primeira guerra toda na Inglaterra. Só depois da guerra meus pais voltaram para o Brasil. Eu tinha quase 11 anos, não falava português, ou melhor, falava um pouco de português — meus pais eram brasileiros. Mas nós em casa só falávamos em inglês. Falávamos em alemão e inglês... hábitos que ficaram! Aí eu vim para o Brasil e já cheguei num ambiente

completamente diferente né... porque eu estava interna num colégio na Inglaterra, aonde havia danças, tá, tá, tá...

Lá em casa nós éramos muito unidos, a gente brincava às escuras, brincávamos muito e com o resto da família a gente se dá pouco. Dá-se assim, cerimoniosamente, mas aquela espontaneidade não existe. Uma vez, com meu pai, eu me vesti toda assim de senhora e vim como se estivesse chegando de Portugal, com sotaque e tudo. Aos poucos, fui me tornando mais séria. Deixei de fazer essas bobagens todas, não sei porquê! Eu era bastante palhaça. Fiquei séria. Eu senti muito a diferença. E vim para esse colégio, colégio de irmãs de origem francesa, que era muito mais sério, mais severo. Na Inglaterra eu aprendia dança, era uma criança. Lá, a nossa vida era uma alegria. Eu vivia dançando, cantava... Todos mexiam comigo. Eu era muito alegre. Quando voltei para a Europa anos depois, visitei o colégio. A irmã que me abriu a porta disse “Ah”!! Você é aquela menininha que andava sempre em círculos, sempre dançando — *dancing around* — girando”. Voltei para lá muitos anos depois e ela me reconheceu!!

Mas eu gostei do colégio aqui, muito bom, tenho muitas saudades do colégio, fiz muito boas amizades. Amigas que me acompanharam pela vida toda... A última morreu ainda há pouco tempo, morreu ainda esse ano. Nós éramos muito amigas!

Não que eu não gostasse... mas era muito diferente.

Depois, fui para Petrópolis para o colégio onde mamãe tinha sido educada. Tive grandes amigas nesse colégio também. Amigos de infância ficam para toda a vida.

Agora, ao poucos; depois de velha, agora que eu fiquei velha, vão desaparecendo as pessoas amigas... No ano passado eu perdi quatro amigos: um nos Estados Unidos, um na Inglaterra, uma colega minha que morava aqui no Estado do Rio e mais um que morreu! Então a gente vê que vão desaparecendo, desaparecendo... (parece ausente). Aquelas coisas que nos interessavam muito, MUITO; já não interessam..., a gente tem coisinhas assim, recordações que eu tenho, às vezes uma coisa escrita, isso aqui que eu estou lendo... para quem eu poderia dar isso? Já não tem! Já não tem, já não tem ninguém; ninguém mais para quem dar, para quem escrever...

(Olha para mim) A tristeza da velhice é isso, eu acho que é isso — a solidão que vai se fazendo a nossa volta.

Eu escrevia muito. Eu gostava muito de escrever cartas e recebia muita correspondência! No Natal eu escrevia para um mundo de gente. Agora os envelopes vão diminuindo. As novas pessoas são de outro gênero, não são pessoas com quem eu possa me corresponder por escrito. As pessoas que eu conheço agora são as da Igreja. São muito minhas amigas, são muito boas pessoas, mas é um outro tipo de pessoas. Esse ano, por exemplo, morreu também um senhor que era muito meu amigo. Ele se correspondia comigo e era uma pessoa de idade. E eu conheci assim: quando eu fui para os Estados Unidos com a Bolsa, conheci a mulher dele que era canadense e nem era ainda sua esposa. Um belo dia ela me escreveu dizendo que ia casar com o rapaz que a tinha ajudado na ocasião em que seu primeiro marido faleceu. Era amigo dele e tinha ajudado muito. Um ano depois ele pediu ela em casamento. Depois, foi ela quem morreu e eu passei a me corresponder com ele. Me faz falta as cartas dele. As cartas voltam... Ele me falava muito de Pauline...

Quando voltamos para o Brasil, minha irmã mais velha, Maria Sofia, estava noiva de um colega de meu irmão. Ao voltarmos para o Brasil passamos por Lisboa, ela se casou e ficou lá. Mais tarde, com uns vinte e um, vinte e dois anos, voltei para a Europa. Eu voltei por uns meses com mamãe e fiquei sozinha por quase 30 anos! A minha mãe voltou sozinha! Eu era muito independente. Eu me pergunto “Como? Como eu consegui viver aquele tempo todo na Europa?” Não sei como. Mamãe me mandava algum dinheiro. Eu era sobretudo independente. Me arranjava. Quando fui para a Suíça com minha sobrinha, dei aulas de francês e inglês, de modo que fiquei *au pair*, elas por elas. O único lugar que eu estive empregada foi o Dispensário de Higiene Social de Lisboa. Depois, arranjei a Bolsa porque estava trabalhando com delinquentes e fiz o curso de Pós-Graduação na Universidade de Chicago. Visitei nos Estados Unidos instituições de delinquentes, mas trabalhei mesmo com mulheres da “boa vida” sabe? Prostitutas. Eu gostava delas. Foram anos muito abençoados em que eu recebi muito, e a minha idéia foi de doação. Quando eu saí do Brasil até namorado eu tinha. Depois que

eu estava lá, passei um ano na Suíça, uns meses na Bélgica e aí rompi com o meu namorado. Não foi uma coisa planejada. Eu achei que a minha vida tinha que seguir outro rumo. Eu dei inteiramente a minha vida a Deus. Se eu tivesse ficado aqui minha vida teria sido muito diferente. Teria sido muito, muito vazia. Teria sido uma vida bem vazia. Aqui não teria ambiente para viver o que eu queria viver. Minha mãe ficaria radiante em saber disso. Ela não me perdoava, nunca se conformou por eu ter ficado na Europa. Ela chorou muito, ela nunca entendeu essa doação. Apostei numa escolha.

As prostitutas eram muito boas. Elas eram obrigadas a comparecer ao Dispensário uma vez por mês, faziam exames, pegavam remédios; eu conversava com elas, era a assistente social. Tinha uma coitadinha que era idosa e não podia mais trabalhar e elas todas ajudavam. Era um espírito de solidariedade muito grande. Elas são vítimas de um destino infeliz, não tiveram informações, viveram num mundo cheio de dificuldades, sem ter a quem recorrer. Se enrolam com isso. Elas se enrolavam porque não sabiam como sair e mesmo que pudessem sair, não tinham recursos, não tinham nada não é!? Eu procurava auxiliar. Era mais uma conversa de desabafo. Uma delas deixou o filho na Ilha da Madeira com a família, para poder trabalhar. O sonho dela é que o filho voltasse. Um dia ela casou e a criança pôde voltar. Então foi uma alegria tão grande!

Quando fui para os Estados Unidos, em Chicago, me desliguei do Dispensário. Mas a minha família nem sonha que eu trabalhei nesse Dispensário. A gente vive meio tolhida guardando isso. Há coisas que não adianta fazer compreender. Depois, a gente cresce, vai envelhecendo e vê tanta diferença! Cada um com sua personalidade, uns que a gente aprova, outros que desaprova... Nisso a vida é realmente um grande mistério. É preciso aceitar o que não se compreende. Se a gente consegue entender isso já é meio caminho andado. Eu não consigo. Aquelas, as prostitutas, eu olhava com piedade, com uma certa superioridade por estar em outro nível não é?! Enquanto que pessoas aqui de casa, as pessoas com quem a gente convive, que são tão diferentes na maneira de ser, de conduzir, é muito difícil aceitar. Cada um procura a sua finalidade, o seu bem; e essa finalidade e esse bem às vezes

chocam-se com o que entendemos por bem. Ninguém faz nada com intenção, cada um é diferente e mesmo em nós há muito de nós próprios que a gente não aceita. Veja com a minha irmã, eu me cobro — “porque eu fui dizer isso? Mas por quê? “E eu não consigo me vencer! Se eu vejo em mim essa dificuldade, como vou exigir dos outros? Eu não controlo... é difícil! Só que nos outros é de uma maneira completamente diferente. Ninguém pensa ou pensa de uma maneira igual a mim. Eu sou única e serei sempre única em relação aos outros. Nunca haverá ninguém que sinta e pense como eu penso. Daí a nossa responsabilidade imensa no mundo. Eu estou influenciando... quer queira ou não eu estou influenciando... Eu li uma vez que a nossa influência é tão grande neste universo em que vivemos que até o chocalhar de um bebê tem ressonâncias em algum lugar do mundo. Então no mundo espiritual — meu Deus do céu — nossa influência é tremenda! Tudo está no livro de Deus. Ele sabe, ele sabe, ele nos conhece a fundo. Ele sabe quem eu sou. Eu vejo as minhas falhas que são muitas. Deus nos vê como nós seremos um dia na eternidade. Ele está vendo a transformação por que tenho que passar! Está vendo que ainda há muito trabalho para fazer em mim! Procurando ser melhor em todo sentido, procurando me dominar, procurando me vencer. Sozinha eu não posso nada. Com Ele chegarei aonde quero chegar. Em certo sentido, faço parte do meu grupo da Igreja, em certo sentido sou única. O religioso é uma afinidade entre nós. Mas, em outro sentido, maneira de pensar e sentir, não há afinidade.

A situação da família é muito, muito importante. Eu sou fruto daquela meninice feliz que eu tive na Inglaterra. Nós éramos dez em casa e vivíamos em harmonia. Isso ficou para toda a vida, como um substrato profundo. Depois disso foram se sobrepondo outras camadas, mas aquela base ficou. O ambiente familiar é muito importante. E a gente vê tanto desastre entre jovens, mas se eles não tem apoio, vão atrás do rebanho. Isso também é muito do temperamento de cada um. Cada um sabe o que quer e como conseguir. Tem pessoas que são mais brandas no sentimento. Eu sou muito decidida. Sou do gênero assim: “quero porque quero” !

No meu afastamento fiquei muito longe. Me afastei muito da família. Quando eu voltei nunca mais houve uma afinidade de muita ternura entre nós, como

eu vejo hoje certas crianças com os pais. O meu pai era muito bom, muito amigo nosso, mas eu não cheguei assim muito perto dele. Hoje eu o admiro mais que na ocasião. Ele era mais desconhecido para mim. Eu compreendo hoje que ele me amava muito e se pudesse voltar atrás seria mais carinhosa com ele. Mesmo a minha mãe era muito severa conosco. Ela olhava, franzia a testa e a gente sabia que tínhamos que obedecer. Era sua forma de nos amar. Nós brincávamos muito quando crianças. A casa era muito grande, com um grande jardim, tínhamos campo de tênis... Nós éramos tão felizes entre nós... Nem a guerra nos atrapalhava. Depois dos tiroteios, no dia seguinte íamos procurar no jardim e às vezes encontrávamos, pedacinhos de bombas. O pai do Roberto, meu irmão Carlinhos, eu chamava meu “gemeozinho” porque sempre estivemos juntos. Quando fui para Petrópolis vivemos muito próximos. Ele morreu com 45 anos e Conceição criou o filho dele. É uma paixão, é uma loucura! Justamente quando ele estava fazendo tantos projetos! Teve uma vida muito infeliz esse meu irmão. Sempre foi incompreendido. Ele era um menino muito especial.

Recentemente estive visitando o colégio em Petrópolis. Agora, está tudo muito diferente. As irmãs fecham o colégio, não se pode entrar. Eu sabia que não encontraria mais as pessoas. Mas eu queria o ambiente... Tenho uma amiga daquela época que está viva ainda, mas ela está “lelé”, não me reconhece quase. Ela mora ali no Leblon.

Eu vim da Europa em 1961. Trabalhava aqui no Rio numa organização da Igreja Católica Americana, que fornecia doações para projetos bem definidos, no Brasil. Era eu quem analisava os projetos. Larguei esse trabalho e fui para Campinas procurar emprego. Acabei ficando lá. Eu vivia para cima e para baixo com o padre Haroldo no Centro Social, então fui trabalhar com ele. Fiquei vinte anos. Vinha quase todos os meses ao Rio para estar com as irmãs. Depois, Eugênia morreu e eu vim para ficar com Conceição. Eu vim de boa vontade, coitada. Vendi minha casinha que era tão ajeitada! Gostei muito de lá. Tenho em Campinas grandes amigos. Dantes eu ia visitá-los a cada dois meses. Agora não posso mais. Eu moro com a minha irmã. Ela depende muito de mim, me faz muita pena. Mas temos pontos de vista completamente

diferentes, brigamos muito, brigamos demais... brigamos que é uma coisa horrível! Ah! Ela me ofende, inventa coisas. Eu também me zango. E o que vale é que passados dois minutos ela esqueceu tudo!! Mas eu não esqueço... eu não esqueço, fico imaginando... Ela fala muito, eu sou calada. A minha irmã vive muito no passado, no passado, no passado. Eu não vivo tanto no passado, eu vivo no presente. Ela está sempre falando de como as coisas eram. Ela é muito cerimoniosa e conserva sempre um pouco de fidalguia na sua maneira de ser. Ela não é de ligar-se com qualquer pessoa, faria cerimônia demais, não aceitaria... Ela diz que eu fiquei calada na Europa, que eu não era assim. Eu era mesmo muito alegre, isso é verdade. Depois, fui acalmando, acalmando. Não sinto necessidade de falar. Hoje sou muito introspectiva. Há muita coisa que não me interessa mais. É um pouquinho de tristeza. A gente vê as coisas desaparecerem, as pessoas. As coisas não têm mais o valor que a gente pensava que tinham... não têm mesmo! Eu vi que tudo passa. A velhice é triste, não há dúvida nenhuma! Eu sou muito religiosa de modo que eu vivo no futuro que me espera, um futuro que me espera junto de Deus onde tudo é paz, tudo é harmonia. Eu tenho a consolação de viver num futuro que me espera. Toda a vida eu tive muito profundo em mim o sentimento religioso. Minha mãe era assim. Se eu não estiver orientada para um futuro que eu desejo na bem aventurança de Deus... se eu não estiver orientada nesse sentido, a vida não tem sentido nenhum!!

Não sei porque falei tanto!

Não é bom, falei demais; eu sou tão calada!

Maria de Jesus Lamego

1909 – 94 anos

Entrevista em 01/08/2003 – Rio de Janeiro-RJ

Duração: 02:30 hs.

4.6 CONCEIÇÃO

Vamos contar a história da nossa vida! (Muito alegre). Ai, meu Deus do céu! Acho que vou tirar o Maria...

Bem, vamos lá: Maria Conceição Ribeiro Lamego Viana. Eu nasci em 1902. Eu sei que eu fui para a Europa muito cedo, parece que com dois anos, uma coisa assim. É porque a Baby nasceu lá! A Baby nasceu em Portugal. Fomos em 1904. Eu sei que não me lembro muito dessa viagem de navio porque eu era muito pequenininha. Eu caí de uma escada a bordo, eles contam, e quase morri sabe? A babá que foi conosco, muito amiga da gente, ela desceu a escada correndo e foi me pegar porque eu não estava me agüentando mais. Então disseram “Ilze, porque você correu assim atrás dela?” e ela “Ah! Porque se ela caísse no mar eu também me jogava junto”! “Então seriam duas pessoas para salvar”! Mas não aconteceu nada não. (Risos).

Eu não sei se nasci em Campos ou na fazenda. Eu sei que eu sou campista — dizem que não é fiado nem à vista! (Risos) Papai e a mamãe, nós, tínhamos uma fazenda lá, no Estado do Rio chamada “Airizes.” Ainda existe essa fazenda. É da família.

Nós estávamos na fazenda. Mamãe achava que lá não tinha colégios para a gente, então fomos para a Europa. O pai de mamãe, meu avô, era português e tinha casa em Lisboa. Então fomos para a casa dele porque lá tinha colégio para a gente ir. Estudamos no colégio das Vicentinas, aquelas freiras que usavam chapéu assim, com asas... Estivemos em Portugal até o início da revolução que botou todo mundo prá fora!

Depois fomos para a Bélgica e lá moramos muito tempo. Papai ficou com os meninos que estavam no colégio praticamente em frente de casa — Colégio Saint Michel — que era um colégio de padres jesuítas e nós fomos para a Suíça, no Colégio das Dorothéias, Vila Ràthia chama-se.

Quando houve revolução em Portugal, mataram o rei Dom Carlos e o herdeiro D. Manoel, assassinados com tiros mesmo!! E tudo quanto era religião foi posta prá fora — os padres foram para a Bélgica e para a Inglaterra. Se espalharam os jesuítas... E as irmãs foram para a Suíça onde então fundaram o Colégio Vila Ràthia —

Dorothéias e nós fomos as primeiras alunas lá. E elas receberam logo umas que estavam em Lisboa no colégio que foi fechado quando houve a revolução. Eu e a minha irmã Eugênia fomos as número um e dois do colégio. Depois vieram mais. O colégio ainda existe até hoje. Naquela ocasião eram só portuguesas, que tinham sido tocadas de Portugal.

Ficamos lá na Suíça uns cinco anos, aí fugimos para a Inglaterra. Fugimos mesmo porque estavam invadindo a Europa, invadiram a França e foi uma coisa horrível, sabe!!? O que os alemães pintaram lá.

É muito bonita Lucerne! É uma cidade conhecida por causa dos lagos, é só lago... é uma beleza, é um lugar turístico. O colégio ficava assim, no alto...

Com o fim da guerra, voltamos para Portugal. Tínhamos parentes que moravam na Aldeia. Então ficávamos um pouco em Lisboa, um pouco na Aldeia, de um lado pra outro. Depois a minha irmã mais velha, Sofia, casou e ficou lá e nós viemos embora então para o Brasil, para a fazenda!

Eu chorei tanto de vir embora! Pode imaginar o pulo que foi né?! Um isolamento porque não tinha nem estrada para lá. Ih!!! mas eu chorava tanto! Com raiva de ter vindo embora... Ah! raiva que eu tinha de vir embora, eu me lembro, eu queria voltar para a Inglaterra outra vez! Não me conformava de estar em Campos, porque eu sempre vivi em cidades não é? E Campos era um lixo!! Campos era uma cidade que mulher não podia andar na rua. Não precisa dizer mais nada, dizendo isso você já sabe... Se a gente queria fazer uma compra, tinha que ir de carro e parar na porta da loja para entrar! Então aquele centro ali... era falado se mulher passasse! Tinha um café ali, bem no miolo comercial e todos os homens ficavam parados ali na porta conversando de modo que mulher não podia passar de tão apertada que era a mentalidade dos campistas. Aí, então nós quando chegamos, a primeira coisa que fizemos foi ir para a fazenda — e lá tinha cavalos — eu ganhei logo um cavalo. Trouxemos roupas de montaria da Inglaterra e botamos calças e eles quase morriam! Quando a gente ia andar a cavalo pela cidade logo vinham os moleques atrás “olha a mulher vestida de homeem” (Risos). E nós caçoávamos, eu ria, ria... Depois viemos embora pro Rio porque os meninos precisavam estudar, né?

Todas as minhas amigas tinham ficado lá, colégio, tudo isso! Eu ainda me correspondia com as freiras, de cartas, tudo isso! Agora, chegar lá numa fazenda muquiba, que só tinha uma ou duas famílias assim melhorzinhas com quem a gente se dava; mas a mentalidade deles era tão diferente da nossa! Tudo era feio! Não podia fazer nada!! Até que nós começamos a freqüentar os bailes — tinha uns bailes lá (risos). Se você dançasse duas danças seguidas com um rapaz, você já estava falada. E eu cheguei lá e fui dançar com um e não queria mais ninguém. Fiquei direto com o cara o tempo todo! Você pode imaginar? (Gargalhadas). Eu era ousada! Mas eu não larguei porque ele também não me largava...

Eu gostava era de dançar! A minha vida não é vida de dar exemplo não! Mas eu não casei com nenhum desses não. Eu casei com um que foi ver o baile. Foi assim: ele não dançava e eu gostava muito de dançar. Então quando começou o baile ele ficou na porta me olhando. Eu fiquei com pena dele que tava lá sozinho e fui conversar com ele. E a conversa foi durando... no dia seguinte nós íamos dar também um baile na fazenda porque festa de São João as fazendas todas dão baile né? Então coube a nós fazer a próxima e tinha outra que faria a seguinte e assim tinha Festa de São João em todo lugar. Aí ele se fez convidar pelo meu irmão e depois eu convidei ele prá voltar em casa. Naquele tempo não usava “smoking”, ninguém sabia o que era “smoking” naquele fim de mundo. Lá na Inglaterra era hábito os homens das famílias colocarem “smoking” para jantar, ir em festas ou ao cassino. Em Campos não tinha nada disso não. Então meus irmãos começaram a botar “smoking” e as outras fazendas também. Eu diria que as festas começaram assim a tomar mais destaque, como as de clube e cassino. Mas festa de clube meus pais não queriam que a gente fosse, só festa em casa de família. Mas nós íamos assim mesmo, porque senão a gente ia esperar para ir só a festa lá em casa e alguns outros que davam??

Naquela época a fazenda era muito bonita, sabe? Muito bem arrumada porque a gente morava lá! Ele ficou encantado com tudo aquilo e eu caí no laço que ele armou! Acho que ele pensou que eu era muito rica. Foi um fracasso, meu casamento foi um FRACASSO! Eu tive um desapontamento muito grande com o meu casamento, sabe? A família dele: ÓTIMA. Minha sogra me adorava, gostava muito de mim.

Eu tinha um namorado muito bom, sabe? Eu até hoje me arrependo de ter largado. Esse era... gostava de mim... intrigas sabe, intrigas. Uma tia que eu tinha, eu acho que era maldade dela porque ela gostava de fazer troça de mim. Quando eu botava um vestido novo ela “Ih!! Tá pensando que tá assim... tá toda prosa, você vai ver, não vai dar em nada!” Eu vi que era o feitio dela assim. Eu tinha um namorado que arranjei em certa ocasião e ela notou que ele saía comigo pra baixo e pra cima. Conversando, puramente conversando. Nunca tocou em mim, nem, beijo, nem nada! E eu comecei a gostar dele e eu não sabia o que era gostar de verdade. Depois, quando eu fui para Campos, ele passou a me escrever cartas tão bonitas, e a letra dele era perfeita. Umas cartas muito bonitas... uma delas dizia assim: “no dia do ano novo a gente tem que pedir um nome pro primeiro pobre que encontrar e é com esse que você vai se casar.” E eu pedi, mas foi muito diferente do que eu queria. Mas aquelas cartas eu achava o máximo !!

Depois a minha tia começou a dizer que ele tinha muitas namoradas. Ele veio atrás, fez amizade com meu irmão que o convidou para passar uns tempos lá em casa. E ele foi para a fazenda em Campos. E eu andava a cavalo, passeava um pouco com ele, mas eu era muito tímida. Eu era incapaz de... quando eu via que ele tava querendo alguma coisa eu me afastava logo, com vergonha em pensar que estava... eu era muito boba... 15, 16, 17 anos, por aí e muito boba mesmo porque até me casar eu ainda pensava nele. Ainda tinha as cartas dele. Mas o outro foi mais atirado né? O outro não me largou mais. Eu vinha embora prá Campos, ele vinha atrás. De repente aparecia lá na fazenda, a cavalo. Sabe como é, essas coisas que você vê acontecer assim? Pegou!! Ele era de uma família muito boa. Eu fui prá Petrópolis, a casa dele era muito bonita! A minha sogra me adorava! Ficou radiante quando ele casou comigo porque eu ia a missa e ela era muito religiosa. Os filhos não eram mas ele passou a ir a missa também. No domingo ele ia comigo. Isso ele fazia direitinho como eu mandava! Mas depois não deu certo. Eu morei num hotel durante cinco anos. Foi horrível porque eu tava pensando que ia ter a minha casa. Malas e malas de enxoval e eu não podia usar nada! Ele era médico, tinha consultório, ia embora e eu ficava sozinha... uma vida

horrível! Depois fomos para uma casa lá em Copacabana, mas não mudou nada. Eu já tava doida para me separar. Não tive filhos, eu não sei se ele não podia ter. Depois também eu não queria nem saber dele. Ele era uma peste, médico recebe chamada até de noite. Sabe que eu notei que não tava gostando dele porque eu não tinha ciúme nenhum e dava graças a Deus quando ele ia com alguém. Quer dizer, não gostava mesmo! Não tinha ciúme dele! Aí eu vi que tinha casado com uma pessoa que não gostava de verdade. Enquanto eu não me separei de verdade — separei, separação completamente — ele ia aonde quisesse que eu não ligava. Mas depois, fiz questão que fosse no papel mesmo. E eu não queria um tostão dele. Botei isso mesmo: não quero um tostão dele. Ele ficou radiante porque tava pensando que ia ter que pagar pensão. Até o juiz disse assim “mas por que a senhora não quer pensão?” E eu disse: “porque eu vou trabalhar e não quero nada dele, eu tenho pai e mãe”!

A separação foi um escândalo! especialmente para a família dele. Todos pensavam que o casamento estava bem. A minha sogra sempre falava da felicidade do filho ter casado com uma Conceição. Era eu! Ela nem imaginava que nós não nos dávamos bem. Eu não queria dizer nada para ela. Ele era tão diferente do que eu pensava. Ele não tinha educação. Sabe, a mãe dele era muito boa, eu não gosto de dizer isso porque parece que eu to desmanchando a família. A família dele era muito boa, a minha sogra gostava de mim, meu sogro também. Eles ficaram desolados com a separação, mas ele era bruto... comia tão mal à mesa que me envergonhava. Eu vinha da Inglaterra onde toda criança sabia comer à mesa, porque aqui não ensinam as crianças a comer à mesa? Lá se conhecia a educação da pessoa pelos modos dela se comportar à mesa... Tem qualquer coisa aí que eu não quero nem saber!

Na hora que eu separei já tava trabalhando. Eu já queria trabalhar mesmo quando estava casada, mas minha sogra era daquelas antigas... Eu arranjei emprego brincando. Nem precisei sair de casa. Foram lá me buscar para saber se eu queria ser tradutora no Conselho do Petróleo. Meu irmão, que falava muito bem inglês, fez parte desse grupo. Foi no tempo do Getúlio, do Getúlio Vargas. Sabe aquela história do “Petróleo é nosso”? Era para mostrar que o petróleo era nosso mesmo, que não era dos

ingleses. É que eles estavam descobrindo e ficavam donos do petróleo e assim não dava! Eles me mandavam aqueles relatórios enormes dos americanos e eu botava no português. Eu escrevia e tinha alguém para bater na máquina. Eu aprendi datilografia mas nunca acertei não. Achei tudo muito difícil, tinha dedo certo para cada letra. Papai tinha máquina em casa e eu praticava mas vi que não dava prá aquilo. Eu gostava! Eu pegava o dicionário e ia traduzindo aqueles termos todos e acabei fazendo o meu próprio dicionário. Os termos de poços de petróleo tem palavras especiais. Nem o cargo existia. Começou a existir comigo. Depois foram aparecendo algumas que estavam estudando inglês e se diziam tradutoras. Uma delas tinha passado três meses nos Estados Unidos por um serviço qualquer lá. Eu vi que ela não sabia nada mas eles estavam pensando que ela sabia. Então chegou lá, foi namorando o chefe e depois passou na minha frente. Ela ficou com o ordenado máximo de tradutora. Eram três níveis: começava com o primeiro, depois passava para o segundo e então terceiro. Ela passou logo para o terceiro. Eu não disse nada. Mas tinha um senhor que era chefe da minha irmã. A minha irmã Eugênia arranhou emprego na Esso que era quem mandava no Petróleo naquela ocasião. Ela era estenógrafa e sabia inglês e português e não tinha ninguém que soubesse. Ele trabalhava no Conselho e conhecia muito bem o serviço. Foi ele que procurou o presidente e disse que aquilo era injusto. Então eu subi de posto mas ela não desceu não. Ela era datilógrafa mas eu fiquei bem quietinha. “Talvez ela precise mais desse dinheiro do que eu. Agora vou tirar o dinheiro dela? Deixe pra lá, contanto que ela não mexa comigo”. Não mexeu e eu fiquei com o meu posto. Fazer ela baixar era uma besteira. Não fiz isso. E tô aposentada pelo Conselho do Petróleo!!

Ele ficou com uma mão na frente e outra atrás. Ele ficou desapontado porque achou que eu ia sofrer. Foi aí que eu comecei a VIVER! Trabalhava e tinha meus conhecimentos. Também tinha namorado. Se eu fosse só casada no civil era fácil de anular o casamento né, mas o religioso não pode anular. Então não adiantava. O advogado perguntou: “a senhora quer que anule o casamento?” E eu disse “o que é que adianta anular esse casamento? Eu vou ficar casada no religioso, então não vou poder casar enquanto esse desgraçado não morrer!”

Minha mãe também ficou desapontada mas eu disse “mamãe, não dá certo”! Ele só faltava lambar as mãos dela! Tratava mamãe assim sabe? (gesto com a palma da mão). E papai então! Ia lá em casa, jogava com ele cartas... se fez muito amigo da família. Mas ninguém tava sabendo que entre eu e ele não havia nada! Ele não encostava em mim porque eu achei que ele não era sincero!

Mas tive um outro que eu gostei depois, mas eu não podia casar. Já era casada! Prá mim, casamento só na igreja. Não podia casar por fora. Já existia a lei do divórcio, mas eu não podia casar porque eu fui criada como católica. E não é católica em nome, porque muita gente é católica em nome, mas eu não! Não deixo de ir à missa, comungo sempre. Eu não poderia ser duas coisas ao mesmo tempo.

Então não casei e ele gostou muito de mim! Ele marcava prá eu ir ao cinema e eu ia. Dei corda estupidamente porque sabia que não ia adiante. Não ia mesmo porque eu não ia casar com ele.

Papai comprou esse apartamento onde nós estamos hoje. Hoje é ver televisão, jogar, sair e ver meus sobrinhos. Tenho sobrinhos que eu gosto muito, então fiquei sendo quase mãe deles, porque eles gostam muito de mim e gostam até hoje! Meus sobrinhos todos gostam de mim. Sobrinhos ótimos! O Roberto é separado, não deu certo e eu gosto tanto da Dominique! Adoro ele, é o sobrinho que eu mais gosto! Ele mora comigo... ele tem outra. Mas eu não tenho coragem de botar ela lá em casa não, é uma boa moça e tudo, mas eu gosto muito da Domi — amiga da gente.

É que eu me separei e não quis mais saber da família dele. Não que eles não me procurassem porque o meu sogro ia lá todo mês me levar dinheiro — que era dele — e eu fui casada com separação de bens, quis logo separação de bens. Meu sogro, enquanto era vivo, todo mês ia me levar dinheiro. Fazia uma visita, gostava de mim. Depois, quando ele morreu — minha sogra morreu primeiro — mas depois eu soube que ele morreu. Soube assim de uma pessoa na Igreja que disse que dava-se com a família. Eu nunca soube se foi certo, se morreu mesmo naquela ocasião. Eu sei que nunca mais soube dele! O que adianta você dar-se com uma pessoa e não dar-se com outra? Então acho que é melhor a gente cortar logo. Então o Roberto mora lá comigo.

Ele é meu sobrinho, filho desse irmão que eu gosto muito. Ele é um malandro, sabe? Ele e a Domi estão separados, mas ela ainda gosta dele. Eu dou razão à ela. Mas eu não posso dizer “gosta dela!” porque você pode forçar uma pessoa à gostar? não, não pode. Não pode forçar ninguém a gostar de você. Ela é uma pessoa ótima, boa, honesta, tem família muito boa, gostei muito da família dela, tem tudo o que há de bom, ela tem. Inclusive o orgulho, já que ela podia morar conosco porque eu disse “tem um quarto lá com banheiro, tá vazio, você pode morar lá!” Ela paga apartamento fora. Ela se dá muito bem comigo. A Baby já fica assim sabe? porque o Roberto não se dá... Eu não tenho nada com o Roberto, ele pode ter todas as amantes que quiser, ele pode gostar de quem quiser. Ele leva essa outrazinha lá em casa, eu trato assim (mais ou menos), eu não maltrato que eu não vou maltratar ninguém na minha casa! Se ela vai lá será muito bem recebida, agora não me faça gostar dela porque eu não gosto! E ela é uma pessoa muito boa, muito boa, gosta dele mesmo, toma conta dele direitinho e tudo. Seria uma boa mulher se ele não fosse casado. O diabo é esse! As pessoas dizem “ele está separado”! Pode ser que pela lei brasileira ele pode se casar de novo, mas ele nem se atreve a isso porque eu não aceito! E pela Igreja não pode casar. E se não casar pela Igreja pra mim não vale. Porque a gente é ou não é! Que a pessoa que é católica e aceita certas coisas que não são permitidas, não é católica. Então fala que não é, acabou! Ninguém tá te obrigando a ser. Cada um é o que quer. Agora vou aceitar uma coisa dessas? Não. Então, enquanto ela não é casada vai lá como se fosse uma visita, mas não tem amizade minha não! Eu gostei muito da Domi. Os pais dela estão sempre em lua de mel. Quando ela tem uma dorzinha de cabeça ou coisa assim ele fica maluquinho! Ele tem um cuidado com ela que só vendo. Até a família se mexe por causa disso e é tão bom a gente chegar a essa idade e ter uma pessoa que se interessa por você. Ela é muito feliz. No entanto, os filhos não foram assim não. A Domi teve uma irmã que também casou e o marido largou abertamente. E agora parece que ele tem outra. Já largou a outra. A família sabe que ele não é assim cem por cento né? Prá mim ele não é flor que se cheire. Mesma coisa que o Roberto não é flor que se cheire. Gosto muito do Roberto como se fosse meu filho, é o menino que eu criei desde

pequeno. Os outros tavam com a mãe. Mas Roberto morava comigo, não sei porque razão, talvez porque o pai dele era muito apegado a mim.

Minha casa tem bastante lugar porque tem quatro quartos. Todos eles grandes, tem 6 m² de comprimento e 4 m² de largura. Naquele tempo não se fazia apartamentos como agora, tudo pequenininho. Agora, você sabe que em Copacabana tinha muito lugar. Eu tenho até quarto de empregada com banheiro e tudo! Ela mora comigo. Vai em casa para as festas e nos finais de semana. Ela é muito boazinha! Eu só tive duas empregadas. Tive uma outra, mas a filha casou, ela precisou cuidar dos netos e tal, então foi embora. Aí entrou a Tereza. A Tereza é muito boazinha e é de confiança. Pra mim ter que ser de confiança! O resto de “sabe não sabe” não tem importância, porque aí eu ensino à minha moda. Acontece que a Tereza sabe cozinhar. Mas ela podia não saber que eu ensinava da mesma forma. Mas a Neusa por exemplo, ela não sabia botar uma mesa. Você sabe que tem casas que as pessoas não se interessam. Cada um pega seu prato, senta na mesa, os talheres sem ordem... Lá em casa não, sempre tem lugar: “quantas pessoas são? São três? Bota três lugares com talher de sobremesa e tudo certinho. Depois traz a comida, bota lá; depois tira o prato sujo, põe o de sobremesa.” Aqui no Rio não faziam isso. Agora devem fazer. Assim como uniforme. Não tinha uniforme! Eu peguei então e botei uniforme, comprei uniforme de empregada com avental e tudo. A primeira achou ruim, sabe, depois a outra gostou, queria até sair na rua. Eu disse “não, bota seu vestido e vamos fazer a feira”. Agora quando chega em casa, bota o uniforme. Isso era para evitar que elas botassem aqueles vestidos muito cavados ou muito curtinhos. Então bota uniforme, aventalzinho engomado e no começo ela botava um negocinho na cabeça, depois eu tirei fora.

A minha cunhada, por exemplo, não gostava. Mas eu fui quase pioneira nisso, eu fiz questão! É que na Inglaterra eu já estava habituada. Elas já trazem o uniforme delas, elas já tem uniforme: vestido azul claro com avental e nos dias de festa usavam um avental bordado e sempre com aquele negocinho na cabeça. Na Inglaterra tínhamos uma empregada da cozinha, uma para servir à mesa e um rapaz para fazer a

limpeza geral porque a casa era encerada — naquele tempo não havia enceradeira elétrica — era encerada com escovão. Os quartos que não eram atapetados eram todos lustrados com escovão. O rapaz era prá isso. Isso é serviço pesado, né?

Tínhamos um jardim muito grande, um campo de tênis no jardim, um outro para jogar croquet. Croquet é aquele jogo com o martelo que empurra a bolinha pelos aros. Minha irmã era campeã de tênis. Haviam campeonatos, nós em geral, jogávamos muito mal.

Sempre tivemos piano em casa. Todos, até eu, estudamos piano. Até eu que não gosto, não tenho o dom da música, sabe!/? Quantas e quantas vezes eu ia para o piano chorando! Mas mamãe dizia “tem que estudar duas horas por dia “ e eu ficava lá com aquelas escalas... Estudei dois anos assim. Um dia papai disse “o que é que tá chorando tanto?” “Mamãe quer que eu estude duas horas e eu quero brincar”. Ele disse “Minha filha, então pare de estudar”. Eram aulas extraordinárias e tinha-se que pagar à parte. Acabou o martírio!

Naquele tempo não tinha gramofone, não tinha como tem hoje rádio, música. Nós tínhamos uma vitrola com discos que era de corda. Então a gente punha os discos e dançava, ou vinha orquestra em casa, quando a festa era muito especial. Vinha violino ou coisa assim. Piano nós tínhamos dois: um para o estudo — toda gente tocava piano, até os rapazes — outro era de festa. Depois escolhiam quem queria continuar a estudar, porque é uma coisa você estudar aquilo que você não tem o dom. Eu não tinha. Lá na fazenda também tínhamos piano, e violino. Meu irmão tocava violino muito bem, ele tocou até em concertos. Era meu irmão mais velho. Infelizmente já morreram todos!! Nós éramos oito em casa. Nasceu primeiro a minha irmã Francisca. Essa é santa, até o padre mandou o nome dela para Roma. Ela era uma santa. O que ela fazia na fazenda! Aquela criançada toda nunca tinha ouvido falar em igreja. Ela abriu a capela e fazia aula de catecismo com aquela gente toda que nunca tinha ouvido falar nem em Deus! No primeiro Natal da fazenda, fizemos uma árvore de natal. Eles nunca tinham visto uma na vida. Tinha brinquedo prá eles, foi uma festança! Eles não sabiam nem o que era natal! Nós fizemos um presépio — era bonito

— tomava conta da metade da capela. Era com aquele papel grosso, a gente pintava com verde assim (gestos), fazia um efeito muito bonito. Não tinha pinheiro lá, fizemos com uma árvore qualquer e botamos aqueles enfeites que trouxemos da Inglaterra. Tudo enfeitadinho e embaixo os brinquedos para a criançada: boneca, automóvel, essas coisas que eles nunca tinham visto. Eles ficaram maluquinhos com esse primeiro Natal, depois todo Natal tinha festa! Tudo isso por causa de minha irmã que era uma santa. Essa tá no céu! Ela ficou a vida toda na fazenda, visitava aqueles pobres todos. Uma vez encontrei ela ajoelhada ao lado de uma velha que tinha lá, adoentada; com uma bacia de água e sabão no chão e ela lavando os pés cheios de ferida. Com aquelas feridas todas ela lavava e enxugava... Pra você ver como é que ela era boa. Ela cuidava daquela gente toda! Quando ela morreu só tinha gente pobre atrás do caixão dela. Ela queria ser freira carmelita. Eles mandaram do carméu um uniforme de Carmelita para ela ser enterrada. Mas minha mãe pôs o vestido de primeira comunhão. Ela morreu com 33 anos. Eles diziam “perdemos a nossa mãe, perdemos a nossa mãe”! Choravam... tinha um preto velho, esse então era filho de escravos e dizia que nasceu para ser escravo. Ele mesmo dizia “preto nasceu para ser escravo”.

Dos meus irmãos, dois deles tiveram que fazer serviço militar. O mais velho já tinha passado da idade. Todos eles casaram logo.

A gente sempre pensa que a violência é com os outros. Não é não! Qualquer hora pode ser com você. Veja no jornal de hoje: “casa em São Conrado — assalto de 10 horas! As pessoas ficaram presas e eles lá dez horas fazendo o que quiseram! “Invadiram anteontem à noite em São Conrado a casa da cardiologista Estela Klabin, filha do ex-prefeito Israel Klabin” — eu sabia que eu conhecia o nome dele — invadiram a casa, um com o revólver na frente e os outros vão entrando.

Você sabe que o meu sobrinho também teve a casa dele invadida assim? Lá no Leme! Ele é decorador, ele tem nome conhecido. Então foram lá pensando que ele tinha muita coisa em casa. Naturalmente ele tem muitas coisas e até coisas que não são dele! Mas chegaram a prender o invasor e era um conhecido dele!! Agora ele tem

guarda lá. Ele tem muita coisa boa e muita coisa que não é dele.

Todos os meus irmãos deixaram filhos e netos e tudo. A família não vai sumir tão cedo!!

E eu era tida como fraca. Toda vida eu tomei aquele “emulsão Scott”. Eu me lembro que quando eu fui para o colégio na Suíça, eu tinha sete anos e levei comigo o caixote de emulsão Scott que era prá eu tomar todo dia. E eu acho que foi por isso que eu fiquei tão forte. Eu nunca fiquei doente, nunca tive nada! E eu era a fraca da família. Você sabe que eu fazia temporada na praia porque o médico disse que eu precisava “ares de mar”. Papai então alugou uma casa lá na Inglaterra, no sul — Bournemouth — que era prá eu ficar perto de uma praia, que eu precisava de banhos de mar. Eu tomei emulsão Scott, isso você pode aconselhar, porque era o fortificante que se tomava naquela época!

Depois, ainda me dava com as freiras, muito tempo! Escrevia para elas. Tinha uma que eu escrevia e tinha o retrato que ela mandou. Eu gostava muito do colégio, sabe? era um colégio tão bom! Eu gostava muito de história e de matemática. Meu forte era matemática! Isso eu fazia com perfeição. Naquele tempo davam problemas para a gente resolver e eu gostava daquilo, mesmo! “Fulano tem tanto assim, beltrano tem tanto assim, se o outro vier com outro tanto, qual será o resultado?” E você tinha que quebrar a cabeça para resolver as contas como eram. Isso é o que eu gostava... matemática. E lá eu fiz meus exames de Oxford. Graças a Deus passei em tudo. Quando saí de lá já tinha passado nos exames.

De noite a gente sentava, tinha uma freira lá que gostava de ouvir estórias, ela sentava e a gente ficava no chão em volta. Cada uma contava, conversava com ela e ela contava a história dela também. Quando elas tinham namorados diziam “tem um rapaz assim, assim” e ela perguntava se estava bom, se não estava. Eu ficava com pena porque não tinha namorado não. Nem sabia o que era namorar. Eu dizia “eu vou num baile assim e assim”, “nós fizemos isso”, eu queria dizer que também tinha uma coisa para contar! Mas não tinha namorado não. Depois eu fiquei muito namoradeira!

Quando eu trabalhei então, minha filha, era assim!!! (gesto com a mão, de excesso). Tinha um então que queria fazer relatórios e eu fazia a tradução do inglês para português e ele tinha que ler junto. Ele ficava ali comigo conferindo as frases que eram técnicas e tudo, ficava ali me esperando, o dia todo! Oolhaa!! Aquilo foi uma beleza! Toda gente tava pensando que eu tava namorando. Ele me dava presentes bonitos, me deu um vidro de perfume francês que era muito procurado sabe?! Era muito caro naquele tempo, perfume francês. Não era qualquer um que podia dar para a namorada perfume francês! Mandava flores lá para casa, naquele tempo era “corbeille” né. Mas eu não podia porque ainda tava casada. As duas coisas não dava... eu ouvia tanta coisa... telefonavam lá para casa “Você sabe que fulano (meu ex-marido) hoje foi visto não sei aonde na avenida não sei qual com a namorada não sei o que lá?” E eu desligava o telefone. Acho que era a mando dele sabe? Quando eu via que era anônimo, que era trote, eu não dava resposta, punha o telefone no gancho. A pessoa desistiu. A pessoa fica com a cara no chão pois eu nem ligava! Ele podia ter quantas amantes ele quisesse, eu não tava ligando. Eu dava era graças a Deus que ele me deixasse em paz.

A minha vida foi um prato feito, né?

Eu não me incomodo não. Eu acho que as coisas têm que ser assim mesmo. A gente já tem a vida traçada, né?

Eu, graças a Deus, vivo bem. Minha irmã mora comigo, tenho meu apartamento que meu pai me deu, tenho a minha aposentadoria que eu trabalhei e tenho agora também um hotel que nós temos em Macaé. Até agora estavam tomando conta. Agora eles entregaram o hotel. Entregaram e já vai ser alugado. Tenho esperança! É um hotel muito grande, tem mais de 50 quartos! É na praia, em Ibitiba. É da família, mas em todo caso dá, cada um tem um pouco, lógico. Por enquanto esse aluguel está em questão, com o advogado.

A Baby veio morar comigo mas não substitui o Carlinhos. Era tudo comigo. Eu sabia da vida dele tudo, tudo ele contava pra mim. Quando ele morreu eu pensei que o mundo tivesse caído prá mim. ACABOU! Ele era a pessoa mais correta que eu já vi no mundo. Ele nem gostava de ver a gente jogando! O José dizia assim: “como é

que você tem coragem de convidar pessoas à sua casa para tirar dinheiro delas? Eu acho absurdo!!! “Ele não jogava e achava horrível. Mas a gente só jogava assim — a dinheiro. Depois morreu essa uma... uma morte estúpida, estúpida, estúpida! Ela era a mais alegre do grupo, mas ela bebia um pouco. E durante o jogo sempre tinha o que servir — refresco, mas ela bebia vinho. Eu então tinha uns vinhos que enviavam de Portugal prá mim: vinho do Porto, que eram muito bons, legítimos. Ninguém tinha esse vício de beber, lá em casa. Então eu guardava prá ela. Ela tomava num dia, a garrafa inteirinha; num dia. O estômago dela já estava corroído. Morreu da bebida! Você sabe que depois, ela tinha uma empregada muito antiga, eu telefonava pra lá para ter notícias. Então eu fui lá visitá-la e a empregada disse “não vá no quarto não, que a senhora vai ficar horrorizada! Eu dei notícias a ela que a senhora esteve aqui, porque ela está no fim. Ela estava sentada na cama, uma garrafa ao lado, bebendo até o fim.”

Ela morreu de cirrose. Lembra-te de um artista da televisão que era muito conhecido na ocasião? Você talvez não se lembre. Ele morreu também naquela ocasião de cirrose. Era um que falava muito, era um speaker também, não me lembro mais o nome dele, era do tempo do Nelson Gonçalves.

Ela se punha a jogar e eu botava vinho no copo dela o tempo todo; mas eu não sabia que era vício. E eu estava cultivando o vício! Nós jogávamos todo sábado, duas mesas de jogo. Isso foi antes da Baby vir morar comigo. A minha outra irmã ainda era viva e gostava muito de jogar, a Eugênia. O que eu senti falta foi a companhia que ela fazia. Ela gostava das mesmas coisas que eu gostava, os namoros dela eram tão engraçados! Tinha dias, lá em Campos, que a gente saía para ir ao cinema. Essa era outra diversão de lá, sair da fazenda para ir ao cinema. A gente tinha camarote fixo, ficava em cima. A gente mexia com a mamãe que a gente ia sentar embaixo para arranjar namorado. Mas ela não queria que a gente ficasse embaixo. E lá de cima a Eugênia arranjava namorado todo o tempo: “Agora estamos brigados, ele me virou as costas então estou namorando aquele outro lá” — aí o outro fazia sinal para ela. Nós ríamos tanto. Ela namorava, brigava, tudo de lá! Um dia nós demos festa em casa e ele foi. Aí ela ficou na janela, todo tempo, conversando com ele. Eu dizia

“daonde vocês tiraram tanto assunto?” e ela “nós ficamos conversando bobagens. Ele não disse nada e eu também não disse nada!” Os dois assim, olhando pra lua. (Risos) Ela era muito engraçada sabe? Uma irmã muito boa. Tudo eu contava pra ela! Pra Baby não, porque a Baby, quando ela veio de Portugal ela disse que ia ser freira, ia ser carmelita! Meu Deus do céu — eu chorei a noite inteira porque a Baby disse que ia se despedir de mim aquele dia porque ia pro carmel. E ela tinha uma amiga do colégio que era amiga como se fosse irmã. Levou ela lá prá casa, morava com a gente, ficava junto assim! Ela tinha também uma família muito grande em Niterói e era também uma família muito boa. Ela tinha muitos parentes. A Baby estava sempre em contato com essa amiga. E essa amiga — as duas — ia entrar para o carmel. Ela entrou e a Baby sobrou, não foi, arranjou uma desculpa, depois nós voltamos para Portugal e ela foi junto. Eu acho que lá ela perdeu essa idéia.

Nós tínhamos na Aldeia uma propriedade que depois papai passou para um primo lá. E lá nessa Aldeia tinha o Quinzinho que foi namorado da Sofia que casou com outro, que ela conheceu na Inglaterra e já voltou noiva dele. Ele era muito bom, um homem muito bom. Ela teve um ótimo casamento. Ainda tem as sobrinhas, filhas dela não é? Eu sei que elas ainda se comunicam com a gente. Uma até chegou aí, queria namorar o meu sobrinho. Ela tava doida para casar. E não casou! E ela dizia assim “Olha, se eu não casar eu morro!”

Então ela chegou aí tinha uns sobrinhos solteiros, tem um que é solteiro até hoje, é o Geraldo, esse é artista né, ele só pensa na arte! Então ela pensou que ia namorar com ele. E ele realmente saía muito com a gente, nós íamos almoçar fora e ela tava pensando que era por causa dela, mas não era não, ele achava ela horrível. É que ela não ligava para roupa e ele fazia uma questão louca de mulher bem vestida. Inúmeras vezes ele disse assim “eu tive até vergonha de andar com ela, repara as meias dela!” É que ela punha essas meias compridas que usavam e ela enrolou as meias e ficou com as meias enroladas no meio das pernas, não botou liga nem nada. Aquelas meias caindo assim, ela andando na rua... Ele achou aquilo o fim! Ela não soube que as meias foram o decreto, a sentença de morte para ela! (Risos). Ela não ligava roupa, não

se pintava, o cabelo de qualquer maneira e ele era todo chique. Ele não se casou até hoje. Ele é arquiteto. Faz decorações muito bonitas. Ele foi pra França, ficou lá um tempo... uh! voltou todo cheio de trimiliques! A gente caçoava dele. Continuou solteiro e não casa mais. Já está com mais de quarenta anos, não casa mais.

Quando me disseram que eu tô fazendo 100 anos eu pensei “será mesmo que eu tô fazendo 100 anos?” Eu não acredito! Porque eu não me sentia pessoa de 100 anos. Eles fizeram uma festa muito bonita, os meus sobrinhos todos. Cada um deu não sei quanto, parece que R\$ 5.000,00! Uma festa que só vendo! De garçon, tinha dois ou três garçons, um bolo enorme, tenho até um retrato cortando o bolo! Uma festa que deve ter custado um dinheirão! Até a Manuela veio de Curitiba pra festa. Eu disse “Manuela, você aqui?” A Manuela pra mim é a filha que eu não tive sabe? A Manuela é um amor! E graças a Deus muito bem casada, tem dois filhos que são uns amores. É engraçadinho o menorzinho e a menina é uma graça! Eu, graças a Deus, me dou bem com todos eles. Muito bem! Com uns mais, com outros menos, mas todos eles são os meus sobrinhos. Eu sinto! A gente sente quando a pessoa gosta, né?

E veio uma outra também que eu não tava contando: uma amiga que eu tenho que mora no Leblon e ela nem conhece minha família! Amiga mesmo, de trabalho. Quando eu trabalhava, ela trabalhava junto comigo e eu fiquei até madrinha do filho dela. Até ele apareceu na festa! Depois, ele era muito acanhado, se despediu, foi embora e ela ficou. E eu dizia “Meu Deus, essa festa toda é pra mim?” Depois de certa idade não se conta mais.

E o Cláudio José que é almirante e eu gosto muito também estava lá. E um primo que mora em Niterói e nunca veio! Até, ele perdeu a mulher dele há pouco tempo, ele quase que morreu junto. Eu sei que ele escreveu depois uma poesia para ela, muito bonita. Escreveu um livro contando a vida dela. Ele é primo. Primo-irmão. Filho de uma irmã de papai. Ele tava na festa. Eu disse “você aqui!?” Ainda fiz uma malcriação muito grande como quem diz “pelo amor de Deus, quem convidou você!?” (gargalhadas) Depois é que eu vi o que eu tinha feito...

Maria Conceição Ribeiro Lamego Viana

1902 – 101 anos

Entrevista em 02/08/2003 – Rio de Janeiro – RJ

Duração: 3 horas.

4.7 ARGENTINA

Nasci dia 23 de setembro de 1917. Sou viúva, tenho três filhos, quatro netos e atualmente sou uma vagabunda que não faz mais nada.

Eu vim da Bolívia com nove anos de idade. A família de papai morava toda aqui e papai foi para a Argentina, mocinho ainda, tentar a vida. Já viu porque o meu nome né? E meu apelido é Gringa! Vê se isso é nome de gente... somos descendentes de árabes e na Argentina papai ficou no meio de primos e primas. Foi onde conheceu a mamãe, casou, teve seis filhos — eu sou uma delas, sou a segunda. A caçula, que é boliviana, tem atualmente 76 anos. Viemos para o Brasil em 1926. Papai tinha fazenda na Bolívia e veio se radicar aqui. Tinha os irmãos, os pais, todos aqui. Aí começou outra vida. Criança não sente muita mudança. Senti um pouco por causa da língua. Mas logo me adaptei em Campinas. Eu fui uma criança normal, extrovertida, gostava muito de animais, gos-ta-va muito de contar histórias como se fosse realidade. A minha família na Bolívia era muito afetiva. A gente era muito animada, paparicada. Foi uma infância gostosa. Lá a gente vivia mais assim, a vida muito calma, muito tranquila. A Bolívia é um país muito atrasado em comparação com o Brasil. A desigualdade lá é muito grande, tanto quanto aqui, mas não há os recursos que tem aqui. Atualmente, há progresso, mas não sei se é bom. Tudo que uma cidade grande tem já tá chegando lá — drogas, assalto, violência. É uma pena. Eu penso que se paga pelo progresso. Porque antigamente você podia sair à rua, hoje a miséria é muito grande. Não existia miséria. Em 1978 não vi um mendigo nas ruas. O povo era pobre mas tinha o que comer. Em 1983, passados cinco anos, já senti diferença. Em 1998 fiquei assustada — cidades sujas, abandonadas, crianças nas ruas. Só que lá ficou evidente porque não havia essa miséria tão grande. Essa deteriorização do mundo e das pessoas. As pessoas vão ficando egoístas — sei lá, não há mais sentido de humanidade.

Quando eu saí de Campinas eu me lembro que a gente botava cadeira na calçada para conversar com os vizinhos. Isso foi em 1942. A gente saía na rua a qualquer hora, não tinha problema. Podia sair à noite, voltar de madrugada, não tinha

problema. Realmente eu vinha todos os anos a Campinas passar as férias. Papai e mamãe eram vivos. Cada ano eu notava uma pequena transformação. Agora, de dois anos para cá já é mais feroeste: uma cidade abandonada, mal administrada, desemprego...

Meu marido era libanês. Eu o conheci aqui em Campinas quando cheguei da Bolívia. Havia um parentesco entre a família dele e a de papai. Ele trabalhava como representante de uma fábrica de chapéus, *Cury*, e por coincidência essa fábrica era do meu tio. Eu trabalhei nessa fábrica como secretária por oito anos. Sempre tive vontade de trabalhar fora de casa. Na ocasião eu fui procurar emprego. Meu tio soube e disse que eu ia trabalhar com ele. Fui fazer um curso de secretariado, eu não gostava dos afazeres de casa. Na fábrica eu tive mais oportunidade de conversar com o meu marido. O árabe é muito hospitaleiro. Ele freqüentava muito a minha casa, mas nem me passava pela cabeça alguma coisa com ele. No escritório eu era a única mulher e meu tio era assim um pouco mandão — mandão mesmo — então ele não queria que eu tivesse muita intimidade com os homens. Mas eu me relacionava muito bem com todos eles. E o Felipe nunca demonstrou nada. Eu nem podia imaginar! Nosso casamento foi engraçado...

A primeira vez que ele falou em casamento foi em dezembro de 1941 e em fevereiro de 1942 eu já estava casada!! Nunca passou pela minha cabeça que ia casar com ele. Eu tratava como parente! Não sei o que aconteceu que mudou assim... um dia ele me chamou para jantar fora, “chegou à Companhia de Teatro do Rio!” Mamãe falou “tá bom, é parente”. Na volta ele falou “você quer casar comigo?”

“O quê? Você está brincando!!”

“Não, tô falando sério”.

“Não, não quero.”

Mas ele voltou a perguntar. Cada vez que vinha a Campinas ele jantava lá em casa e perguntava. Eu achei que era brincadeira dele e falei: “Vou pensar” por brincadeira. Não foi uma decisão rápida!

Em 1942 me casei e fui morar no Rio. Morei 54 anos lá! Lá tive meus filhos, estudaram lá. Fiz a minha vida lá, muitos amigos, freqüentava muito Clubes, Cassinos. Aí veio a guerra que atrapalhou tudo — recessão, racionamento, pavor de tudo. Em 1944 nasceu Eduardo, meu filho mais velho. Aí fiquei mais dona de casa. A nossa vida modificou muito — primeiro crise financeira, depois filho. A gente não tinha opção para sair, nem clube nem teatro...

Depois veio a Rachel e depois a Beatriz. As coisas vão acontecendo normalmente. Se você parar para pensar você não entende nem como nem porquê!

Eu cheguei no Rio numa segunda-feira de Carnaval! Imagine o que era o Rio em fevereiro de 1942! A Praça Onze fervilhava de gente pulando e dançando! Aquela alegria, aquela euforia — a gente não podia andar... De repente passou uma ambulância, meu marido entrou com o carro atrás... nós não conseguíamos lugar em nenhum hotel! Fomos então para o apartamento que estava vazio. Não tinha nada. Eu não tinha roupa de cama, panelas, louça, nada! Tomamos um banho e saímos procurar um restaurante para comer alguma coisa. Aí, depois, no dia seguinte fui conhecer a cidade e fazer compras. O Felipe tinha um amigo que tinha o armazém da cidade e ele era casado com uma senhora maravilhosa que me ajudou muito. Foi uma grande amiga para mim! Eu, quando casei, em fevereiro, até janeiro eu trabalhei! Nunca tive tempo e vontade para coisas da cozinha. Então ela me ajudou muito, a gente saía junto para o cinema! Naquele tempo a gente fazia piquenique. A Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes — aquilo tudo era deserto!! Estava começando a surgir Ipanema. O chique era Copacabana... Tinha os Cassinos — meu marido era viciado em jogo. Ele falou “ou você fica em casa sozinha ou aprende a jogar”! “Aprendo a jogar” e fiquei mais viciada que ele!! (Risos). É emocionante!! Você se obriga a raciocinar e você se desliga dos problemas do dia-a-dia. Para mim, jogar era uma terapia!

... empregada, conta, lavanderia, briga com o marido... falta de paciência de parar para pensar quem tava certo ou errado... eu acho que eu sou um pouco do contra. Por exemplo: se alguém diz “eu acho que o amarelo é uma cor bonita”, eu não acho “é feia”, já digo! Terrível, impulsivamente eu fazia muita coisa! O que eu achava que

tava certo eu ia até o fim defendendo aquilo! Felipe era um tradicionalista, muito arraigado aos costumes. O árabe era machista, mandão... até certo ponto, porque ele era muito liberal em certas coisas, nunca me proibiu de coisa alguma. Eu era uma revolucionária. Como sou até hoje. Eu não sou preconceituosa a respeito de coisa nenhuma. Mas sou contra essa autoridade que manda porque manda!! Não entendo o racismo, por exemplo, contra o preto porque é diferente.

Numa ocasião eu tinha um encontro com meu marido na Colombo. Cheguei cedo e fiquei numa mesinha esperando por ele. Veio uma preta muito bonita, muito bem vestida e foi procurar uma mesa. Era o ano de 43 ou 44. O garçom delicadamente disse que ela não podia ficar! Ela saiu meio humilhada mas voltou e disse: “eu vou almoçar aqui”!

Eu fiquei indignada e quando o Felipe chegou contei a estória toda. Ele disse “está certo”. Eu fiquei mais indignada e disse: “me explica Felipe — certo por quê?”

Atualmente Pelé, Jair Rodrigues — são astros — se não fossem, seriam tratados de lado. Havia muita discriminação. Mesmo assim, o Rio me encantou desde a primeira vez! Me apaixonei pela cidade, o povo é diferente, o povo é muito bom, carioca é muito bom, muito expansivo! No Rio eu morava num apartamento que era praticamente uma casa. Lá eu tive um cachorro lindo! Apartamento térreo com uma varanda muito grande. Podia ter cachorro lá. Era um prédio de quatro apartamentos, um da proprietária e os outros três alugados. E o meu cachorro incomodava o vizinho neurótico. Ele envenenou o cachorro, eu soube depois porque o gari da rua viu ele dar um pedaço de carne para o cachorro! Depois, eu tive outro que fui obrigada a dar. Aí parei.

O Rio era uma cidade calma, tranqüila, alegre, acolhedora, risonha. Atualmente é violenta. No Rio tinham três tipos de bonde: bonde do vintém que era bonde de carga, mudança, trouxa de roupas com as lavadeiras; bonde de passageiro que era mais chique, mais sofisticado; bonde de casamento — um vagão com cortinas brancas em todas as janelinhas, assentos forrados — era muito chique, muito bonito, iam os noivos e convidados. O bonde passava e pegava os noivos e os convidados e ia para a Igreja. Geralmente, depois para a residência da noiva.

Eu morava perto do morro do Turano. Tinha muito pé de goiaba e manga. Minha lavadeira morava lá, a cozinheira morava lá, o guarda noturno morava lá. Éramos amigos! Hoje em dia, os traficantes proibiram a entrada na rua. A gente sentava na calçada, a vizinhança toda para conversar, os filhos no meio da rua. Era uma delícia.

A minha infância foi mais rural do que cidade. Fui criada em fazenda. Então essa convivência com a terra, plantação, me marcou muito! Meus filhos não tiveram essa oportunidade. Foram criados na cidade. É um circuito fechado. Como eu tive liberdade total de cair, de subir em árvores, quebrar braço (risos)... a babá dizia: “o que foi?” “Caí!!” “Levante”!

Eu tenho uma sobrinha que tem uma filha única. A menina não pode brincar no chão para não sujar o vestido!!!

É muita lavagem, muita limpeza, muito produto... agrotóxico: acho que todas essas doenças que eu nem nunca ouvi falar são por causa disso!

Tem uma ocasião eu estava em Copacabana completamente perdida. Não sabia nem me orientar para chegar na minha rua que era na Tijuca. Me aproximei de um senhor na calçada e pedi informações. Ele me deu algumas explicações e eu segui meio incerta. Alguns passos e ele me alcançou: “Eu vou levar a senhora ao ponto de ônibus”. Quando o ônibus chegou ele disse: “eu vou com a senhora”. Ele pagou a passagem. Na Dom Quilombo, saltamos. Ao chegarmos em casa eu convidei “o senhor não quer tomar um café?” “Não, eu tenho consulta marcada agora. Eu sou médico e estava chegando no consultório quando a senhora me interpelou”. “Viu só!!”

Outra passagem pra você ver como era o carioca. Eu morava na rua Aureliano Portugal. Lá dificilmente subia o táxi. Eu vi um carro parar numa casa vizinha a minha. Eu perguntei ao motorista: “o senhor me leva na Ceane Penha? Quero parar bem na praça! “Quando cheguei lá quis pagar e ele me disse “eu não sou taxista. Meu carro é particular”. (Risos) Tá vendo?!

Em 1977 eu fiquei viúva. Sessenta e três anos! A gente aos pouquinhos vai entrando na mudança sem impacto forte. Eu sei que houve mudança, mas continuei

tendo os meus amigos, ia ao clube, teatro, cinema, visitava — recebia. Era uma vida mais ou menos boa, uma vida social. Não era uma vida parada. Aí morei no Rio até os 85 anos. Aí mudei para Campinas porque eu tava muito sozinha lá no Rio. Para elas e para mim foi mais fácil morar perto da família.

A mudança do Rio para Campinas para mim foi dolorosa. Nossa!! Foi uma mudança radical. Fiquei sem amigos, fiquei sem aquela minha rotina de sair, de ir a clubes, gostava muito de jogar! Estava tão desesperada lá no Rio porque eu me sentia muito sozinha. Estava doente... Achei que ficaria aqui um ano, dois anos, mas nunca mais... Eu comecei a me sentir velha aqui. Paralisou a minha vida completamente. Tentei fazer a Universidade da Terceira Idade, mas parei. O que me interessa aprender matemática? Eu quero acompanhar a transformação do mundo! Queria coisas atuais. Então tentei fazer artesanato. Não tenho jeito para isso. Filhos criados, cada um tomando conta da sua vida! E eu sozinha... até me acostumar com essa vida levei tempo, um tempo para aceitar essa mudança. Perdi a beleza do Rio, as pessoas. Lá no Rio você fala com o almirante, o gari não tem essa escala social. Aqui não, categorias completamente separadas: tradicionais, invasores — pobres. O povo de Campinas é muito preconceituoso e muito orgulhoso.

Foi uma seqüência muito ligada uma a outra, sempre relacionada uma a outra. Eu não me arrependo do que fiz, mas me arrependo do que não fiz.

Quando vim para cá, fui achando que era uma coitadinha e fui deixando os projetos. Nessa idade é muito difícil, você olhe, porque a cabeça ajuda, mas o físico não ajuda mais. Eu gostaria muito de estudar mais. É uma coisa engraçada... Frequentar clubes é muito difícil porque não conheço mais nada, meus amigos — tentei localizar — colegas de colégio, não consegui. Um mudaram, outras morreram, outras ficaram indiferentes. Gostaria de ter trabalhado em assistência social. Mas não fiz. Eu tô perdendo o interesse pelas coisas boas. Ando muito assustada com a situação do mundo. Penso muito no futuro dos meus netos. Essa violência, essa fome no mundo, essa guerra idiota. O egoísmo tomou conta. Qual a finalidade de uma guerra? Vender armamentos? É! Evitar que outros países se desenvolvam? É! E matar

pessoas... Os Estados Unidos ficam espremendo na parede, dificultando tudo e com isso vão criando um mundo perverso. O que o Lula conseguiu fazer até agora? Esse coitado não consegue fazer nada! Todos os projetos que ele tinha na cabeça... ele foi cerceado! Eu acho que é falta de amor. Se você ama, você vai tentar ajudar ou pelo menos não vai atrapalhar...

Eu me sinto burra!! Sabe por quê? Me senti tão impotente por causa do acidente: fratura no fêmur. Fui atender o telefone, escorreguei, caí e fracturei o fêmur! Comecei a gritar, o zelador do prédio ouviu meus gritos, arreventou uma janela para entrar e me tirou do chão! Ele me arrastou até a sala e telefonou para a minha filha. Chamaram o médico, ele veio, fui para o Hospital e eu fiquei me sentindo a pior coisa do mundo. Eu não gosto de depender de ninguém. Eu sempre resolvi meus problemas sozinha! Eu aprendi a me virar. Agora, para sair eu dependo, para fazer compras eu dependo, para tudo eu dependo! Isso me incomoda. Eu gosto de viver, adoro a vida. O que posso fazer sozinha continuo fazendo, o que não posso peço “help”. Me custa muito pedir — MUITO!! Eu me acho mais tímida, medo de ser importuna, de atrapalhar. Adoro ir a cinema, teatro, concertos, mas não vou porque não quero pedir. Acompanhante é a coisa mais chata que existe: ficam monopolizando você o tempo todo ou então implicam. Eu sei o que estou dizendo. Quando vou caminhar até a pracinha, eu vejo. Elas nem se incomodam comigo. Eu não conto. Já vi casos de acompanhante que dizem “TANSA, VELHA CHATA PORQUE NÃO MORRE, ANDA VÉIA”. Tinha uma empregada que a Rachel pôs aqui. Um dia veio uma moça que costura em casa e a Nair chegou e disse para ela que eu era “tantã”!! Eu disse para ela ir embora na hora!! Nunca mais quero alguém que ficasse comigo!

Eu tenho uma irmã que mora aqui. Eu vou muito lá e ela vem aqui. Eu me distraio muito com ela. É um amor de pessoa, muito boa, generosa, um gênio bom. Que nem a casa da mãe Joana. Todo mundo pára lá (risos). Eu me acomodei. Isso que eu digo para você “A cabeça funciona, mas o físico atrapalha”, é assim mesmo.

Eu fui uma ocasião pro Chile com a Rachel. Acho que uns oito ou nove anos atrás. Lá no Chile a gente começou a conhecer as cidades do interior. Na excursão

tinha um senhor numa maca, não sei se eram os filhos ou netos, mas carregavam ele na maca. Tudo o que a gente fez na excursão ele participou. Eu não tenho coragem, eu tenho medo de tudo, de andar na rua, no supermercado. O excesso de cuidado que os outros têm comigo vai me deixando apavorada! Às vezes, faço coisas escondidas. Eles descobrem e eu levo uma bronca daquelas.

Abrir uma janela, ver um dia bonito, plantas, árvores, passarinho, criança brincando — eu adoro a vida!! Procuo fazer aquilo que ainda posso fazer. Eu escrevia muita carta para parentes, amigos. De repente, eu parei também. Este ano eu passei a uma aceitação total. Quando estou animada, acho o mundo maravilhoso. Quando estou com enxaqueca acho o mundo uma merda! Você está escrevendo merda? É merda mesmo! Às vezes, eu passo a semana inteira muito bem, fazendo a rotina de todos os dias e na outra semana não passo bem. O clima de Campinas, essa secura, não me faz bem. Acho que é hereditário. Minha mãe tinha por uns três dias — uma coisa horrórosa!! Já fiz hidroginástica, natação, Reike, acupuntura, massagem... eu só não virei cambalhota no meio da rua porque ninguém me disse que é bom para dor de cabeça. Agora tô fazendo fisioterapia.

O Ric tem sete anos. A minha neta morava em São José dos Campos. Ela tinha cachorro e é apaixonada por cachorro. Eu falei “só se você prometer que vai cuidar e só depois que entrar para a Faculdade!” Ela passou. Eu tive que cumprir meu compromisso. Agora eu cuido do cachorro.

Argentina Salek Fiad

1914 – 88 anos

Entrevista em: 03/08/2003 – Campinas-SP.

Duração: 3 horas.

4.8 NÊNE

Que eu me lembro da minha família tinha onze anos. Meu pai trabalhava perto de Campo Largo, na roça. Mas apareceu um senhor Arnaldo Proma, que convidou meu pai para trabalhar na erva-mate. Era um preço bom que pagavam. Ele se mudou para São Mateus com toda a família. Era muita gente. Meu pai se chama Ernesto Antonio Schiavon. Eu tinha um irmão Ângelo, depois a Paulina, o Otávio, Fioravante, Luís, Augusto, Otone, Izidoro ... O escrivão de Campo Largo bebia e fazia uma confusão, ainda mais que meu pai esperava uns três filhos para registrar de uma vez só. Então o Izidoro ficou Benedito Izidoro, o José e daí sim o Benedito, Ana Luísa que sou eu, Madalena, Edmundo. Eu nem sei se tá todo mundo aí. Será que esqueci algum? Bem, os dois mais velhos faleceram quando eram pequenos.

Ia todo mundo cortar erva. À noite tinha um professor que foi daqui de Curitiba. Ele era tão brabo! Não posso entender como podia ser professor! Olha que palmatória tomei quantas na minha mão! Ele também punha de castigo na porta e a pessoa dizendo *eu sou vadio*. Separava primeiro os meninos, depois as meninas. Uma vez ele me pôs de castigo numa cadeira no meio dos meninos. Eu fiquei sentada me embalando ... que castigo absurdo! Ele fechava o pulso e batia no queixo por baixo, assim ... Também me puxou muito a orelha. Até hoje quando eu me lavo doía a orelha. Puxava o cabelo de arrancar. Como é que pode?!

Tinha muito caboclo, polaco — ele judiava muito. Todo mundo reclamava, daí veio a Aninha Kaminski. Ela dava aula à noite pro's meus irmãos porque eles trabalhavam e só podiam a noite. Eu ia pousar com ela. Ela morava numa casinha no meio do mato, precisava de companhia. O que eu aprendi, foi com ela. Ela era madrinha da minha irmã Madalena. Ficou muitos anos conosco!

Então o preço da erva caiu. Eles foram para outra fazenda. Papai começou a lidar com roça, feijão. Era interessante porque eles plantavam bastante. Era de perder a vista! A gente só comprava açúcar, arroz. O resto tinha tudo: milho, feijão, batatinha. E criavam gado, vaca de leite. Era uma fartura. Eu toda vida ajudando na cozinha. Mas

a gente pintava os caneco!! Brinquedo era a gente que fazia, pois não tinha brinquedo. Punha uma tábua no meio da porteira e fazia “nhé-pombom” — um senta de um lado, outra do outro. Era muito divertido. A gente pegava uma corda de laçar os animais, amarrava numa árvore — um pé de ameixa bem grande — punha um peleguinho de carneiro em cima e se balançava. Eu roubava o cavalo do meu irmão e ia passear pro lado do rio, tomava banho, brincava na água mais as minhas irmãs e as amigas. A gente fazia uma chácara embaixo de uma sombra, direitinho como era de verdade. Fazia assim o rio que atravessava e do barro a gente fazia o cavalinho. Pegava galho de árvore e espetava para fazer o verde, a gente fazia carneirinho de xuxu, enfiava quatro palitos de fósforo e ficava em pé. Tinha aquele refugio de madeira serrada, era um monte daquele retalho que dava prá fazer tabuinha da casa, com teto como se fosse casa de chácara. Era bonito de ver! A gente arrumava ovo da minha mãe e fazia comidinha. Pegava lata de sardinha, punha dois tijolos de lado, fogo embaixo e fritava o ovo. A gente se visitava. E as bonecas eram de pau de lenha (risos). A gente descascava bem descascada a cara da boneca. A madeira ficava lisinha. Depois desenhava a carinha da boneca com carvão, às vezes deixava ela mais moreninha. A minha era bem pesada. Eu dizia “veja como a minha filha tá gorda!” (risos) Como é que pode?! Uma sobrinha do meu pai ficou lá conosco e teve gêmeos. A gente ficou tão alegre!! Eu tenho uma mancha nas pernas até hoje, do xixi das crianças. Saiu uma porção de feridas por causa do xixi.

Um dia eu fui fazer uma cuia de chimarrão com um purungo. Os meus irmãos amarravam os purungos nos braços, no peito, na barriga. Eu fui fazer a cuia, a faca escapou e cortou o meu dedão. Foi um talho! Isso foi de pequena e até agora tem a marca.

A gente se divertia, pegava milho, assava no forno. Não sei como você vai escrever tudo isso! Fruta a gente comia, a gente, com meus pais ia pro mato comer fruta. A gente ia pro mato fazer sapecada de pinhão. Sabe que o pinhãozinho pula até fora da casca? Aquelas frutinhas de São João, dá uns cachinhos penduradinhos assim ... A gente come e fica com a boca toda roxa (risos). Tinha ainda mexirica, laranjinha,

chegava em casa não tinha nem fome. Ih! Aríticum que é que nem a fruta do conde só que é pequenininha. Aquilo é uma delícia! A gente trepava na árvore ... Puxa, que coisa boa!!

De lá eles vieram para Palmeira. Trouxeram gado, carneiro, alugaram terra e a gente ainda ficou com seis vacas de leite. Porisso que a minha mão é feia, de tanto tirar leite! Eu era forte. Não tinha ainda quinze anos. Quando a minha irmã ganhava nenê, minha mãe vinha para Campo Largo ajudar. Eu ficava na cozinha. Nunca matei uma galinha na minha vida! Uma vez nem a minha mãe dava certo de matar a galinha. Nisso de ajudar na comida o meu irmão Otone era bonzinho. Era uma trabalhadeira, eles comiam muito, a maioria homem que trabalhava duro. Meu pai era brabo. Queria que todo mundo fosse trabalhar. Quando eles vinham da roça a comida tava pronta.

Aí eles começaram a derrubar pinheiro e vendiam para a serraria. Um dia meu pai veio doente do mato. Creio que era pneumonia. Eu tinha feito pão e tinha posto prá crescer. A massa começou a pingar, o fogo apagou. Eu não sabia o que fazer. Meu irmão Otone ajeitou as coisas, amassou tudo outra vez e colocou na forma para assar. Naquele tempo tudo era difícil, não tinha telefone. Era muita coisa e acontecia tudo no meio da família ...

Quando era tempo de bater feijão ficava bonito de ver! Queria ter uma foto. Mesmo depois que a turma recolhia tudo, ficava muito feijão espalhado. Meu pai era exigente. Mas criança nem liga isso. Meu irmão e minha irmã juntavam o feijão que espalhava. Era uma brincadeira. Cada um queria juntar mais e não ficava nada em volta. Se tivesse alguma ferramenta fora do lugar, meu pai já avisava “tem que por no lugar!” Fosse quem fosse, via a ferramenta e corria por no lugar.

Meu pai fazia festa, a casa era grande. Ele dizia “vocês convidem os amigos, vamos fazer um baile” Ele convidava um gaiteiro — era muito divertido. Só a turma lá de casa já garantia o baile. Imagine mais os amigos! A gente tinha dança certa. Minha mãe fazia café e pão para servir prá todo mundo. Pegava uma lata grande de água, deixava na chapa. Depois punha um saquinho com o café lá dentro, mais a concha. Cada um se servia e comiam todo o pão. Era comida a vontade e dançavam até de

manhã. Mamãe também fazia licor com folha de figo fervendo na cachaça com açúcar. Quem queria tomava café, ou licor. Também enchiam o forno de batata doce, pinhão. Era muito divertido!

O dono dessa fazenda era um velhinho. Meu irmão, o Luís, era noivo da filha dele. Um dia ela morreu, perdeu muito sangue e morreu! Depois foi a mulher dele. Ele ficou sozinho, então foi morar conosco. Em dia de festa minha mãe arrumava a gravata dele e dizia “leve as meninas no baile seu Ernesto”. Meu pai e minha mãe arrumavam a carroça e a gente ia pro baile. A gente sempre dançava bastante!

Depois a gente veio morar em Palmeira, na Colônia Francesa. Tinha muito francês, eram emigrantes. Já foi dando tudo certo. Eles fizeram o clube numa escola velha. Chamavam um amigo que tocava gaita, tinha um preto que tocava clarineta, meus irmãos no violão. Tinha até jogo de futebol — “Novo Francês Futebol Clube”. Nós era da torcida organizada: saia branca pagueadinha, uma blusa verde. Meus irmãos jogavam bola pelo Ipiranga. Era outro clube. Vinha assim de gente de Palmeira porque era mais animado aqui. Tinha um irmão que levava erva para a estação de trem. Se tinha um galpão vazio, pronto, eles já inventavam um baile. Marcavam lá pr'umas horas da noite, cada um pagava um pouquinho para entrar. Era uma bagatela, só mesmo para se divertir. Eles faziam ximango. Era chato ficar sem tirarem a gente. Quando a gente ia com o Luís a gente ficava até quando queria ... Quando era o Izidoro, ele encrecava quando tinha alguém no porre. Se tinha baile nas casas, em Palmeira, a gente queria ir e não deixavam. Eu me vestia de homem, punha chapéu, puxava o cabelo, fazia um bigode com carvão, escurecia um pouco a cara, pegava uma bengala. A gente pulava a janela, fugia assim e ficava sondando por fora prá ver se tinha algum conhecido. Ver se tinha algum namorado prá depois brigar com o namorado. Mas como é que pode?!

Quando eu conheci o Eurídes, meu marido, foi pelo sogro. Chegou o Bispo em Palmeira e todo mundo foi se crismar. O Benedito, meu irmão, escolheu um caboclinho como padrinho. Era um menino sem família que ficava em volta, trabalhando — dormia aqui, dormia ali. E trabalhava mesmo! Era muito bonzinho. Ele

disse pro Benedito “eu não vou porque sou muito pobre”. Mas o Benedito queria e disse “nós arranjamos roupa”. Mas ele não queria e disse “vou arranjar um padrinho prá você e tem que ser católico!” O pretinho levou o Benedito na casa do meu sogro, o pai do Eurídes, que era o cartorário da cidade. Ele disse “eu trouxe esse menino para o senhor crismar”. Veja que os compadres não se conheciam! Meu sogro tinha uma chácara e no caminho tinha que passar pela frente da minha casa. Eurídes tava de batina, fazia oito anos no seminário. Eles passaram de carro e entraram lá em casa. Conversaram e nós numa turma de meninas ficamos olhando o Eurídes. Todas diziam “que pena, ele é padre”. Então eu disse “vamos fazer um teste, se ele olhar para trás na saída, não vai ser padre”. Ele olhou!! (risos) Eu sabia, ele é tão bonitinho, prá que ser padre?

Passou um tempo ele chegou lá em casa. Eu só de longe ... Um belo dia ele escreveu uma cartinha para mim: “Se você concordar não precisa escrever — só o teu silêncio serve”. Eu tava com vergonha tentando escrever e não saía a tal carta. Ele ia caçoar de mim. Não escrevi e ele achou que eu tava concordando. Apareceu de novo lá em casa. Ele tava conversando e eu convido ele para dar uma voltinha lá fora. Eu disse “eu quero falar com você”. Veja só que louca que eu fui. Mas eu ainda não dei certeza. Ele morava em Curitiba, eu em Palmeira. A gente não se via muito. A gente conversava quando eu fui aprender costura na cidade na casa da minha tia. Ou quando eu ficava na cerca, na linha do trem e ele me jogava um pacote de bala. Vê se pode! Era desse jeito. Depois trocou. Meu pai resolveu voltar para Curitiba e ele tava aqui. E eu fui costurar na casa da minha tia que morava na Marechal Deodoro, lá em cima. Eles estavam morando ali nos Parolim.

Uma vez tinha um circo na Marechal. Eu com as primas e as amigas resolvemos fugir para ver o circo. Eu era a mais cacique: “vamos só ver como é que é!” Ficamos meio escondidas, mais nas bancadas para ninguém conhecer a gente. Depois os rapazes começaram a olhar prá nós. “Vamos embora daqui! Não dá mais prá nós ficar!” Fomos correndo embora. (risos)

Era um sacrifício conversar com o Eurídes. A mãe cuidava muito. A gente morava perto daonde é o Hipódromo. Eu gosta muito de conversar com o velhinho que cuidava de lá, porque tinha telefone. Eu pedia “o senhor deixa eu telefonar?” E de lá eu conversava com o Eurídes. Era o único jeito. Quando ele ia lá em casa, minha mãe punha a minha sobrinha junto: “fique cuidando deles!” Eu dava um dinheirinho para ela comprar bala e dizia “vá bem devagarinho, prá gente namorar”. Ele era bem safadinho ... Ele não me beijava muito, não é como agora — uma vergonha! Toda vida sempre tive muito medo. Todos os rapazes são assim quando estão com uma mulher. Mas eu lograva a minha mãe. A gente logra muito os pais. Ele gostava do meu pai. Meu pai trabalhava na fábrica de madeira, na parte de cozinhar a madeira. Ele passava lá para conversar com o meu pai. Minha mãe sempre foi mais dura. Não tinha camisinha naquele tempo, se tivesse talvez ... (risos). As mães agora já dizem: “pegou a camisinha?” (risos)

Lá na Colônia tinha um fazendeiro rico prá xuxu. Ele queria casar comigo. É que ele me viu tirando leite. Ele queria mulher para tirar leite. Ele queria por força casar comigo. Eu não queria trabalhar na roça! Eu era safada, sabe? A gente ia nos bailinhos e daí eu comecei a bobear com um rapaz, um polaquinho. Ele ficou louco por causa de mim. Eu disse “não, o meu pai queria que eu fosse para o convento”. Ele foi falar com o meu pai. Meu pai veio falar comigo: “se você quer namorar, namore!” Eu respondi que era brincadeira. Papai zangou, disse que não brincasse com os outros. Mas eu tinha essa história de convento ... não sei porquê! Teve um outro que eu disse a mesma coisa.

A gente casou em Curitiba na Igreja Coração de Maria, naquela praça do Ouvidor Pardinho. Aí que eu descobri o dia do meu aniversário e a minha certidão de nascimento em Campo Largo! (risos) Fomos para Ponta Grossa ficar uma semana lá, no Hotel. Depois fomos para Palmeira. Daí que a gente ganhou essas crianças todas: Dalva Maria, Deolinda Maria, Paulo José, Nilton Luís, Elder, Gil César.

Que engraçado né? Tudo isso por causa do Benedito ...

Me lembrei outro dia que eu tinha uma amiguinha que morava na Vila

Hauer. Ela tinha um namorado que trabalhava na telefônica. Todo sábado a Arlete ia na minha casa prá eu enrolar o cabelo dela. Eu já achava isso esquisito, mas enrolava. Quando eu ganhei a Dalva, o Eurídes encontrou a Arlete e disse “a Nêne ganhou a Dalva mas ela não quer mamar!” A Arlete tinha tido nenê e disse “Ah! Eu vou dar de mamar para a Dalva!” E a Dalva mamava que era uma beleza ... Eu fiquei pensando: “como foi acontecer isso aí? Ela foi me pagar com leite!” Daí baixou o meu peito, apareceu o bico e a Dalva mamava. A gente sempre deve fazer as coisas com gosto — foi uma lição que eu tive!

Antes disso o Eurídes ficou doente, ele ainda era solteiro. Ele teve de tudo. Aconteceu quando ele tava servindo o exército. Naquele tempo era uma Companhia Quadros, mas ele não precisava servir porque ele era filho único. Foi ele que quis, mas não era prá ele. Eles ficavam no mato e ele pegou uma pleuresia, que é água no pulmão. Mas ele melhorou, veio trabalhar prá cá. O Eurídes foi um rapaz que sofreu bastante. Depois ele teve que fazer uma operação porque tinha uma manchinha no pulmão. Quase mataram o rapaz. Dali ele melhorou! Depois fez outra operação — sabe o que é um corte que atravessa o ombro até a cintura? Tiraram até costela e mais tarde ele foi fazer uma revisão em São Paulo. Eu fui junto. A Dalva e a Deolinda ficaram com a minha sogra em Palmeira. O médico de lá, o Dr. Zerbini falou assim: “quem foi o açougueiro lá de Curitiba?”

Eu fiquei dentro do hospital três meses. Já pensou? Foi aí que o Eurídes chamou a freira do hospital e deu dinheiro prá ela encaminhar ele prá Palmeira, caso ele morresse. E eu não sabia de nada! No dia da cirurgia era uma sala grande com umas nove camas. Na volta eu menti para o enfermeiro, eu falei que o Dr. Zerbini disse que era pro Eurídes ir pro quarto. Aí eu fiquei atendendo dele. Na minha cama tinha uma mola estourada e eu acordava com uma dor nas costas! Eu tirei uma folha da janela do banheiro e pus embaixo do colchão. Eu não sabia que estava grávida. Mas eu estava grávida do Paulo José. Tinha uma senhora lá muito boa, eu cuidava do meu marido e ela do filho dela. Ela disse “eu vou levar você no meu médico”. E o médico disse que eu estava grávida. Ela me cuidou que nem uma mãe. Foi muito boa mesmo.

Tava bom ali, o Eurídes conversava. Ele dava aula de latim, francês e português. Tinha um espírito muito forte de não se entregar para as coisas. Ele gostava de política, se metia nessas coisas. Eu não gostava porque ele abusava da saúde dele. Ele era a pessoa que fazia discurso em Palmeira. Chegou a vereador, era muito bom pro's alunos ... Porisso que eu digo “nunca me interessei por nenhum homem porque como ele eu não ia achar”. O Eurídes morreu com quarenta e quatro anos, muito novo demais. Na flor da pessoa, já tem juízo bastante, era uma pessoa muito estudada. E a gente fica desorientada. A vida da gente depois de casada é pior ainda. Os pais seguram muito a gente e tinham que prender mesmo! Dali que ser sem-vergonha não, nunca fui, mas eu gostava muito era de brincar.

O Eurídes não me prendia nada, mas o pior é por causa da preocupação — filho, marido — a gente não tem liberdade. Eu sempre trabalhei muito. A minha sogra não cuidava das crianças e a Mercedes dizia que eu tinha que cuidar da mãe dela porque eu morava lá. Eu sempre quis dizer tudo para ela! Um dia aqui em casa, ela fez uma cirurgia e eu dizia “eu te soco na cama”. Ela não queria ser mandada, ela era muito adulada! Eu sempre ficava para trás. Mas aquele dia eu tirei tudo para fora: “eu que tô te mandando agora ...” É porque ela me judiou, ela podia me dar uma chance! Lá em Palmeira o cinema no domingo era de graça. A Mananga ia no sábado com as amigas e no domingo se chegavam as amigas lá ela ia de novo. O Eurídes ficava brabo. Eu não ia nas coisas. Quando ela ia prá Paranaguá, ficava um mês e eu com as crianças, com a minha sogra, costurava para fora ... Eu queria ter o meu dinheiro! E às vezes eu nem queria, mas daí as pessoas já vão trazendo as coisas. Mas eu gostava de costurar. Nem sei como eu fazia tudo o que eu fazia. Eu costurava e o Elder ficava deitadinho, ajeitado no chão. Eu punha um papel ou um pano colorido na roda da máquina e ele ficava olhando. Ou punha uma bexiga amarrada no dedão do pé dele. Como é que eu tinha essas idéias?! Eu atendia tão bem as crianças! E eu era muito boa com o meu marido. Fiz tudo o que fiz e fiz como achei que devia fazer!! Sabe que eu costurava até para o meu sogro? Ele comprava o pano, era casemira que ele gostava. Se fosse linho era pior para costurar. Ele levava o pano para o alfaiate cortar e eu

costurava tudo. Camisa, ceroula. Fazia até a barba dele, com navalha (risos). Cortava o cabelo das crianças, do meu sogro. Agora, do meu marido eu nunca quis cortar. Ele tinha o cabelo bonito, ondulado ...!

Daí eu comprava as coisas prá mim. Roupa, coisas que eu gostava, fazia bastante permanente no cabelo. O dinheiro foge (achando graça) mas não é bom guardar dinheiro.

Eu fazia vestido de noiva até com calda! Eu tava lembrando, como é que eu metia a cara no pano? Primeiro eu fazia direitinho o desenho no jornal, depois cortava o pano. Uma vez eu fiz uma roupa para uma mulher — um taieurzinho. Chega o Paulo, que era pequenininho, e faz um talho no pano cortado. Coitadinho, ele não sabia! Eu fui comprar outro pano mas não tinha mais igual. Sobraram uns pedaços e eu pus o bolso por cima e não cobreí da mulher. Ela gostou tanto que o taieur já tava velho e eu via ela prá lá e prá cá vestida nele. Mas a gente se esgota, vai se esgotando. Porisso que a gente fica velha!

Aniversário de criança eu fazia uma festinha sempre. As meninas, eu gostava que fossem educadinhas sempre: “chega lá, leva o presentinho, dá o beijo e depois vai cumprimentar o pai e a mãe”. O Eurídes dava mais educação. Os pais tem que estar junto com os filhos senão não adianta. Meu marido ia passear com eles, fazia pipa com eles. Ele fazia grande assim. Nos domingos a gente ia no campo. As crianças iam junto. Até as crianças dos vizinhos! E ele soltava aquele papagaio. Ele trazia de Paranaguá uns canos levianos e aquilo subia, subia! Um pai é assim, para sair com as crianças, para dar conselho, para conversar.

O Eurídes tirava uma sonequinha depois do almoço. O Gil ia junto fazer o pai dormir pegando assim, no cabelo, e daí saía devagarinho. Meu marido fingia que acordava e ele voltava para fazer o pai dormir. Quando o Eurídes saía do ginásio tinha que abrir a porta e o piá saía correndo para encontrar o pai.

Quando o pai faleceu, o Gil, o menorzinho, foi ao enterro. Depois disso ele ia a todos os enterros, aproveitava e espiava a sepultura do pai. Tinha um buraquinho e ele dizia “eu quero ver o pai”. Ele sofreu!

Hoje é só separação. Fico com pena quando se separam. Tem que cuidar bem das crianças.

De Palmeira eu não gostava porque a gente não tinha o que fazer. Eu fui ser filha de Maria. Tinha pessoas de mais idade e uma russas que reclamavam que eu faltava muito. Depois eu falei com o padre e ele deixou que eu fosse quando podia. Lá ninguém conhecia o meu nome, era Nêne.

O Eurídes era cabo eleitoral do Ney Braga. Depois que ele faleceu decidi vir para Curitiba para arrumar emprego para os meninos. O Eurídes já tinha esse plano. O Ney tinha dito prá ele “quando elas se formarem, eu coloco elas”. Só que puseram a Deolinda, daí ela desistiu prá dar o lugar para a Dalva. Demorou mais um ano para colocar a Deolinda.

Mesmo assim foi um sacrifício sair dali. Eu não aguentava mais ficar lá. A casa ficou estranha prá gente com a morte do meu marido. Via uma pessoa, via outra. Os meninos querem estudar. Pôr na casa de parente nunca é bom.

O Eurídes ia comprar uma casa aqui em Curitiba, já tava tudo certo. Esses terrenos todos era de um homem casado com uma prima minha. Aí ele ficou doente, acabou morrendo. A gente não tinha como controlar essa coisa de negócio. Eu tinha uma casa quando era noiva, ali na Gonçalves Dias, no Batel. Mas eu tava em Palmeira, ele ficou doente. Ele tinha emprestado um pouco do pai, um pouco da Caixa. Mas o meu sogro queria o dinheirinho dele. Aí ele vendeu e deu o dinheirinho pro pai.

Procurei casa por toda parte. Mas era aqui que era prá ficar. Morava aqui um velhinho com asma e uma velhinha bem morena. Meu irmão dava injeção nele e depois passou prá mim. Eu vinha dar injeção e ela não falava, não enxergava. Eu disse “que casa gozada, a gente entrava pelos fundos”. Depois morreu a mulher e o meu irmão sabia que eu queria comprar uma casa e me avisou. O velhinho tratou o preço comigo, não sei se era três mil ou três milhões, mas ficou naquele preço. Tinha muita gente que queria a casa mas ele guardou prá mim. Não era a casa, era o lugar. O lugar que era bom. Não tinha nada nessa casa. Era uma tapera, mato por tudo. Uma sujeira! Mas eu quis ficar por causa do terreno.

Eu vinha, pegava a Deolinda que tava numa casa que tinha uma porção de moças. Ela tava trabalhando como assistente social. Eu fui falar com o advogado da Caixa Econômica Federal. O Eurídes trabalhou na Caixa a vida toda! Eu fiz um requerimento pedindo uma casa para mim. Ele deu um jeito, fez os papéis e mandou para o Rio de Janeiro, para aprovarem. Depois eles deram o dinheiro pro velhinho. A gente tinha cuidado com o velhinho. Ele foi morar ali do lado do posto de gasolina. Eu disse “cuidado com esse dinheiro, tem que por no banco”.

O pessoal da Caixa me avisou “a senhora termina de pagar, depois faz outra hipoteca e a gente faz outra casa para a senhora”.

Minha sogra não deixava a gente sair, ficava chorando. Eu pensava “Meu Deus, eu vou bater a cabeça, isso não tem cabimento”. Mas não tinha jeito! Eu queria uma casa mesmo. Eu acho que é isso, né? Eu sempre dizia assim “quando eu casar eu quero a minha casa”, E foi assim mesmo. A minha sogra não deixava a gente sair de lá e depois o Eurídes ficou doente e foi assim, uma tramóia que a gente não saía de lá. Olha, até piano eu trouxe, foi uma batalha! Arrumei um caminhão e trouxe tudo. Eu acho que eu era muito louca. Arrumei uns tijolos ali fora, fiz um fogo, fiz feijão, fritei ovos, um virado de feijão e eles foram para a aula. Eu já tinha arrumado escola mas de noite ninguém tinha onde dormir. Era uma confusão. Olha, naquele tempo eu fiquei forte. Arrumei tudo lá em cima mas não sabia ligar o fogão a gás. A Dalva fez fogo no fogão a lenha que nem tava instalado, nem chaminé tinha. Foi uma fumaceira. Tinha que abrir tudo por causa da fumaça. Era inverno, fazia muito frio. Nós fazia baile toda noite prá se esquentar. Eu dançava nessa casa. Peguei um balde, enchi de carvão e acendi. A gente dançava prá se esquentar para poder ir dormir. O Gil era tão engraçadinho. Ele ia por tudo. Ele queria jogar futebol. Eu disse prá ele que tinha Sesc na República Argentina. Ele foi lá sozinho, foi conversando e entrou no jogo, ele tinha uns nove anos e já era esperto. Ele descobriu que tinha piscina na Ouvidor Pardinho, foi lá e fez carteirinha e tudo. Ele chegou em casa e me pediu uma foto 3X4. Eu cortei uma fotografia que tinha a cara dele, ficou engraçado aquela carona cortada. Deu certo, ele veio com a carteirinha com aquela cara esquisita (risos). Um dia ele caiu e

machucou a mão. Tava muito feio e o Paulo José levou ele até o Pronto Socorro. Tiveram que dar pontos sem anestesia e quem ficou ruim foi o Paulo José.

Trabalhei muito nessa casa. Gastei muito dinheiro também. Com o dinheiro dava prá fazer uma casa nova, mas ninguém queria outra casa. Essa tinha sótão!

Eu jogava soda na parede e rapava, rapava toda tinta. A parede tinha três, quatro côres. Chamei meu irmão para pintar a casa, as janelas, depois troquei até as paredes.

Aqui na frente era tudo pó. Eu ia na Igreja e tinha que levar outro calçado. Tinha marcega por tudo, aquele capim grande. Quando eu chegava na Igreja escondia o chinelo no capim e entrava com o sapato.

Quando puseram o asfalto aqui, tive que vender um terreno que o Eurídes tinha comprado lá na Vila Guilhermina. Sobrou só mormente para comprar uma TV sem cor. Era naquele tempo que tinha aquele entusiasmo do Brasil! Comprei para os meninos verem o futebol.

A Dalva dava aula lá no Capão Raso. Naquele tempo não tinha ônibus bom como agora. Tinha que descer no ponto final e andar no barro, debaixo de chuva. Tinha uma vizinha que era professora lá e eu cuidava da menina dela. Ela veio de mamadeira. Mas é que eu queria que a Maria Hermínia fosse com a Dalva. Ela me chama de segunda mãe. A gente faz pro's outros e recebe. Às vezes a gente nem percebe que recebe, mas recebe mesmo!

Eu fazia tudo: banco, pagar luz, pagar água, tudo eu fazia. Agora já não faço. Não faço porque a Dalva faz prá mim. Me bati bastante. E a casa velha, arruma aqui, arruma ali. Até agora tô arrumando.

Nas férias os meninos iam para Palmeira e eu ficava só com o Gil aqui. Quando era prá eu ir tinha um velhinho que era carpinteiro e ficava aqui. No fim ele se enforcou! Por que será?

De uma vez ele tinha que sair, ficou preocupado e pregou todas as portas. O Paulo voltou e era de noite e não achava a porta. Tava tudo pregado (risos). O Paulo ficou muito brabo! Nessa época o Zizinho morava aqui em Curitiba e a Mercedes em

Palmeira. Eles tinham casado mas ela continuou em Palmeira com a mãe. Até a minha sogra dizia “não tá certo Mercedes”, mas ela nada! O Zizinho ia todo sábado para Palmeira. O Bilú que era o cachorro ia esperar o Zizinho todo sábado no ponto de ônibus. Como é que ele sabia? Arranhava a porta e voltava para acompanhar o Zizinho. Aqui, o Zizinho morava na pensão. Teve um dia que ele ficou doente e eu chamei o Zizinho para cá. Ele morava comigo e a mulher em Palmeira com a mãe! Depois a Mercedes veio, mas custou ela se mudar. O Gil levava licor pro Zizinho na cama. Ele cantava, cantava, todo alegre. Eu pensava “o Zizinho tá ficando bom, tá esperto, tá cantando ...” Depois que eu descobri que o Gil tava levando pinga pro Zizinho ...

Eu sentia muito medo aqui dentro quando ficava sozinha, daí eu ia prá janela. Com a janela aberta eu não tinha medo.

Um dia eu tive um sonho esquisito. Vinha vindo muita água de sabão ali da Getúlio Vargas. Era muita água com aquela espumarada branca e vinha lavando a rua, daí eu aproveitei prá lavar a frente da casa. Eu lavava e dançava! Como é que pode, uma bobagem dessa?

Ana Luíza Zanetti de Oliveira

1916 – 87 anos

Entrevistas: Em 11/09/2003 – Curitiba – Paraná

Em 07/10/2003 – Curitiba – Paraná

Duração: 3 horas e 2 horas e meia, cada encontro.

4.9 ERWIN

Estou perambulando...

Não acho importante contar a minha história. Não faço diário... é tudo passageiro...

Sem jogar confete, me achei nessa terra!

Na biografia, só se ficou sabendo a mínima parte. Foi eliminado quando aparece meu fundo do poço. Pensa que cai assim de graça? Não! Não!! Foi lutado (enfático).

Mas, de tantas coincidências, quando a penúria é máxima, a ajuda divina é mais próxima — *Wenn die not am grossten, ist die Hilfe Gottes am nächsten* — é um ditado alemão.

Tantas coincidências!

Explico: eu acho que a minha mulher rezou tanto que não é possível terem acontecido resoluções milagrosas do momento. Por exemplo: nós viemos de navio — italiano — Neptunia, 37.000 toneladas. Naturalmente, classe comum. Senti cheiro de urina. Não pode num navio de primeira! Subindo no convés, achei atrás de um alambrado, dois cavalos puro sangue. Travei um plá com o tratador e depois que o dono veio, me apresentei e pronto. Era o Conde Atílio Matarazzo, na via de mudar-se para a Argentina. Mais tarde, São Paulo, fome na barriga, escrevi me apresentando para uma posição em eventuais empresas, entre outras, a do conde Chiquinho Matarazzo. Mais tarde pensei: o que pode me acontecer? Que me joguem fora, e daí?

Eu tinha 25 anos. Minha filha que tinha um ano hoje é avó de seis netos!

Nós saímos de Viena em maio de 1939.

Pouco tempo antes da guerra. Na frente veio um amigo, que trabalhava numa firma química, através da mulher dele que tinha parentes em Rio — tios — que tinham uma empresa. Seis meses depois ela chamou — “Você vai ter emprego!” Não é tão fácil, não!.

Minha mulher tinha poucas economias. Eu vendi algo, pouco que pude. Levei o mobiliário para a irmã dela, na Áustria baixa, no campo; e usei a faculdade da firma transportadora marítima de poder pagar em lira, depositando o valor correspondente na firma marítima. Saímos pela guerra e porque eu tenho descendência judaica por parte de pai. Depois de dezessete dias, o coração bateu mais forte quando enxerguei a silhueta do Rio de Janeiro! E a primeira impressão do povo brasileiro, quando, na Praça Mauá, comprei uma dúzia de bananas pintadas para minha filha e a portuguesa nos dava treze bananas!! Isso, eu não esqueço!

No navio, entabulei conhecimento com outras pessoas jovens, pagando pequenas despesas do bar com o meu depósito de “millalira”, a lira italiana, recebendo deles em moeda estrangeira — franco, marcos, dólares americanos, dólares canadenses, etc. Essas moedas (papel), escondi no taco de um sapato, que um sapateiro amigo meu tinha me feito em troca de vestimenta. No Rio, através do meu amigo engenheiro químico que me chamara, contatei um funcionário teuto-brasileiro, que era alemão. Troquei lá as moedas recebidas dos companheiros de viagem. Eram os últimos patacos e os primeiros réis.

Moramos então nós três, num sofá, um divã, no apartamentozinho do meu amigo, no Rio. Minha mulher ficou de pé durante a noite para eu e minha filha dormirmos.

Um dia, por acaso, escutei e compreendi duma meia dúzia de jovens que conversavam, que queriam fazer uma conquista primária num monte perto da Lagoa Rodrigo de Freitas. Iam fazê-la no próximo domingo. Como eu tinha meus sapatos de escalar comigo, adiantei-me e na quinta-feira subi aquele mesmo monte como primeiro. Eu sabia disso porque a vegetação no paredão era intacta, não tendo visto gente. Só lá de cima se via numa fresta, tinha sapatos e lixo da favela negra estabelecida na outra frente daquela elevação. Foi a minha primeira conquista na nova terra!! E quatro dias depois a turma, né... (ri muito).

O primeiro emprego foi em Cananéia, em São Paulo. Foi o único meio de ser aceito como agrimensor. Em oito dias eu já apanhava malária. Levaram-nos já

no tempo da chuva para uma nova estrada encalhando e sendo ajudados por uma junta de bois até São Paulo para o destino. Era uma paisagem onde as árvores tremiam mesmo com a ausência do vento. Tremiam de malária! Ninguém quis ir lá. Eu tenho entendimento. Às vezes numa roupa que eu uso acho um toco de cigarro no bolso “para nunca esquecer que era pobre”! (muito emocionado).

Em São Paulo, quando eu voltei de Cananéia na procura de serviço, encontrei um colega de viagem. Era um alemão com nada no corpo a não ser a roupa e o bandolim. Ele dormia embaixo do Anhangabaú, não podia me ajudar mas me disse: “vai na galeria com outro colega”. Procurei aquele segundo. Este falou: “eu vim porque já tinha meu emprego combinado de antemão. Mas o senhor vai lá com outro emigrante que tinha uma fábrica de chocolate na Alemanha”. Ele era judeu e tinha que fugir. Este disse: “Eu tenho uma pequena espiral que evita que o fio do telefone se embarace. Eu lhe vendo por 4 mil réis. O senhor pode vender por 6 mil réis, depois o senhor pode me trazer o dinheiro”. Eu fiz a conta. A diferença era de 2 mil réis, isso corresponde a nove vezes o bonde e um cafezinho. Usei essa especialidade amigável brasileira de convite para cafezinho. Só que eu pus açúcar, açúcar até sair a bebida do pires. Assim pude agüentar horas e horas... foi com esse aparelho que eu entrei no prédio Matarazzo para vendê-lo!

Perguntei na recepção do prédio perto do Anhangabaú. Fui informado para o décimo primeiro andar, não era. Subsolo, não. Décimo sétimo, finalmente o andar certo! Numa sala, 26 cabeças abaixadas em cima das suas mesas. Num patamar o administrador — parente, chefe de secção. Eu, ainda misturando italiano com português, mostrei o meu cartão de visita. O Sr. Ferrari chamou um tal de Sr. Sicmander — não sei, deixa assim, “vem cá, esse senhor parece que é da sua língua”. O empregado olhou para o cartão de visitas, olhou para mim, repetiu e gritou: “Sr. Ferrari, achei ele!!” As 26 cabeças levantam. O empregado, aquele, em puro dialeto vienense, me chamou de lado e mostrando fotografias de animais dizendo: “Homem, você não sabe que o Conde Matarazzo mandou o procurar no Brasil inteiro?!”

O irmão do Conde Chiquinho, o Conde Atílio que tinha mudado para a Argentina tinha mandado minha carta de apresentação, de pedido de emprego!

Sugestão do mesmo empregado: comprar um chapéu de segunda mão, uma gravata, e mandar engraxar os sapatos, para voltar lá no dia seguinte. Lá fui eu.

O Conde atrás de uma escrivadinha com anéis de puro ouro, um anel de puro diamante de mais ou menos oito milímetros de diâmetro, olhando desconfiado por cima dos óculos que nem boi zebu, mandou vir por um contínuo um enorme envelope para o gerente de sua fazenda Amália e entregando-o para levar pessoalmente ao gerente. Pronto!!

E assim houve muitas coincidências na minha vida. Isso é apenas um momento na minha vida.

Outras das vezes que tava sem emprego, eu pus um pequeno anúncio no jornal oferecendo meus serviços. Um homem de São Paulo tinha a intenção de fazer um sítio em Itararé. A coisa não deu certo por falta de braços. Ele vendeu o sítio e mesmo caboclos sem qualquer especialidade foram para Monte Alegre, onde a usina de papel — maior do Brasil, da América do Sul, sei lá — estava em construção. Pensei, onde qualquer sujeito sem gabarito tem serviço, eu também vou ter. Fui para lá e esperei a vinda ocasional da secção de agricultura me oferecendo para executar suas ordens em sua ausência. Fui aceito com um salário bem, bem medíocre, mas fiquei muitos anos crescendo com a empresa, me tornando um reflorestador apaixonado.

Logo ao iniciar-se a construção das moradias e da fábrica, pensou-se em aumentar matéria prima. Aí, nesse mister, eu mesmo no cabo do arado também fiz alguns sulcos nos campos onde depois era semeado o pinhão, afora as sementeiras em canteiros. Me lembro que nesse primeiro ano em Monte Alegre foram reflorestados 93 hectares. Depois foram 14.000 e pelo fim 43.000 hectares! Isso não apaixona? Mais tarde fui transferido para o Rio Grande do Sul, que cheguei a adorar no mesmo serviço, com responsabilidade do Estado inteiro. A política virou, me encostou; um telegrama e tinha novamente a minha posição anterior em Monte Alegre, porque lá faltou pessoal especializado.

Após nove anos as firmas costumavam despedir os funcionários a fim de não ficarem para sempre e por lei definitivamente na empresa, senão não podia mais desempregar.

Para me erguer, nos sábados e domingos eu fui para as montanhas. Aí comecei a ensinar à rapaziada a então mais recente técnica da escalada, recebendo destarte o apelido de professor que até hoje tenho. Não adianta negar, pois existem documentos. Eu mesmo tinha que fazer os pinos. Não existia. Mosquetões, desconheciam. Naquele tempo, o comandante dos bombeiros Coronel Meister que emprestou três mosquetões. É corda tamanho para amarrar transatlânticos. Não existia ainda. Assim começou o montanhismo clássico no Pico do Marumbi.

Meu amigo, engenheiro químico austríaco que me tinha chamado para cá, estava em Curitiba tomando conta duma fábrica no seminário e me chamou para trabalhar com ele. Fiquei trabalhando na fábrica secção carvão ativo, de macacão e posteriormente na oficina, até que a fábrica fechou. Foi a primeira vez que eu trabalhei aqui. Encontrando casualmente o chefe provisório da secção agricultura de Monte Alegre, ele precisou de alguém para tomar conta do reflorestamento — Instituto Nacional do Pinho — em Fernando Pinheiro.

Faz poucos anos, fui com meu genro e minha filha para Gramados, Rio Grande do Sul. Num canyon maravilhoso pudemos ver não mato mas floresta de *Araucariae Angustifollea!!* Ali chorei dizendo para minha filha: “Está vendo além do taimbé a floresta de araucárias? Aí teu pai tinha parte no estabelecimento da floresta! Mas chorei... não pude falar muito... Isso me comovia muito. As florestas de araucária em Canela ainda devem existir! Quer dizer Nora, não foi completamente debalde a minha existência! E qualquer coisa consegui deixar. E naturalmente o montanhismo técnico. Hoje está superado dez mil vezes. Mas a semente foi possível eu por em prática.

Na Igreja do Guadalupe havia um pequeno coral, sete ou oito componentes. Um deles tinha uma cerâmica. O filho dele estudava no Seminário Menor, lá perto do Mossunguê. É um lugar conhecido, não consigo lembrar o

nome, me faltam as palavras, idoso não tem jeito, eu sabia centenas de nomes de orquídeas. ...e às vezes na rua tenho que me perguntar a um estranho: “escuta, quem sou eu?” (gargalha). Eu precisava de emprego e o filho falou: “o senhor vai lá falar com o padre reitor”. Fui. Ao esperar no parlatório, folhetei um álbum onde era, entre outros, o bispo D. Helmer, austríaco, que já tinha conhecido antes. Na audiência com o padre reitor mencionei: “Não tenho protetor nenhum, nem prova das capacidades posso dar, mas no álbum encontrei a foto de D. Helmer. Esse me conhece! O reitor disse: “D. Helmer atualmente está aqui na conferência dos bispos, o senhor vem amanhã.” No dia seguinte eu tinha emprego. Isso tudo pode ser coincidência? E assim, minha filha, tem muitas na minha vida!

A felicidade é fruto de ação! Padre é missão, médico é missão, enfermeira é missão, professor absolutamente missão. Eu dava aula de tudo. Só não queria matemática e religião. Em suma, eu me achei realizado três vezes na vida: como professor (que não é profissão mas sim missão), reflorestando com imensa, com incrível, com incomparável paixão e agora na quarta juventude, no pincel! O amor para com as orquídeas me força a pintá-las!! Arte é uma coisa espontânea, que vem de dentro da pessoa. No caso especial de pintar orquídeas a exatidão exigida de um cientista me ajudou nos mínimos detalhes, pormenores, a palavra melhor é pormenores. Isso que você vê aí (aponta para a pequena galeria organizada no último cômodo da casa, com suas aquarelas de orquídeas). Posso te mostrar uma desenhista e pintora célebre nos EUA, que dá aula. Começa assim, rude (folheando a revista), para depois de seguir todos os preceitos, chegar nisso (a obra pronta). Isso tudo tem detalhes de explicação. Agora, no caso meu, que me acho mais perto de ilustrador botânico, a exatidão é exigida. Este é o atual episódio onde me acho realizado. Eu podia te contar me lembrando, querendo lembrar — que não faço — água passada não move moinho. Vamos para frente. Depressão só no dicionário. A-do-ro viver e só encontro um meio de exprimir meu estado emocional: agradecer ao acordar como ao deitar, a Deus. Menina, eu ainda conservei a faculdade sensória de sentir alegria: um pôr de sol como ontem, uma vista de um terreno abandonado na sua multitude vegetal

incrível, talvez só igualizada em Bornéu. Lá também tem isso aí. Qualquer coisa chama atenção, qualquer coisa da natureza me chama atenção, especialmente não sendo destruída pelo pior predador da natureza — homem. Ontem — eu não possuo máquina fotográfica — mas ontem era uma conformação de nuvens, que em 91 anos eu não tinha visto. Eu tenho ainda essa faculdade, ainda não perdi de enxergar isso. Minha bisavó não era rica, era riquíssima! Ela pintava. A filha dela, minha avó, pintava em porcelana. Ainda encontrei, num móvel antigo, numa gaveta secreta, duas mãos cheias de ouro em pó para pintura. Meu pai era um carrasco na exatidão em desenho. Uma tia minha era professora de escultura. Meu bisavô morreu com 100 anos, com 94 ainda tocava piano. A minha neta tirou 10 em interpretação de música brasileira. Ela tem ouvido absoluto. Os bisnetos já escalam. Daí é fácil deduzir a partir da genômica — o genoma. Foi assim.

Um homem hoje, também um homem velho, me manda fotografias de montanha da década de 60. Eu já era velho!!

(Somos interrompidos por Krefta, ex-aluno seminarista de Erwin, que veio lhe trazer um vaso com orquídea. Houve um acidente na composição do adubo no herbário e Erwin está em fase de reconstrução deste). O Krefta — mesma coisa que fosse filho! Assim tem mais alguns, gerente do Banco do Brasil, outro tem uma loja de livros, outro tem uma belíssima casa perto de onde moro, de madeira deitada; outro tem uma loja de armarinho e presentes... vai, assim vai indo. E todos me visitam ainda. A minha cabeça, nem o meu corpo, é computador. Eu assino *Ciência hoje* para saber o que vai ser amanhã! Para não ficar reduzido ao passado. Viver agora, cada dia num espaço de tempo hermeticamente fechado. Eu li isso. Esqueci de qual escritor: passado — deixa, futuro — sonhe e execute. Com trinta e cinco mudanças devido as profissões que eu tinha, não era possível ter uma família grande. Me perguntaram: “por que não vende a toca e vai morar com a filha?” e eu respondo? “Nessa toca, nesse *chateau*, cada canto me lembra minha Fany, que me agüentou 53 anos. (Vamos à varanda da cozinha). “Esse pinheiro, a Fany plantou, cuidou daquele, esse xaxim não quero que corte...” (Erwin tem no quintal um pedacinho da mata Atlântica).

Em Curitiba, na busca de emprego, minha filha estava estudando aqui no Colégio São José — tinha uma protetora, funcionária pública, de uma família de destaque intelectual. Esta moça me encaminhou para uma agência de empregos que por sua vez me contatou com uma firma de livraria e representações. Fui aceito e fiquei muitos anos. E a moradia? O Cônsul austríaco naquela época era o sr. Máximo Kopp. Ele precisava de um caseiro. A secretária dele engrenou nossa moradia na propriedade do Sr. Cônsul, no Batel. E daí, após anos e anos de trabalhar nas Representações Braun, então trabalhei alguns anos com eles também na Colônia dos suábios e danúbios em Guarapuava, como secretário do presidente. Fiquei profundamente entrelaçado com a produtividade desse grupo de alemães. Eles ficaram anos no mundo como uma minoria não benquista, mas aqui eles se tornaram uma força na produtividade agrícola. Tinha muitos eslovacos que vinham para o tempo da colheita. Eu aprendi o theco na academia consular. Além do alemão, eu falava o francês e o italiano que me ajudaram no português. Isso são *spots lights* de minha vida.

Eu sou muito andador. Meu joelho tem artrose. Dói. Mas encontrei em Itajuba um farmacêutico de nome alemão Oscar Scholtz e ele me indicou esse remédio Movacox, em jejum. Deu resultado. Eu fiz questão de escrever para agradecer e falar dos resultados e escrevi a mão porque é mais pessoal, e depois dei um sem número de conselhos pois o moço estava curioso em conhecer montanhas nos Andes e eu estive nelas em Argentina, Peru e Chile. Agora já posso fazer as minhas caminhadas diárias de duas horas e meia por dia. Se não fosse isso, eu não tava aqui, tava nas montanhas. Como o ouvido, o tátil também se perde. Mas a memória é o pior. Até os 80 foi, depois cai assim, vertiginosamente. Não é coitadinho! É assim mesmo, isso é normal.

Diz um dos maiores escritores que dá conselhos para os ricos e poderosos. Ele diz para fazer projetos para cem anos e executar hoje como se fosse o último dia. Como não posso mais subir montanha (após 83 anos de atividade turística), pensei em alugar um helicóptero para me deixar e trazer de volta junto com um amigo para tomar conta de mim, com a finalidade de pintar o lado inverso do Pico do Paraná, que nem

fora ainda fotografado. Não é verdade, um moço fotografou especialmente a meu pedido, mas não me serviu. Como ponto final da atividade artística (esboço). Eventualmente voltar pela terceira vez ao Machu Picho.

Conforme o diretor do nosso Jardim Botânico, Gert Hatchbach, não possuímos nenhuma planta de Fernando de Noronha. Vale dizer que nós já temos um acervo de 75.000 espécies, o que constitui o segundo maior na América do Sul. Esse pode ser mais um projeto importante.

Pecuniariamente não é possível pela aposentadoria, pois um terço vai para assistência médica — Unimed, outro terço em remédios e compras domésticas e outro terço para uma pérola de 53 anos que cuida da casa e ainda transplanta flores que trago do mato e ainda traz feijão de casa já pré-cozido e faz batata doce. Ela é como uma filha para mim.

No Brasil imposto disso, imposto daquilo que obriga o jogo de cintura. Na Áustria é diferente: através dos consulados procura-se os súditos ou antigos súditos para ver em que estado estão. A atual vice-cônsul foi atrás de todos os emigrantes para ver o estado deles e encomendou imediatamente para fazerem requerimento. Resultado: recebo auxílio da minha antiga pátria para poder comprar sorvete e pipoca o quanto quiser — no momento eu não tenho preocupação monetária. Isso acabou!!

Você pode terminar assim: “o paradigma da minha quarta juventude é mostrar ao próximo o bem querer. Nisto acho ter redescoberto pela milésima vez o mesmo fundamento do hinduísmo, do budismo e do nosso cristianismo esfacelado — o grifo é meu — a saber: amor ao próximo!”

Amiúde perguntam
Porque eu pinto
Primeiro, a realizar-me eu sinto
Depois, na artística celeuma
Não prejudico pessoa nenhuma
Finalmente, alegrar outrem lhe faz censo?
Argumentos a mais minha filha
Dispensio.

Erwin Gröger

09/08/1912 – 92 anos

Entrevista: Em 14/02/2004 – Curitiba – PR

Duração: 3 horas e meia.

Testemunhamos a subversão em ato — a história ganhando espaço em maremotos de memória, raptando o próprio velho em aragens inesperadas. Esse olhar para trás, com a legitimidade que imprime uma testemunha, é único! Tem volume — o volume de uma vida, uma trajetória desenhada passo à passo, os tais sulcos que a fricção com a realidade impõe.

A mágica é inevitável e nos sentimos tocados. A voz que descola do relato e se adensa, exige de nossos ouvidos uma abertura que escapa a vivência etária. Esse intervalo que nos cinde abre possibilidades para ouvirmos na contramão das configurações sociais que sinalizam o óbvio da relação entre pares: a sincronicidade do tempo, as prospecções para o futuro, o investimento do presente como projeto — cinco anos, dez anos, aposentadoria — contabilidades. Desde que nascemos, pautados pelas instituições sociais que tem no norte o amanhã, e ainda mais num país que é do futuro; como ficamos quando o futuro é agora, o corpo é outro, as pessoas distantes, ou, pior, condescendentes?

Estamos afinal falando de vida, de como as pessoas a vivem. Então, inesperadamente espiamos por uma fresta bachelardiana e entrevemos existências tornadas reais que, ao circularem nos campos público/político potencializam a nós todos o viver. O “até” das gerações, a linhagem que circunscreve a identidade. A vida se faz disso: um estar no tempo e no próprio corpo, entre homens, exercendo uma responsabilidade pelo que se deseja, desenhando histórias. Povoando com a letra que vivifica a linguagem, esteio de todos na materialidade do mundo. Materialidade em Marx (1967-78) que apreendeu o movimento transformador do trabalho que muda o mundo que muda o homem. E narrar é trabalho — exaustivo!

Dos relatos, nós queríamos o impacto. O impacto da voz que exala do corpo vertido, gasto, exigente; que performatiza a veracidade das palavras, das canções, das notícias d'antanho. O humano que inventa a história um dia depois do outro e agora revisitando, a constrói ainda.

Temos espaços de memória que se entrecruzam, numa narrativa e outra. E não só em suas falas, também em nossos arquivos. Temos informações que nos avizinham com a cidadania, com a solidariedade, com os percursos escolares, as comemorações e as traquinagens. Temos o trabalho, as crenças, as escolhas, as interpretações e as decisões. Mas elas nos ultrapassam! Essas narrativas criam um impacto com o existir — dádiva — vidas vividas com começo, meio e fim e ainda um tempo de prorrogação. Para alguns, desejado — há muito o que fazer! Outros, estupefatos, encontram-se com desafios para concluir. As vozes, distantes de sua musicalidade apenas sugerida — poderosas — não revelam a fragilidade do corpo, a lentidão do movimento, a postura arqueada, o passo vacilante. Mesmo porque, em cumplicidade com o olhar e com a própria voz, elas anseiam por comunicar/viajar e vigorosas, enchem a cena com autoridade. A exposição das humanidades nessa amplitude do ato ao destino tange o sítio da poesia, da arte. Esses narradores velhos tocam, cada um a seu modo, a fronteira mítica, alegoria de qualquer vida conjugada por um sujeito.

As narrativas desenvolvem-se numa multiplicidade de sentidos: o que vela, o sub-reptício, o que comunica, o que sugere, o idealizado, o poético, o discursivo, o mítico, o intencional. Como todo ser falante, o velho diz além do que quer dizer, as falas tocam o íntimo e o público, o sabido e o não sabido, revelam nessas dicotomias a natureza bífida da linguagem, a bricolage da comunicação. No rastro do que é dito, algo descola — a nossa própria voz que se faz ouvir.

Sem isso, não podemos exercer em nossas vidas a autoria, a apropriação de sentido que nos apresenta ao movimento da vida, do amor ao laço, o desfrute e o desafio do que já conhecemos.

Mais que uma utilidade, a velhice é a possibilidade de nosso encontro com a

história — a realidade que fundamos ao sermos engendrados por ela.

Mais do que uma etariedade, aprendemos que a velhice é uma ética — trata-se dos deveres do homem para consigo mesmo e para com a sociedade.

5 A VOZ – CONSTRUÇÃO DE CORPO E ALMA

**Minha mãe cozinhava exatamente
arroz, feijão-roxinho, molho de batatatinhas.
Mas cantava.
Adélia Prado⁵**

A voz, seguindo WACQUANT (2002), vamos chamá-la “Corpo e Alma”. É a voz na sua qualidade de tecelã — autora da trama, tecido social. A voz como movimento gerador do ato — metamorfose que o humano engendra na mundanidade, agora com Arendt (2001) — constructo do homem que o contém além do ambiente meramente animal. Esse toque de Midas, puro ouro a adular toda presença que a vida aninha no planeta e promete fora dele. A voz que ecoa na pluralidade, relegando o singular ao exílio do mundo. A voz “na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, a história”. (ARENDR, 2001, p.16-17)

Ainda, a voz que, atravessando a própria sombra do homem, dirige-se a um deus, na ânsia de reverter a função investigativa da natureza humana, de sujeito a objeto, de um “quem” à um “que” (ARENDR, 2001, p.18). Como Enrique, desde muito pequeno sulcado com signos marcantes: o pai-bom-figura, esculpido com rigor numa imagem sedutora e leviana, retraduzido infinitamente pelas placas das estações que lhe apresentaram os sentidos precocemente; os sobrenomes, porcelanas e professores com títulos que designam importância e reverência; o homem no bronze, sujeitos da história, atores sociais de práticas e efeitos reconhecidos, enfim, ele próprio, um protagonista que responde a desafios no trabalho, da ultrapassagem pouco auspiciosa à galhardia profissional de bom talhe e o lugar pelo qual o humor pode traduzir o trágico em pitoresco, reservando-lhe na linguagem a letra minúscula —“a causa pela qual o sujeito se identifica com seu desejo”. (LACAN, 1985, p.186).

A voz que não se intimida diante da covardia do Homem em suportar o ato

⁵ “O coração disparado”. Rio de Janeiro : ed. Guanabara, 1987, p.28.

que o atravessa, denunciada por SHAKESPEARE (1564-1616), em *Rei Lear* (1997): “Canalha, covarde, a natureza te renega; foi um alfaiate quem te fez?” (p.50) *Rei Lear* é uma advertência de em que medida o homem pode ser capaz de dimensionar na sua vingança, o ódio à condição mortal que lhe é própria. O rei velho decide que é tempo de gozar e embevecido com sua vaidade em dispor sobre tudo e sobre todos, constrói uma armadilha cujo único fim é testemunhar para a posteridade o fracasso da soberba. É claro que ele se deixa enganar pelas belas palavras que testemunham um amor fácil, que não tem o lastro do ato. A voz que não é encarnada na ação, que não é assegurada na carne alfabetizada pelo contrato social; essa voz não passa de artifício de ventrílogo, emprestando o som à uma boca vazia, de bordas rijas e movimentos mecânicos. Deixar-se enredar é um crime contra a ética que enlaça os homens. É incitar o inominável da natureza para que arrebate a todos, já que a própria vida lhe falta. *Rei Lear* incorpora a lei e lega para a humanidade o branco devorador das inscrições de sua descendência. Mais uma vez a genialidade de Shakespeare desvenda a alma humana, revelando nossa condição que não pode prescindir da atenção atualizada sempre, e mais uma vez. O homem deve responder pela vida que o habita. Esse tempo é perene e cobra com voracidade a palavra dada. O compromisso do homem com a voz o recoloca sempre a responder pelo ato que o causa como ser político que habita laços entre homens.

A voz que, insiste em comunicar a beleza. No caso de Mozart (ELIAS, 1995), um gênio construído para vencer as escalas sociais da aristocracia de corte, refém do período de transição que caracterizava a época — da arte de artesão sob encomenda à arte de artista sob criação. Mozart solta a voz na tensão entre burgueses e cortesãos, emprestando à pluralidade sua figura, numa representação de escárnio e verdade. Uma década depois, Beethoven usufruiu desse “deslocamento civilizador” (ELIAS, 1995, p.136) como produtor de arte. Mozart, um personagem de história e de sua própria vida. Tal como Baby — a oitava de oito irmãos — que, educada no exterior, não encontra na fazenda a mínima possibilidade de interação. *Não que eu não gostasse... mas era muito diferente*. Na primeira oportunidade, Baby voltou à Europa,

estendendo-se em um tempo que ainda hoje não compreende — 30 anos!! . Espanta-se com sua independência, a caçula. *Aqui não teria ambiente para viver o que queria viver*. E o que lá era possível viver, aqui não é possível dizer. Baby chama isso de solidão: não há mais a quem dizer. Sua voz se cala. Baby cede — agora é com Deus! Como Mozart com a morte. E ao final, Baby se lamenta: *Não sei porque falei tanto! Não é bom, falei demais; eu sou tão calada!* Novamente um tempo que escorrega sob o prisma de ELÍADE (s/d), alheio aos ponteiros do relógio, sabotado pela voz, que, soberana, determina o desfrute do laço, ultrapassando o projeto asceta de Baby ao servir a irmã. Baby mais uma vez rendeu-se à voz. Baby esteve em boa companhia. Ela tem esse talento. “A voz, ouvida e proferida, desaloja o homem do corpo biológico, que lhe é determinado como residência no espaço e no tempo, e faz com que ele habite a linguagem”(VASSE, 1997, p.16).

Mas Argentina testemunha o íntimo elo de contrato entre esses dois fundamentos: quando seu corpo quebra, é desalojada. Ela cai numa ignorância que impede o movimento generoso de seu estilo. *Eu me sinto burra!!* . Logo ela, mulher de arrojo, decidida, transpirando confiança na vida: *Nosso casamento foi engraçado...* Mulher dos jogos, dos humores, das posições — *Eu não sou preconceituosa a respeito de coisa nenhuma. Mas sou contra essa autoridade que manda porque manda!!*

Argentina habitava a linguagem carioca: *Eu morava perto do morro do Turano. Tinha muito pé de goiaba e manga. Minha lavadeira morava lá, a cozinheira morava lá, o guarda noturno morava lá. Éramos amigos!* O Rio era chique, despojado, tinha beleza. Essa beleza necessária à Argentina, de mobilidade. É a isso que ela dá o nome de amor. É nisso que foi afetada — mais que no corpo, na palavra. Argentina define velhice — seu nome é paralisia. Mulher de viagens bachelardianas, sua poesia não está na letra e sim nos laços que a sua alma livre de criança que pode cair acolhe, convida, compartilha. Mas o tombo de hoje, que a recoloca no seio da família, também a transporta para aquele branco... Tão branco como a neve virgem que não acusa nem mais as pegadas. Para Argentina isso é uma dor de cabeça!

A voz relaciona-se tanto com a palavra que o sujeito da linguagem articula, no raciocínio do discurso, como com o corpo biológico cujas múltiplas articulações tem a função de emitir ou de receber, de fazer ressoar. Assim compreendida, a voz se situa no entremeio do orgânico e da organização, no entremeio do corpo biológico e do corpo da língua ou, se quisermos, do corpo social. De tal maneira que nem o corpo biológico nem o corpo da língua poderiam ser pensados sem ela, embora esta não pertença propriamente nem a um nem a outro. A ordem que ela instaura entre os sujeitos, na junção das duas ordens precedentes vem substituir o vínculo do sangue umbilical, e é por ela que o sujeito falante se encontra constantemente re-ligado, de um lado, à particularidade do seu corpo e do seu sangue, à sua história, e do outro, à universalidade da linguagem e dos sujeitos que falam à humanidade” (Vasse, 1997, p.17-18).

WACQUANT (2002, p.11), no prefácio de *Corpo e alma*, ao expor sua metodologia na apreensão do boxeador como agente social — “um ser de carne, de nervos e de sentido... que participa do universo que o faz e que, em contrapartida, ele retribui para fazer, com todas as fibras de seu corpo e de seu coração”, autoriza-se um mergulho como iniciante, no que chama de Cosmo desse ofício do corpo. “A sociologia deve se esforçar para capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, particularmente espantosa no caso do pugilismo, mas na verdade partilhada em graus diversos de visibilidade por todas e por todos, através de um trabalho metódico e minucioso de detecção e de registro, de decodificação e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social” (WACQUANT, 2002, p.11). Na seqüência de seu texto ele nos convida a partilhar e testemunhar o processo de transformação que o toma e a outros — do trabalho do corpo à ética incorporada. Sua eloqüência esmera-se em odores, carnes, regras, sabedoria e sons. Ao acompanhá-lo reconhecemos a legitimidade do homem entre pares, o consentimento, o reconhecimento, o pertencimento. Distinguimos também a voz que significa, que circula direções em que os sujeitos se deslocam para fora de si mesmos, na palavra enviada ao outro. Imersão no discurso.

O Clube de Boxe está encarapitado num gueto afro-americano ao sul de Chicago, em “espetáculo surpreendente de um tecido urbano e social agonizante, de degradação contínua e de profunda segregação racial e econômica... com mais de 1/5 da população abaixo do limite oficial de pobreza”(p.35). Pertencendo a esse cenário, o

clube mantém-se fora dele com todos os recursos disponíveis pela cultura da violência: barretes de beisebol para rechaçar indesejáveis, grades, portas de ferro, aparência de abandono, histórias de tiros, facadas, roubos e mortes, cadeados e lixo. Dentro, o salão oferece um lugar de sociabilidade protegida... “como uma segunda família” (p.44). Os frequentadores enaltecem o caráter de engajamento em algo que os imuniza da criminalidade. “O boxe me tirou do meu buraco e fez de mim uma pessoa de valor. Sem ele ou eu estaria vendendo heroína, ou estaria morto ou na cadeia” (p.45). Essa “vacina” processa-se mesmo ao estilo do veneno de cobra: tanto mais eficiente quanto mais se aproxime do combate e das qualidades viris. Construir o corpo como uma arma e usá-lo como uma arte, eis a experiência de liberdade que o boxeador cultiva.

A diferença do medo do herói e do medroso, é o modo como o herói reage à ele. Uma diferença que não é inata e sim capacidade adquirida com vigorosa disciplina que reverbera no coletivo. Num circuito anodado de lá e cá. Dar relevo a essa química da trama que acolhe os homens, desse Cosmo que de tão particular explode em universalidade, atesta a exortação de BOURDIEU (2001) quanto a ordem social [a voz] inscrever-se no corpo e ainda, a dimensão necessariamente trágica que é intrínseca ao binômio corpo e alma. Sem esse despojar de saberes fáceis, de posições politicamente corretas que dão cobertura a atitudes levianas e bem intencionadas, não há possibilidade sequer de tocar algo da verdade aninhada no entrelaçamento das forças materiais e simbólicas que constituem a aliança entre homens.

WACQUANT (2002) não faz concessões. Para o boxeador formado, não há separação entre teoria e prática. O adestramento corporal realiza uma fusão entre o mental e o físico. O que a princípio pode parecer pressão cultural, revela no momento seguinte uma transformação: o corpo é cultura — o boxeador “pensa” com o corpo — a voz transpassa o corpo alterando sua natureza original. A voz de DeeDee, o treinador, a voz do corpo na respiração, no odor, nos movimentos, nas trocas com o espelho, no vislumbre dos corpos, ritmos, os comentários, a linguagem, a solidariedade, a dança.

“Por ocasião dos encontros de amadores, reconhecemos imediatamente os noviços, com seus gestos mecânicos e apressados, com suas combinações teleguiadas

e lentas, cuja rigidez e o academicismo traem a interferência da reflexão consciente na coordenação dos gestos e movimentos”(WACQUANT, 2002, p.118). Quando é a informação que domina as regras; as receitas, os conselhos, a racionalidade, a consciência — o corpo segue, vazio. Quando os sinais, as mesmas regras e informações — o espírito do boxe vivido no corpo, são presentes — então estamos no campo da ética: “a decisão é tomada no ato propriamente de agir” (WACQUANT, 2002, p.118). A beleza dessa apreensão reside na captura do conceito num axioma: “o boxe é movimento, é o movimento que conta”(WACQUANT, 2002, p.121). Como resguardar essa identidade numa lista de procedimentos? Como aprisionar uma ação na letra que já é voz em ato, sem incorrer na traição de um jabe que não sai sozinho, mas com a sincronia do pé afastado para assegurar o equilíbrio do corpo, mais a postura da cabeça e o endereçamento do olhar — oco ou de ameaça — deflagrados na exata medida que o jabe o certifica?

Ao contrário do boxeador de WACQUANT (2002), o corpo do velho atualiza desapropriações funcionais, rompendo o “conjunto de mecanismos corporais e de esquemas mentais (antes) estreitamente imbricados”(p.34), abrindo uma cisão entre o físico e o espiritual, inaugurando um descompasso visível no passo trôpego, descaminho que dilacera o encontro construído entre o indivíduo e o coletivo.

Claude OLIEVENSTEIN (2001, p.11) testemunha em *O nascimento da velhice*: “Vivendo com mais jovens, você se dá a ilusão de uma certa imortalidade, de uma proteção contra a morte. No entanto, o corpo está lá, esse velho amigo-inimigo com o qual a luta foi incessante, às vezes no prazer, outras, no ódio”. Para Olievenstein, envelhecer é edificar o isolamento, num processo que se inicia muito antes do que se imagina, situando o tempo, como ELIAS (1998), numa grande configuração de relações em que os anos passam — “não se sobe mais a escada de quatro em quatro degraus. Simples desaceleração, no início, o envelhecimento nos leva insensivelmente a nos arrastar na retaguarda, para um grupo de amigos” (p.11), redes cúmplices no silêncio quanto aos signos de decadência, angústias e limitações. “As fraquezas juntam-se umas às outras, deixando-nos cada vez mais diminuídos, um

pouco mais sós, como se uma barreira invisível nos separasse progressivamente dos outros” (OLIEVENSTEIN, p.11). As primeiras mortes se insinuam, inscrevendo no pequeno gueto circunscrito pelo pacto de não-querer-saber-disso, os documentos, limitações, em princípio invisíveis como o tráfico de heroína no além das fronteiras do Clube de Boxe de Wacquant. Todos sabem e não é dito. “Mas a morte dos pais, protetores imortais que pela lógica ocupam o primeiro lugar na fila, decreta a inexorável coerção que é também de natureza social, exercida como pressão do grupo sobre o indivíduo, potencializando a fuga dos anos nos calendários. Então, o que queríamos dissimular de nós mesmos impõe-se à luz da evidência: nosso próprio desaparecimento está anunciado. Somos o próximo na ordem lógica das gerações. Somos nós o velho, a partir de então” (ELIAS, 1998, p.12).

Celso viveu essa configuração: *Eu sobrevivi aos meus contemporâneos. Acompanhei a morte de alguns deles. Eles consentiram.* Também ele como Olievenstein e Argentina, associa a proximidade da morte com o estancamento do corpo: *de um ano e meio para cá, mais ou menos, as coisas pioraram para mim. Eu não consigo mais andar na rua... Eu tô mais perto da morte... Estou achando que todo o esforço não mudará o destino.* “Assim, ao longo do tempo, o universo se encolhe. A velhice apodrece seu homem, sem trégua nem descanso.” (OLIEVENSTEIN, 2001, p.18). Nos contatos telefônicos e afinal pessoalmente, Celso inquiriu longamente sobre os objetivos da entrevista. Chegou a nos disponibilizar uma autobiografia que já estava escrita: *Está tudo ali, você pode levar!* Mas na realidade, não foi necessário convencê-lo. Apenas solicitamos o seu relato espontâneo, a sua voz. Celso queria dizer! A vida, ele a apreende na inquietude, no trânsito e no destino: *As coisas sempre caíram pro meu lado.* Seu humor é impagável e ele reveste em “acidentes” suas conquistas e méritos e talento — inequívoco prazer — de laços e leituras entre homens. *Idéias ao vento*, pontuam a ele, na medida em que lhe retornam, que as mesmas coisas ditas tantas e tantas vezes, de tantas maneiras, iluminam sua singularidade e também um plano que o ultrapassa. Celso fala de um lugar em que vislumbra o silêncio. “De minha morte só os outros podem falar. Posso contar a minha vida através das recordações

minhas e daqueles que me foram próximos, mediante documentos, cartas e diários. Posso contá-la até os últimos minutos. Não posso contar a minha morte. Só os outros podem fazê-lo... Minha morte é imprevisível para todos, mas para mim é também indizível” (BOBBIO, 1997, p.36-37).

LACAN (1985) constrói uma analogia entre a figura do cilindro e o corpo humano, ambos vazados de ponta a ponta constituindo o que se pode pensar em entrada e saída ou espaço de passagem — da boca ao ânus, por exemplo. Essa imagem suscitada pela descrição da figura geométrica possibilita a idéia de trânsito, em termos físicos de ar e som e em termos simbólicos — da palavra. A idéia de que a palavra emitida em ondas sonoras atravesse o espaço aberto contido pela figura do cilindro, permite visualizarmos o ar como o espaço dos outros, “o lugar onde interferem os sons, os olhares, o toque... É nessa rede de significantes que o corpo vem se ligar... compreende-se assim, que a linguagem não é aqui, uma abstração imaterial..., mas corpo mais verdadeiro do que a materialidade opaca de um organismo sem significância” (VASSE, 1977, p.78). A voz, modulação física que atravessa os espaços, banha os sujeitos de cultura, alfabetizando-os no espírito de sua época. É nesta materialidade social que se efetiva, na velhice no Brasil, uma ruptura de linguagem, quando a palavra velho é degradada pelos ditames do consumo do pós-moderno, do supérfluo, do tempo virtual, da ignorância. O velho não tem mais nome, não tem mais voz e não tem, ironicamente, mais tempo social (ELIAS, 1998). O velho é apenas um corpo abandonado pela palavra, que padece, que desmancha, resgatado lentamente pelos números. O velho refém do tempo mítico está aprisionado na não-história abolida pela racionalidade e vaga no silêncio do sem sentido, numa vida física prolongada cientificamente, abortada da vida simbólica e social.

“E, contudo, também hoje existe uma retórica da velhice que não assume a forma, aliás nobre, da defesa da última idade contra o escárnio,...., com uma forma disfarçada e aliás eficientíssima de *captatio benevolentiae* dirigida aos eventuais novos consumidores. Nessas mensagens não o velho, mas o ancião, termo neutro, aparece bem apessoado, sorridente, feliz de estar no mundo, porque podem enfim desfrutar de um tônico particularmente fortificante, ou de férias particularmente atraentes. E assim ele também se transforma em um celebradíssimo membro da sociedade de consumo, trazendo consigo

novas demandas de mercadorias, bem-vindo colaborador da ampliação do mercado. Em uma sociedade onde tudo pode ser comprado ou vendido, onde tudo tem um preço, também a velhice pode transformar-se em uma mercadoria como todas as outras” (BOBBIO, 1997, p.25-26)

Mas, segundo OLIEVENSTEIN (2001, p.49), “não há tempo sem interlocutores” e a experiência e os relatos confirmam, está vivo o homem que quer dizer. Zezé consegue travestir as mais inusitadas situações em referências domésticas: *a irmã Marieta me tratava como seu eu fosse sua filha*. Tomou como herança paterna o cuidado com a família, a confiança nos laços de parentesco nesse mundo e fora dele, sentidos de linguagem, portanto mundanidade. Zezé mantém com sua história uma relação de presença que impressiona. São raros os momentos em que a memória a trai. Essa segue atualizada no relato, guiada pela voz, aprovada pelo pai: *ela sabe o que faz*. Autorizada, Zezé experimenta: *tirei dez em todas as matérias, gostava muito de estudar, de aprender*. Eleita, envolvida em laços especiais, enfrenta o rigor das freiras alemãs e nazistas, o medo do “Burro”, a linguagem do corpo no descompasso com a cultura do colégio. Ela é também eleita pela Vida e pela Sorte. *A Jaci morreu e eu e a Isolde sobrevivemos!* Mais do que uma herança, seu destino se consolida: sabe o que faz, sabe decidir, sabe sobreviver. Reconstitui na sua vida com Wilson, a cultura doméstica da fazenda. E na sua vida sem Wilson os laços de parentesco se alargam, Zezé redimensiona suas relações. Com a morte do filho a herança paterna transmuta-se em missão: *Ele fez uma grande viagem. Ele vai ser seu guia, você tem que se preparar, você tem uma missão a cumprir!*. Zezé navega numa densidade de discurso que a situa no sentido da vida. Essa verdade que a mantém exige dela rigor e trabalho. Zezé responde por essa história. “A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade. Reflete a nossa visão da vida e modifica nossa atitude em relação a ela, segundo a maneira como concebemos a vida: como uma montanha inacessível, um rio lento, uma selva onde vagamos incertos, com serenidade ou melancolia, sabores de vitórias ou lembranças persistentes de derrotas” (BOBBIO, 1997, p.29-30). Zezé mantém nessa escolha uma convivência marcadamente intergeracional. Acompanhou a inclusão social da filosofia

espírita, da marginalidade cultural à centros acadêmicos. Abriu sua curiosidade insaciável às culturas orientais praticando yoga, meditação e mesmo a invasão laranja de Rajynishi. Cercada de jovens e motivações de “ampliação da consciência”, Zezé — camaleoa parece combinar com qualquer coisa, menos com isolamento ou choque de geração ou pudores excessivos. Zezé é uma mulher bonita e comunicativa, interessada e solidária. Diante dela, não há a menor possibilidade de se pensar em terceira idade ou “naquele tempo”. Zezé habita o presente: *essa história continua porque eu estou firme, aqui.*

A ética decorrente da necessidade e da origem dos enlaces em que Zezé imprime a sua missão, tem uma familiaridade com a transmissão do habitus (BOURDIEU, 1987) de pugilista como retrata WACQUANT (2002, p.145), no sentido duplo de corpo e alma, ação em simultaneidade, que configura um “sentido de honra” fundado sobre a confiança de uma herança e sobre a idéia tácita de pertencimento a um universo específico, de que cada qual deve pagar com sua pessoa, que não deve tentar abreviar, não deve trapacear com o corpo ou com o esporte buscando inovar com métodos ortodoxos. A carnalidade que acolhe as regras que sempre existiram: moral do trabalho individual, do respeito mútuo, da coragem física que nada mais é do que a presença no tempo; da humildade, atitudes que afastam a intenção pedagógica no sentido de abrir um viés mais verdadeiro que é a troca entre homens. Esse comportamento que afasta a burocracia do esporte — assistentes especializados, estatísticas, condições especiais, vídeos — legitima a consciência de “combater o meu combate”, forjada no viver o *Gym*, o sistema de relações no pequeno ambiente que fabrica o boxeador. Aqui não se pensa em talentos especiais, mas no verdadeiro efeito de construção que o trabalho efetiva. Existem poucas práticas, na opinião de WACQUANT (2002), nas quais a expressão “pagar com sua própria pessoa” assuma um sentido tão específico de dever.

Nesses últimos anos o limiar da velhice deslocou-se em cerca de duas décadas. Aqueles que escreveram obras sobre a velhice, a começar por Cícero, tinham por volta de sessenta anos. Hoje um sexagenário está velho apenas no sentido burocrático, porque chegou à idade em que geralmente tem direito a uma pensão. O octogenário, salvo exceções, era

considerado um velho decrépito, de que não valia a pena se ocupar. Hoje, ao contrário, a velhice, não burocrática, mas fisiológica, começa quando nos aproximamos dos oitenta...o deslocamento foi tamanho que o curso da vida humana, tradicionalmente dividido em três idades, inclusive em trabalhos sobre o tema do envelhecimento e em documentos oficiais, foi prolongado para aquela que se convencionou chamar de ‘quarta idade’. No entanto, não há nada que melhor comprove a novidade do fenômeno do que constatar a inexistência de uma palavra para designá-lo. (BOBBIO, 1997, p.17-18)

Mananga conta, infantil, com a voz de dantes, *meu pai dizia — era muito engraçadinho — podem me chamar de feio, de ruim, mas não me chamem de velho. Justamente por ser uma pessoa idosa é que tem valor! Já viveu, já trabalhou, já sofreu! Eu sou antiga, mas graças a Deus, a gente tem os problemas da gente, perde pai, perde mãe, um avô, uma avó; mas sofrimento mesmo a gente não pode se queixar. Ter um problema é uma coisa, mas a gente tem que enfrentar os problemas.* ZUMTHOR (2000), em Performance, recepção, leitura, um estudioso das poéticas da voz, aporta-a “como suporte realizador da linguagem e como fato físico-psíquico próprio, ultrapassando a questão lingüística” (p.13). A postura de Mananga é inequívoca, ela é a própria rememoração! Como resposta à pergunta “Você quer me contar a sua história?” já apruma um verso, saboreando a rima e a circularidade lúdica de um tempo que na atualidade reflete o universal: *A minha é a história de qualquer vida! É como qualquer outra...* A idéia pactuada de que se passa assim mesmo com todos. E ainda, na rabeira do folguedo de criança, engata um conceito de reconhecimento do exercício de viver — uma luta, portanto uma tomada de posição, um corpo postado num espaço de luta. “Vozes, por natureza particulares e concretas” (ZUMTHOR, 2000, p.16), concretas como um fato social. A voz humana constitui em toda cultura um fenômeno central. “Colocar-se, por assim dizer, no interior desse fenômeno é ocupar necessariamente um ponto privilegiado, a partir do qual as perspectivas contemplam a totalidade do que está na base dessas culturas, na fonte da energia que as anima, irradiando todos os aspectos de sua realidade” (ZUMTHOR, 2000, p.13).

A descrição que Nêne esculpe do professor, denuncia as relações de “pedra lascada” vigentes no campo, à época. A autoridade anunciada por um título, um cargo, uma condição de nascimento não raro ultrapassava as fronteiras do corpo. Por outro

lado, com a possibilidade de estabelecer relações, tinha-se, de súbito, a domesticidade instalada. Ou párias ou irmãos. *Puxava o cabelo de arrancar. Como é que pode?! Tinha muito caboclo, polaco — ele judiava muito. Todo mundo reclamava, daí veio a Aninha Kaminski ... eu ia pousar com ela ... ela era madrinha da minha irmã Madalena.* Da fazenda para Palmeira, do gado ao feijão, Nêne descreve uma performance onde se estabelecem relações entre o texto vivido, seus intérpretes e aqueles que circulam ao redor. Um parêntese de festa se circunscreve aonde todos protagonizam a alegria do encontro com a música, com o ritual. Era o baile, espaço imemorial de celebração das relações, ou da fartura dos grãos recompensando o trabalho. “Portanto, a memória não é livro senão em figura: ei-la designada palavra viva, da qual emana a coerência de uma inscrição do homem e de sua história, pessoal e coletiva, na realidade do destino”. (ZUMTHOR, 1993, p.140).

No rastro da oralidade, ZUMTHOR (1993) mapeia o percurso da voz ultrapassando o conceito real mas simplista de transmissão das narrativas na fundação do fato histórico e lança-a como ato fundador da transformação que o homem produz na busca de si próprio e na fricção com a alteridade coletiva. Pura abstração, a oralidade ocupava-se da historicidade de um tempo velho, em que o saber circulava com os “portadores da voz poética”, do século XI ao século XVII, nas “terras flamengas, escandinavas, bálticas, a própria Europa Central” (p.56). As notícias dos tempos, dos idos, dos feitos, exalavam de *performance* espontâneas e ou especializadas, jocosas ou dramáticas, numa estratégia de reinserção de atores que vagavam ora num nomadismo de periferia, marginal; ora numa manifestação de aventura e eloquência que cativava círculos nobres. Com acentuado poder mítico de evocar a associação da falta e o poder divino que alça o humano despojado de carnalidade de sentido, ao avesso das coisas; esses homens da voz, homens livres da visão comum, deslizavam numa estranha mobilidade social, da “cambulhada” ao rei, construindo um inequívoco e abundante documentário. Esse movimento engendrado pelo tempo, “preparava o advento do nosso ‘homem das letras’, cujos mais antigos espécimes se encontravam na Itália do século

XIV, na Borgonha e na França do fim do século XV” (p.65). Entre marginais e loucos, embaixadores, mensageiros, menestréis e cegos; a esses portadores da voz não se pode negar o lugar de destaque e de posseção do deus ao demônio. Sua inserção se dá com uma espécie de ludicidade onde a palavra opera como órgão e mestre, manifestando seus deslocamentos no espaço e no tempo, ensejando desabafo e ruptura prospectiva e redenção na construção efêmera de um espaço plenário da voz humana. Essa voz investida de valores psicofisiológicos, míticos e sociais, essa voz por si só confere ao intérprete, autoridade. Essa voz presentifica o corpo do qual emana, modula a cultura comum, despojando o signo no que comporta de arbitrário, num convite ao reconhecimento de sua origem que é a carne — própria, social, do conjunto. A voz lança o corpo como operador na alquimia da sociedade, fundando uma lógica tácita de pertencimento. A voz lança o sujeito no dizer poético, linguagem da qual ele provém, e só aí “a linguagem se torna verdadeiramente signo das coisas e, ao mesmo tempo, significante dela mesma” (p.74).

“Tal é, em seu enraizamento sociológico, o universo da voz, onde nada da existência coletiva, nem mesmo da realidade ambiente, pode ser percebido e entendido a menos que passe pela voz” (p.91).

Escutar esses velhos é surpreender-se numa arena teatral. Os personagens vão se exibindo lentamente. Utilizam figuras de linguagem nas quais nos situamos, e imediatamente quedamos, deserdados. Aqui, não há referência. Fica a graça, a surpresa. Ali, a Nêne, lentamente, tão doce, se nos apresenta — ela mesma inconformada — travestida para espiar o namorado! Ou safada, bobeando com o polaquinho e depois a tal história do convento ... Tão único! Tão comum! “A experiência vocal, quer-dizer e não-dito teria assim coincido com uma abertura do ser”! (ZUMTHOR, 1993, p.132). Os jogos que desdobramos com a voz na construção de personagens que nos apresentam o caminho que queremos escolher, na performatização das possibilidades. Depois das brincadeiras, os percalços com a vida — tão parecidos! E enfim solitária, Nêne a caminho do sonho — a casa! Na memória um marido que na sua via soube ser pai e um projeto — com a casa, uma vida própria.

E quem é que resiste àquele bailado?! Aquele do sonho com a espumarada branca, a água varrendo a rua ... a dança! Nesse cenário “a palavra vem aos ouvidos à maneira do vento que sopra” (ZUMTHOR, 1993, p.129). O autor nos adverte para além das rupturas aparentes ou reais: “o texto se prepara para entrar em performance, para integrar-se ao movimento de um corpo, em sua verdade vivida, ao abrigo de todo seqüestro racional” (p.162). Nêne comemora: sua casa - corpo é música. E essa voz focada como manifestação particular, nesse tempo e lugar, é também um discurso vivo, uma metáfora dos discursos de todos amparada no grupo social. A tensão revelada ora pelo movimento infinito do ator, ora pelos limites do discurso, constitui-se entre a palavra e a voz, entre a abstração da linguagem e a espacialidade do corpo. ZUMTHOR (1993) entende que graças a essa peculiaridade na comunicação é que o texto oral não se esgota jamais, não preenche nunca todo o seu espaço semântico. Ao contrário, pressiona ainda o desejo de transmitir, atravessar o vivido e circularmente voltar à ele enriquecido de novas significações. Ao sujeito, trata-se de postar-se numa instantaneidade — o tempo da coisa — a realidade material de uma vida revisitada. A voz “confere-lhe, se não a única existência, pelo menos uma outra, definitiva enquanto socializada, conforme uma intenção original” (p.165).

Erwin não teve escolha. Era fugir ou fugir. Não tem necessidade de deter-se aí. *Não acho importante contar a minha história ...* Fizeram o que tinham a fazer ele e Fany e bancaram suas escolhas, cada um a seu modo e na sua medida. A Erwin cabia ganhar dinheiro e circunscrever um lugar. A esse dever ele dá o nome de missão. Uma missão em três tempos: *como professor* (na montanha); *reflorestando com imensa, com incrível, com incomparável paixão; e agora na quarta juventude, no pincel*. E Erwin sem dúvida, é um homem que se entrega — *O amor pelas orquídeas me força a pintá-las*. “A ação vocal implica uma libertação das imposições lingüísticas; ela deixa emergirem as marcas de um saber selvagem, proveniente da própria faculdade da linguagem, na complexidade concreta e no calor de uma relação interpessoal” (ZUMTHOR, 1993, p.160). ARENDT (2001) trafega na química de legitimidade que a transmutação do íntimo em público opera — “a presença de outros que vêem o que vemos e ouvem o que

ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (p.60). Erwin revela-se um profundo conhecedor da natureza humana e um amante disciplinado da vida. Morar na *toca* é habitar a casa-Fany, mas não nos apressemos, não se trata de nostalgia: *Eu podia te contar me lembrando, querendo lembrar — que não faço — água passada não move moinho*. Erwin literalmente, laboriosamente rega e zela pelo seu presente com uma lucidez ativa do que lhe escapa, usando e abusando de todos os recursos disponíveis para que os significantes de sua vida continuem a florescer, saudáveis, verdadeiras vozes que ele cultiva para que lhe retornem o próprio. *Menina, eu ainda conservei a faculdade sensória de sentir alegria ...; eu tenho ainda essa faculdade, ainda não perdi de enxergar isso ...; para não ficar reduzido ao passado; viver agora, cada dia ..., passado — deixa; futuro — sonhe e execute*. Erwin é um botânico. Ele compreende o ciclo vida x morte na dinamicidade em que esse movimento, que ele preserva, invade a *toca*: *Esse pinheiro, a Fany plantou, cuidou daquele, esse xaxim não quero que corte ...* Ele mesmo, de pé, às custas de tantas rezas da Fany-regas. Hanna ARENDT (2001) desvela a esfera pública como seara do relevante, útil, necessário, digno de ser vista, digno de ser ouvido. Adverte, à esfera privada destina-se o irrelevante que caracteriza-se pelas pequenas coisas, sintagmas circunscritos a um texto doméstico que contém e relacionam o encantamento do cuidado, da ternura, da cumplicidade na construção de objetos amorosos dignificados pela produção de sentido — cúmplices. Diz a autora em “A Condição Humana”, e Erwin concorda com ela, pois vive isso, que esse encantamento do privado pode estender-se a grupos, etnias, sem perder a característica de “recanto puramente humano” no mundo em oposição a rotação frenética da industrialização que “destrói constantemente as coisas de ontem para produzir os objetos de hoje”, (p.62) fetiches devoradores do irrelevante que faz história. Por outro lado, o mundo como esfera pública, “como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre homens. A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer” (p.62).

Erwin envaidecido revela a alegria da conquista da nova pátria: *sem jogar confete, me achei nessa terra!* Contabiliza as florestas, o montanhismo técnico, o acervo do Jardim Botânico, os projetos do futuro, os sorvetes e as pipocas. Realizar-se e alegrar outrem lhe faz censo?

Essa sua aparente displicência, é um jeito carinhoso de conter certa presunção pelo realizado, e também uma tentativa de não dramatizar os limites evidentes que lhe freiam a energia, impondo paciência e tolerância para consigo mesmo. Seu debate subjetivo e sua condição física dobram-se a sistematização científica que ele se impõe. Erwin diligentemente lega seus caminhos à um batalhão de amigos, simpatizantes e admiradores, com uma lucidez arendtiana de que “o mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro: pre-existia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência. É isto o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao advento e à partida das gerações na medida em que tem uma presença pública. É o caráter público da esfera pública que é capaz de absorver e dar brilho através dos séculos a tudo o que os homens venham a preservar da ruína natural do tempo” (p.,65). Erwin parece apreender muito bem essa lei. Orgulha-se de seus herdeiros e investe decidido na sua imagem pública, garantindo que os signos de referência continuem em movimento. Ele dá entrevistas, faz discursos, anota num caderno todas as visitas que recebe e lhes oferece um delicioso pão de mel caseiro, numerado. BEAUVOIR (1990) desfila no capítulo “Descoberta e assunção da velhice — vivência do corpo” do seu livro “A Velhice”, inúmeros depoimentos de velhos memoráveis. Começa com Goethe falando da surpresa diante da senectude; dela mesma, que conclui “velhice é um destino, e quando se apodera da nossa própria vida, deixa-nos estupefatos” (p.347). Mas a sua linha de reflexão define — envelhecer é “uma relação dialética entre meu ser para outrem e a consciência que tomo de mim mesma através dele” (p.348). Ou seja, são os outros que percebem com mais clareza

esse “novo estado de equilíbrio biológico”. As próprias modificações funcionais podem ser silenciosas. As pessoas em geral desenvolvem uma ativa tranqüilidade a esses sinais “tão leves”, concedendo mais atenção a uma doença, talvez pelo caráter efêmero que habitualmente uma doença tem, em oposição ao estado definitivo que o envelhecer condena. E então um estranhamento: estar velho é habitar normalmente um estado anormal. Essa relação aparentemente desconcertante, parece autorizar uma grande maioria ao abandono do auto cuidado e do auto interesse, provocando uma espécie de realização do estigma — é verdade, os velhos são mesmo uma espécie inferior. “Lou Andreas Salomé perdeu os cabelos em consequência de uma doença; até ali, ela sentia-se ‘sem idade’; confessou então, que se encontrava ‘do lado mau da escada’ (p.352). Ou Proust quando enxerga no lugar da avó, uma mulher velhíssima. E ainda, Simone e Sartre ouvem um comentário que os surpreende: “Acabo de encontrar o amigo de vocês, Pagniez, acompanhado de uma velha senhora” (p.354). Eles nunca haviam pensado na amiga sob essa descrição; ficaram perturbados. Yeats, idoso: “Estou cansado e furioso por estar velho; sou tudo o que era, e até mais, mas um inimigo atou-me e torceu-me de tal maneira que posso fazer planos e pensar melhor do que nunca, mas não posso mais executar o que projeto e o que penso” (p.365).

Seja pelos outros, seja pelos limites do próprio corpo, a velhice se instala e exige lastro: uma voz que identifique um corpo habitado e que se faça ouvir — uma voz que sustente o irrelevante como um convite ao espaço público, de relevância. Uma construção que pressiona em números o coletivo e define a identidade de um sujeito, as dimensões de um universo vocal, um certo acordo entre o verbo e essa voz. Uma “força vital que emana da multiplicidade e da diversidade de todas essas gargantas, essas bocas que sucessivamente a assumem” (ZUMTHOR, 1993, p.53).

Conceição não tem idade. Ela é uma velha sem tempo. Não há dúvidas de que seja velha, mas é só isso — velha. Não é velhota nem velhinha. Cabe-lhe melhor senhora, ela é posuda. E tem uma voz! Clara, forte, decidida. Conceição a-do-ra falar e se transporta inteira no tempo: *Tinha um café ali, bem no miolo comercial e todos os homens ficavam parados ali na porta.* Ela mesma adverte que sua vida *não é vida de*

dar exemplo não! Refere-se à sua separação, uma decisão solitária e solidária que prescindiu da aprovação dos pais, dos laços com a família do marido e mesmo da igreja. *E tem qualquer coisa aí que eu não quero nem saber!* Voltamos aos detalhes, à Inglaterra, tráfego solto, as descrições são importantes, compõem a linguagem como “lugar das relações do homem consigo mesmo, com os outros, com o mundo material, com Deus” (ZUMTHOR, 1993, p.132). Surge a circunscrição da fazenda, a irmã que era santa, a autoridade da mãe, o forte apelo religioso da família, o preto que nasceu para ser escravo, os homens que casam logo e, as mulheres que dão trabalho. Inesperadamente a violência nos devolve ao Rio, à prole dos irmãos que perpetuam o nome da família e a tal fragilidade da Conceição! Para ZUMTHOR (1993) a voz que circula gera a consciência comum da mesma forma que a linguagem cria a sociedade que a fala. Conceição situando a história de sua vida recria as condições de casta e de gênero que estão na gênese de nossa civilidade, atualizando questões que ainda hoje fermentam nossos debates políticos como o trabalho escravo ou a violência contra a mulher. ... *os homens ficavam parados ali conversando de modo que mulher não podia passar de tão apertada que era a mentalidade dos campistas.* A voz “não cessa de cobrir e de descobrir um sentido que ela ultrapassa, submerge, afoga, projeta e que parasita seu maior poder” (ZUMTHOR, 1993) que é o de ressoar, ainda: *como é mesmo uma pessoa de 100 anos?*

Platão em A República sibila na voz de Sócrates: “eu também me comprazo bastante, Céfalo, em conversar com pessoas de idade avançada ... Teria muito prazer em ouvir-te discorrer a este respeito, uma vez que já atingiste a idade que os poetas denominam soleira da velhice, mais ou menos 80 anos: é a fase mais difícil da vida, ou como a consideras?”

Sim, por Zeus, me replicou; vou expor-te Sócrates a minha maneira de pensar. Por várias vezes, já me tenho encontrado na companhia de alguns velhos mais ou menos da minha idade, confirmando com isso, antigo brocardo. Quase todos, durante a conversação não paravam de lamentar-se, de lastimar a perda dos prazeres da mocidade e de evocar as delícias do amor, da mesa, as comesainas e outras de igual espécie, mostrando-se acabrunhados ante a perda de tão preciosos bens. Aquilo é que era vida, comparada com a de agora! Alguns se queixam dos familiares, acusados por eles de não tratarem os velhos com o devido respeito, e não cessam de entoar a trenodia da velhice e dos transtornos que esta lhes acarretou. Mas, a meu ver, Sócrates, eles não insistem na verdadeira causa. Se a causa fosse a velhice, eu também teria de passar por tudo aquilo, como tantas outras pessoas que alcançaram a minha idade. Ora, nesse particular já tenho encontrado muitos

velhos com os quais nada disso aconteceu. De uma feita, mesmo, estando eu na companhia do poeta Sófocles, alguém lhe perguntou: como te achas, Sófocles, no que respeita aos prazeres do amor? Ainda consegues unir-te a mulheres? Ao que ele respondeu: cala-te, amigo! Estou mais do que satisfeito por me haver libertado disso, como quem conseguiu escapar de um senhor despótico e violento! Suas palavras, então, me pareceram muito belas, e até agora não as considero de outra maneira. De fato, de todo modo a velhice traz consigo paz e liberdade: quando as paixões afrouxam o seu domínio e deixam de se fazer sentir, confirma-se plenamente o dito de Sófocles: livramo-nos de uma turba de tiranos enfurecidos. Sobre isso e as queixas relativas aos familiares, a causa é uma só: a velhice não tem culpa, Sócrates, mas o temperamento de cada um. Para quem sempre viveu com ordem e simplicidade, a velhice é um fardo suportável; de outro modo, Sócrates, tanto a velhice como a mocidade são penosas para qualquer pessoa” (PLATÃO, 328, a-b-c-d).

Enrique nos pega pela mão e nos leva a passear em outros ares. O cenário é diferente, mas nós brasileiros somos tão íntimos das diferenças! Das diferenças e dos sotaques. Enrique insiste, apresenta detalhes. Ele é minucioso e são muitas as testemunhas: livros, quadros, objetos, fotografias. Sua vida é toda documentada. É como se a voz não fosse suficiente. Enrique quer dar provas. Como sobreviveu àquele pai, como foi alçado à outro mundo, como entrou nos livros e nas instituições. Como foi testemunha das grandes cenas — as descobertas científicas, as guerras, as novas formas de relacionar-se, o ativismo político, os riscos como estrangeiro, a mulher emancipada e culta, o racismo e Mister Drake. Ainda, a Inglaterra pós-guerra — Paris. E depois a sobrevivência! “A música e o ritmo do discurso: tons de confidências, rasgos irreprimíveis de jactância, convite à cumplicidade, demonstração de orgulho, luta, coragem. Como um escultor, que persegue avidamente a forma aprisionada na matéria bruta, a linguagem esculpe sua revelação na sintaxe narrativa, nas notações temporais, no estilo, nos fenômenos de recorrência: ‘o texto dá a palavra a si mesmo, e esse refrão não cessa de reivindicar para a narrativa a verdade do que se fez ouvir e prova a sonoridade de uma voz’ (ZUMTHOR, 1993, p.203) — o cinzel em ato, revelador.

Para Platão a velhice é um efeito de vida. Uma consequência dos passos, o resultado de um estilo. Para Enrique, é o tempo necessário da escolha: *e foi aqui no Brasil que eu finalmente conquistei o meu lugar. Eu tenho uma paz interior total, não devo nada a ninguém, cumpri com todo mundo! Eu me sinto em paz comigo mesmo.*

As vozes, essas vozes dirigem-se a esfera pública. Toda voz quer ressoar para se fazer ouvir pelo próprio emissor, que é enfim tomado como objeto de sua ação original. “Só a existência de uma esfera pública e a subsequente transformação do mundo em uma comunidade de coisas que reúne os homens e estabelece uma relação entre eles depende inteiramente da permanência. Se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida de homens mortais” (ARENDT, 2001, p.64). Toda voz quer seguir desenhando a imortalidade, pois o desejo do homem é de que algo seu ou do laço que o funda ultrapasse a própria existência na constituição de um espaço que poupe as coisas da destruição pelo tempo. O íntimo habita uma espécie de irrealidade. As narrativas e as experiências artísticas imprimem ao íntimo, fazendo-o ecoar na presença de outros, a realidade do mundo e dos homens.

6 CONCLUSÃO

Mais do que conceituar velhice, contextualizamos velhice. Nas pegadas de BEAUVOIR (1990), interessa-nos contrapor à conspiração do silêncio; a Voz. Não mais a voz dos que, condoídos, recriminam a cultura. Mas a voz dos que, imersos em velhice, produzem cultura. Todo espaço da vida social pode ser vocalizado. Há os que falam. Esses que sobrevivem ao espectro da doença que silencia. Se bem que mesmo aí, há texto. Mas sim, o esforço de leitura é outro. Há que se querer saber. De qualquer forma, há que se querer saber disso — da ação do tempo, no tempo; e o desaparecimento.

Em se tratando de pessoas velhas, por princípio já habitamos uma esfera de entendimento afastada de uma pueril expectativa sobre o mundo. Todas as narrativas contemplam a luta no viver. Todos, guardadas proporções singulares, atravessam um certo positivismo, um certo caráter romântico, ingênuo — redomas de ignorância — alfabetizando-se ao longo do percurso; construindo-se pessoas, embalados pela voz que estava antes, que reencontraram com uma sonoridade própria e que legarão à aposta imortal de um som que segue angariando ressonâncias. Literalmente, acompanhamos pessoas produzindo sentido, numa interlocução com o seu tempo, sob as prescrições de uma época — contextos sociais. “Pouco importa, narração fictícia ou confissão autobiográfica, o texto traz seu próprio sentido, engendrando neste lugar utópico, em que ressoam os ecos do mundo contra o qual ele se constrói, assimilando-o” (ZUMTHOR, 1993, p.291).

Para FREUD (1969), “o sofrimento nos ameaça à partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado a decadência e a dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro” (p.95).

ELIAS (1991) previne que o mundo como é está longe de corresponder aos desejos humanos. Os desígnios dos céus, ainda e mais uma vez inescrutáveis recusam

os cabrestos das leis que lhes tentamos encilhar, revelando-nos massivamente sua natureza indômita, que nos devolve um certo desconforto quanto a natureza domesticada que habitamos. Mas não é necessário ir tão longe. Esse susto, esse desalojar da nossa grandeza construída pode ruir diante de um ciclone, uma inundação, ou mesmo diante da velhice que se insinua no nosso espelho, quiçá pequenos desafios como a letra da lista telefônica. Continuamos dotando o mundo de sentido, báscula que desenha percursos que vão da natureza demoníaca à idealizações da Mãe, numa intenção de intensidade que não se confirma necessariamente nem mesmo no homem diante de outro homem. Poucados e condenados, os próprios velhos no silêncio, são cúmplices do tapete de foca do esquimó que lhes reserva um túmulo de gelo (RUESCH, 1996). A exclusão “não significa para muitos homens apenas uma pura e simples ameaça à sua vida, mas, ainda, uma ameaça à sua existência social, representando, assim um grave perigo para tudo o que, aos seus olhos, dá sentido e valor à vida” (ELIAS, 1991, p.110).

Atravessar esse continente produz efeitos. O deslocamento elaborado no viver a vida, ensina; põe a prova nossas bagagens de saber, exige o que não se tem.. Revisitamos as certezas, resistimos, consentimos. Quem sabe, olhando-a de frente — a vida — podemos colocar-nos a questão que nos persegue à cada um, se não antes, na velhice ainda, de “quem sou?” Desenha-se então um privado e em oposição, o público.

Argentina e Celso debatem-se com o corpo. Ela preocupada com a dependência que lhe corrói a identidade; ele, com o silêncio que a morte enfim impõe ao seu trânsito. Seus corpos esgotam-se, gastos. As cabeças temerosas com a lucidez — um descompasso!

Atualmente sou uma vagabunda que não faz mais nada. A ação do tempo conspirou Campinas e faz eco à sua dor, solidariamente abandonada, mal administrada. Nem mesmo o Rio que era uma delícia escapa da negligência dos homens. Entre as críticas sociais e a dependência, Argentina foi achando que era uma coitadinha e deixando os projetos, ocupada com a violência e os desajustes que descobre no seu corpo e no mundo. Nessa idade (leia-se pós-fratura) é muito difícil,

você olhe, porque a cabeça ajuda, mas o físico não ajuda mais. Ela enfim tem um encontro com *essa autoridade que manda porque manda* e o efeito é de paralisia e silêncio. “O corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso. O corpo dá a medida e as dimensões do discurso”. (ZUMTHOR, 2000, p.90). Acuada, Argentina se retira do mundo: *Agora, eu cuido do cachorro.*

Celso, com ZUMTHOR (2000) compreende que o mundo é “este” mundo, o mundo onde estamos, o mundo que somos” e que não é um mundo de verdade, mas de desejo” (p.125). Celso conhece essa seara e com humor refinado ensaia mais uma investida política: quer *um prazo mais dilatado*. “A voz repousa no silêncio do corpo. Ela emana dele, depois volta” (ZUMTHOR, 2000, p.99). Portanto a circularidade mantém o movimento como vida, até que essa se extinga. A morte não precisa constituir-se numa asfixia social que estanque um sopro que tem seu tempo. Ao sopro, realizar-se todo, até o seu fim, como algo que se conclui, isso é do mundo. Celso faleceu aproximadamente dois meses após as entrevistas.

“Lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos receios e fantasmas culturais, o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico. Cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua. E, do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa” (SANT’ANNA, 1995, p.12). Habitar um corpo que lentamente se alfabetiza para a morte é um processo solitário e coletivo. Quando há um corpo que morre, há também um sujeito para morrer essa morte e este é um ato humano que exige a presença de homens.

Erwin mantém um equilíbrio — se não posso isso, posso aquilo. Sua luta pela liberdade o trouxe ao Brasil e Erwin aprendeu que, os sonhos, é melhor tê-los na mão. Sob sua responsabilidade, no que acompanha FREUD (1972) — sonho é trabalho! Envelhecer também.

O mundo externo impiedoso é igualmente o tempo. Nenhum deles lhe é indiferente no seu relato. Esse túnel biológico, social e subjetivo projeta, como num grande caleidoscópio, cenas que os constroem numa linha ordenada de sentido para em

seguida, num átimo, as cores serem projetadas em novas direções, alterando o cenário e o protagonista. Não há como deter-se nele, a não ser em nacos roubados de reminiscência, viagens mais verdadeiras que os próprios fatos pois enriquecidas de interpretação, de posse, de autoria — no prumo da voz que confere um lugar — e de novo, um lugar.

Essas vozes nos demonstram que as humanidades submetidas como sugere Freud, se realizam. Essas humanidades, no tempo, compõe histórias. São materialidades, vidas expostas que testemunham. Elas se avolumam e roubam espaço. Lavas teimosas que se infiltram, petrificam-se em real. Zezé define a persistência: *Eu sou caxias naquilo que eu quero*.

É isso, os velhos existem.

Esses, sobreviveram até aos relacionamentos entre homens; como testemunha Enrique, áduos, espelhos fiéis de nossa natureza em comum, humana e realizada nesse atrito impossível e único. Mananga é pontual: *ter um problema é uma coisa, mas a gente tem que enfrentar os problemas!* Então, o que as narrativas apresentam é uma travessia possível, uma releitura das urgências, o humor depois da necessidade. A Nêne diz muitas vezes: *quanta bobagem! Mas que bobagem!!* Ela está verdadeiramente surpreendida diante daquelas cenas e sua expressão é deliciosa. Tanta singularidade num mesmo universal — a chácara reconstruída, a boneca no pau, sua safadeza com os homens que não vêem o mundo, e a luta. É possível rir de si mesmo! Cada um, antes, tão sério. Esses encontros com suas vidas produzem paradoxalmente um distanciamento. Coisas do tipo “eu era assim!! Agora sou outra!” Talvez Sófocles tenha mesmo razão: “livramo-nos de uma turba de tiranos enfurecidos quando as paixões afrouxam o seu domínio ...” (PLATÃO, 328, c). Se bem que a velhice não vem com esse selo de garantia. Não temos lastro cultural para esse desfrute. É antes uma conquista, uma construção. E nem sempre possível. Existe o acaso, o acidente, o inesperado.

Enrique, tão respeitável, tão eficiente, tão perseverante; Enrique voltou “cem vezes ao tear” (LACAN, 1979, p.323) numa fúria em atar o laço que o fado lhe

predestinava — não, ainda; desta vez. ARENDT (2001) aduz “para o indivíduo viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida, verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação ‘objetiva’ com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da privatividade reside na ausência de outros; para estes, o homem privado não se dá a conhecer, e portanto é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros” (p.68).

Conceição não cede. No esteio que sua história lhe confere, faz uma escolha, quando, por lei divina — além da lei dos homens — estava interdita: *Eu morei num hotel durante cinco anos. Foi horrível porque eu tava pensando que ia ter a minha casa. Malas e malas de enxoval e eu não podia usar nada!* Sua indignação pergunta por seu desejo de exercer uma ocupação pessoal de seus sonhos. Instalar-se como figura central num projeto de vida comum que referendasse aonde se volta depois que se vai, orientado por impressões digitais, inconfundíveis, coordenadas domésticas que fundam compromissos. Todo seu arsenal de monogramas em malas, signos de trânsito eminente, de passagem. Não há pacto, é uma zona de fronteira que não lhe escapa e não lhe convém.

Num paralelo que desenvolve entre esfera privada e esfera pública, ARENDT (2001) vale-se de características da cidade de Atenas, observando que as casas, reduto prático e simbólico do privado, desenhavam por exclusão um espaço entre elas que simultaneamente as abrigavam e as separavam uma da outra. Essa linha divisória era tomada como lei, numa declinação da autora do significado da palavra grega *nomos*, e *nemein* — possuir o que foi distribuído: “Era bem literalmente um muro, sem o qual poderia existir um aglomerado de casas, um povoado, mas não uma cidade, uma comunidade política. Essa lei de caráter mural era sagrada, mas só o recinto delimitado pelo muro era político” (p.73).

A autora conclui que ser político correspondia a mais alta esfera de existência, mas não ter um lugar próprio retirava o homem da condição humana. Deprendemos do texto que privado e público estabelecem uma espécie de correspondência, um movimento criativo entre o oculto e o exposto. Mas ARENDT (2001) sinaliza com seu conceito de labor — a parte corporal da existência humana e seu empenho na produção de suas condições de vida, que sempre esteve escondida na privacidade e repudiada na esfera social — que estar adstrito à necessidade não é coisa de homem. É possível então o paralelo com “O Processo Civilizador” de Norbert ELIAS (1994) e a construção do pudor e das maneiras à mesa. O complicado é que esse esmero em civilizar-se, produz na contemporaneidade o rechaço do velho às cenas privadas, onde enfim a necessidade se realiza, alijado do público e portanto, em solidão. Ou exige dele capital social (BOURDIEU, 1987) que equilibre as desvantagens “naturais” e evidencie, num ganho secundário à sociedade, a possibilidade de se habitar a velhice em tão avantajada situação.

A degeneração do corpo e a proliferação de velhos, produtos da ação do tempo e da ação do homem, pertencem ao mundo, como a salsugem aos cascos dos navios, efeito do atrito no movimento. O esforço do homem em extrapolar-se à outras esferas que não o mundo, revela sua ambição em desfazer-se das maldições de sua natureza humana: a mortalidade, o mundo físico e o próprio homem. O afastamento irresponsável dessa condição humana determina a propagação do movimento de estranhamento do mundo, promovendo rupturas com instituições como autoridade e tradição. ARENDT (1972) alerta que o mundo, por ser uma construção de mortais, possui intrinsecamente um destino também mortal. Dessa circunstância advém a necessidade de cuidar do mundo: “Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se em passado, presente e futuro; é essa inserção que cinde o contínuo temporal em forças” (p.37). A inserção do homem quebra o fluxo unidirecional do tempo interrompendo o contínuo, inaugurando o novo e o término. O comportamento negligente do homem denuncia sua recusa diante da morte — o repúdio ao velho e a

displacência com a infância. A interação entre as gerações é que veicula, no mundo, a possibilidade do homem construir-se um “ser para a morte”, ou seja, a transitoriedade — a dignidade do velho e a emergência do novo.

A voz, com uma liberdade que já é destino, recolhe do homem essas esferas estratégicas e as apresenta, alheia às intenções dos sujeitos. Baby tenta situar o descompasso entre essas circunscrições, mas intui, vencida: *a vida não tem sentido nenhum!! Não sei porque falei tanto!*

“A voz se apresenta como o enigma da realidade humana. Enigma, visto que não pode ser pensada nem como o lugar da presença, nem como o saber da representação. Ela é a relação incessante dos dois, irreduzível a nenhuma das duas ordens que articula e justamente porque as articula. Ela é, no saber, a subversão do lugar, e, no lugar, a subversão do saber: é a passagem de um ao outro, é a própria travessia. Se assim é, a voz em sua enigmática travessia funda, ao mesmo tempo, o sujeito e o Outro (cultura), sem que jamais pertença nem ao sujeito nem ao Outro” (ZUMTHOR, 2000, p.220).

A voz privativa, ressoa em direção à alteridade. Essa báscula referenda uma direção e um compromisso para os vivos.

A velhice, na contemporaneidade é um desafio. Apesar dos avanços em civilidade que conquistamos ao longo da história e dos progressos tecnológicos e científicos que inscrevem uma sobrevida coletiva significativa, as advertências freudianas persistem: sofremos com a decadência do nosso corpo, com as intempéries da natureza e nos relacionamentos com outros homens. Mas é exatamente nessa fricção que nos construímos como homens, celebrando em alguns momentos de nossas vidas, como podemos observar nas narrativas; centelhas do divino que nos concerne: a possibilidade de transformação de nós próprios, cada um a seu tempo.

O desafio desse trabalho reside em materializar no discurso, a questão subjetiva e singular subjacente a cada velhice vivida, desenhando a visibilidade de uma categoria sociológica. Para não cair num engessamento conceitual que aprisione o sujeito em determinismos fáceis, tratamos da voz e da poesia como condição plural de

um discurso que tem seu tempo e seu norte mobilizados pelo lastro de um existir em conclusão. Não que se trate de vidas acabadas, mas sim, de vidas vividas. Mais do que podemos saber, vetorizados que estamos cada qual de nós, pelos significantes equacionados no encontro com o outro, em movimento. Eles, os velhos, nos informam isso — o percurso e a importância arendtiana da inserção entre homens, o acolhimento entre pares. O desafio e a inquietude das diferenças sociais, culturais, econômicas, de raça, credo e gênero. E, principalmente, o persistir como homem, na dignidade que o aval do grupo atesta e o isolamento arruina, já que o íntimo habita sem a dialética, uma espécie de irrealidade.

Para que essa condição humana se sustente na velhice — a do velho continuar sendo homem, ou a de finalmente vir a ser homem — faz-se cláusula ser tratado como tal.

O homem velho, de forma geral, perdeu seus interlocutores geracionais. Agrada-lhe ser tratado como par. O excesso de formalidade o mantém à distância, isolado, como instituição.

Nesse recorte de tempo em que recolhemos as narrativas, visitamos inúmeras impressões. Todos eles são velhos, frágeis, lentos, com exceção da Zezé que é altiva, firme, empertigada. Mas quando começam a falar, inicia-se um desfile de personagens os mais diversos. Conceição toma uma pose! Argentina oscila. Ora animada, ora o olhar procura o cão. Baby fica cada vez mais humilde, mais exposta, mais próxima e também mais dolorida. Mananga dança, empinada. Ana Luísa ri muito, seus olhos ganham volume — é brilho. Celso, ultrapassada uma fase lenta, ou uma fagulha de formalidade, trai no sorriso contido ou no olhar de canto, um gosto pelo dito. Ele também se entrega, e gosta disso. Erwin está acostumado. Ele cresce muito quando fala e é um susto quando nosso olhar, num intervalo, encontra aquele homenzinho branco, onde tudo é pequeno, menos as mãos e a voz. Enrique é profissional, compassado, organizado, sistemático, claro e profundamente sensível. Enrique é sôfrego de interlocução.

O homem velho quer ser ouvido porque tem muito a dizer. Mais do que isso, ele precisa dizer. A fala é um exercício de humanidade, uma atualização e uma presença. A voz que a exerce, ultrapassa sua origem e circunscreve um destino. O homem precisa da voz inclusive para poder morrer como homem!

Mas essa presença do velho nas estatísticas e nas esquinas, assinala também o percurso de desenvolvimento do Brasil como entidade social, econômica e política, inserido ele mesmo numa etariedade e num tempo. Habitamos um país recentemente jovem. Atualmente um país que envelhece, e portanto, num espaço de considerar o tempo e a própria história. Ouvir o velho é mais que uma concessão bem intencionada aos cabelos brancos. Ouvir o velho é dimensionar a história. É aprender o movimento da vida no desenrolar da memória, do vivido, da possibilidade de influir no próprio destino. É atualizar-se, criar parênteses no tempo, voltar-se para a poesia, para o não sentido, para as viagens bachelardianas, Alighieri, Freud, Lacan, Wacquant e Shakespeare. É pousar a atenção um pouco mais e concluir que o antes está no agora e que faz a diferença no futuro.

O velho é sim, uma âncora, um lastro que sustenta que as palavras ainda tem poder. Portanto, essas narrativas tem direção própria, mas também muitas outras, porque a beleza que as envolve emana do que eles rememoram e no mais além, que eles rememoram.

Um país que ouve seus velhos tem memória!

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. **De magistro**. São Paulo : Abril Cultural, 1984.
- ALIGHIERI, D. **Obras completas**. São Paulo : ed. das Américas, s/d.
- ARENDT, H. **Entre passado e o futuro**. São Paulo : ed. Perspectiva, 1972
- _____. **A condição humana**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro : ed. Guanabara, 1981.
- BACHELARD, G. A poética do espaço in **Os pensadores**. São Paulo : Abril Cultural, 1974.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1990.
- BOBBIO, N. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro : Campus, 1997.
- BOSI, E. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo : Cia. Das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 1987.
- _____. **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.
- CABAS, A. G. **O sujeito e a cultura**. Curitiba : Notas do Cartel de Questões Atuais, 2002.
- DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, nº 34,, jun. 1997.
- _____. A antropologia e o estudo dos grupos e categorias de idade in **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo : Nacional, 1978
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo : Martins Fontes, 1997.
- ELÍADE, M. **O sagrado e o profano, a essência das religiões**. Lisboa : Livros do Brasil, s/d.
- ELIAS, N. **A condição humana**. Rio de Janeiro : ed. Bertrand Brasil, 1991.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1993.
- _____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994.
- _____. **Mozart – sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1995.
- _____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998.
- _____. **A solidão dos moribundos, envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, ed., 2001.
- ESTATUTO do Idoso. Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003. Brasília, Distrito Federal.

- FREUD, S. **A interpretação de sonhos**. Rio de Janeiro : Imago Editora, 1969.
- _____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro : Imago Editora, 1969.
- FEATHERSTONE, M. A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade in **Antropologia e velhice**. São Paulo : FCH/Unicamp, 1994.
- GERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1978.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis : ed. Vozes, 1975.
- HADDAD, E. G. de M. **A ideologia da velhice**. São Paulo : ed. Cortez, 1986.
- HUXLEY, A. **A ilha**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1967.
- IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Dados do último censo com referência à população do idoso**. Brasília, 1999.
- JACKSON, W. M. **Tesouro da juventude**. São Paulo : Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1958, v.IV, p.312.
- JECKEL NETO, E. **Biologia do envelhecimento**. Rio Grande do Sul : Laboratório de biologia do envelhecimento, PUC, 1998.
- LACAN, J. **O seminário – livro 1, a palavra na transferência**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1979.
- _____. **O seminário, livro 20, mais ainda**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise in **Escritos**. São Paulo : Perspectiva, 1988.
- LANGNESS, L. L. **História de vida na ciência antropológica**. São Paulo : EPU, 1973.
- LEME, L. E. G. A gerontologia e o problema do envelhecimento, visão histórica in **Gerontologia**. São Paulo : ed. Atheneu, 1996.
- MANHEIM, K. **Ideologia e utopia: conceito sociológico do pensamento**. Rio de Janeiro : Guanabara, 1986
- MARX, K. H. **O capital, crítica da economia política**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1968-78.
- MELO NETO, J. C. de. **Obras completas**. Rio de Janeiro : José Olímpio, 1975.
- OLIEVENSTEIN, C. **O nascimento da velhice**. Baurú, São Paulo : Edusc, 2001.
- PAPALÉO NETTO, M. e PONTE, J. R. da. Envelhecimento: desafio na transição do século in **Gerontologia**. São Paulo : ed. Atheneu, 1996.
- PELLEGRINO, H. **A burrice do demônio**. São Paulo : Rocco, 1988.
- PLATÃO. **A república**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém : EDUFPA, 2000.
- PRADO, A. **O coração disparado**. Rio de Janeiro : ed. Guanabara, 1987.

POLÍTICA Nacional do Idoso. Declaração Universal dos Direitos Humanos: Programa nacional dos direitos humanos. Brasília : Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível” in **Experimentos com histórias de vida** : Itália-Brasil. São Paulo : Vértice, Editora dos Tribunais, 1988.

RUESCH, H. **No país da sombras longas**. Rio de Janeiro : Record, 1996.

SÁ, C. P. de. **As construções do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro : EDUERJ, 1998.

SANT’ANNA, D. B. **Políticas do corpo, elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo : Estação Liberdade, 1995.

SENNET, R. **Carne e pedra, o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro : Record, 1997

SHAKESPEARE, W. **Rei lear**. Tradução Millôr Fernandes. Porto Alegre : L&PM, 1977.

WACQUANT, L. **Corpo e alma – notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília : UnB, 1991.

VASSE, D. **O umbigo e a voz – psicanálise de duas crianças**. São Paulo : ed. Loyola, 1977.

VELOSO, C. Tigresa in **Bicho**. São Paulo : Gravadora Polygran, 1977.

VERAS, R. P. **Crescimento da população idosa no Brasil: transformação e consequências na sociedade**. Revista de Saúde Pública. São Paulo, 1987.

VICENTINI, M. T. **Notas de leitura da Divina Comédia de Dante Alighieri**. Curitiba : UFPR, Departamento de Letras Estrangeiras – Italiano, 2000.

ZIMERMAN, G. **Velhice – aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 2000.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo : Cia. das Letras, 1993.

_____. **Perfomance, recepção, leitura**. São Paulo : EDUC, 2000.